

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

CAIO AGUIAR VIEIRA

**A ARQUITETURA CONSTRUCIONAL DO *QUE NEM* NA LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA RELAÇÃO ENTRE USO, COGNIÇÃO E (INTER)SUBJETIVIDADE**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

CAIO AGUIAR VIEIRA

**A ARQUITETURA CONSTRUCIONAL DO *QUE NEM* NA LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA RELAÇÃO ENTRE USO, COGNIÇÃO E (INTER)SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

V714a	<p>Vieira, Caio Aguiar.</p> <p>A arquitetura constitucional do <i>que nem</i> na língua portuguesa: uma relação entre uso, cognição e (inter)subjetividade. / Caio Aguiar Vieira, 2020; orientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2020.</p> <p>123f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) -- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.</p> <p>Inclui referência F. 118 – 123.</p> <p>1. Linguística Funcional Centrada no Uso. 2. <i>Que nem</i> - Construcionalização. 3. Gramática de Construções. 4. Funcionalismo. I. Sousa, Valéria Viana (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 410</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The constructional architecture of the "que nem" in the Portuguese Language: a relation between use, cognition and (inter) subjectivity

Palavras-chave em inglês (keywords): Que nem. Construcionalization. Construcion Grammar. Cognition. Functionalism

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Almeida Baia (UESB); Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (UFF)

Data da defesa: 28 de fevereiro de 2020

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-7791>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7096769918836144>

CAIO AGUIAR VIEIRA

**A ARQUITETURA CONSTRUCIONAL DO *QUE NEM* NA LÍNGUA PORTUGUESA:
UMA RELAÇÃO ENTRE USO, COGNIÇÃO E (INTER)SUBJETIVIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 28 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida
Baia
Instituição: UESB

Ass.: Maria de Fátima de A. Baia

Prof. Dr. Ivo da Costa Rosário
Instituição: UFF

Ass.: Ivo da Costa do Rosário

Dedico este momento a Mainha e Painho que, mesmo não entendendo o mundo árduo da academia, sempre abdicaram dos seus sonhos em favor dos meus.

Com eterno amor e admiração,

INHO

AGRADECIMENTOS

Nesse longo período, desde a graduação em Letras, tive o privilégio de contar com ajuda de muitos. Agora, no Mestrado, voltei e (re)visitei as teorias linguísticas que foram caras ao meu aprendizado. Essas *gentes*, portanto, foram imprescindíveis para a realização deste sonho.

Por isso, Agradeço:

À *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)*, minha casa, meu refúgio, minha fortaleza durante esses 6 anos de relacionamento. Lembro-me da vontade de ocupar esse espaço desde a minha adolescência e, durante esse longo período de graduação e pós-graduação, foi meu lugar de muitos risos, (des)encontros, amores e conceitos que, por vezes, foram (des)construídos e essenciais para a formação do meu ser.

À *CAPES* pelo financiamento deste estudo, À *CAPES*), nos seguintes termos: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”. Acrescento que a Capes é responsável pela pesquisa de qualidade feita no Brasil e, mais do que isso, é a esperança para muitos pesquisadores que, como eu, acreditam no desenvolvimento social e tecnológico por meio labor acadêmico.

Ao colegiado do *Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin)* e a coordenação do programa que, não bastasse me acolherem como aluno, ainda me deram a grande oportunidade de ser representante discente durante esses dois anos de mestrado. Gratidão à Profª. Dra. *Maria da Conceição Fonseca-Silva* (coordenadora) e Profª. Dra. *Vera Pacheco* (vice coordenadora), além, é claro, dos *professores representantes de cada linha*, os quais, durante esses dois anos, me ensinaram que ser professor é mais que ser licenciado: é ser gestor.

À minha orientadora-mãe-amiga, *Valéria Viana Sousa*, pela presteza de me atender, pelo cuidado, pela amizade, por me ouvir sempre e pela forma impecável, através da qual sempre me apontou vários “nortes” e muitos “suls” também.

Ao apoio logístico do *PPGLin*, em especial, à *Vanvan, Lu e Jack*.

Ao *Grupos Janus* que, durante esses 6 anos, foi fomentador de reuniões frutíferas sobre variação e mudança linguística, de viagens acadêmicas e de muita amizade aliada à pesquisa.

Às minhas *colegas de Mestrado* pelos risos, desesperos (que sempre apareciam de rompante). Por sacrificarem as suas famílias e, a todo tempo, fizessem uma busca vã na tentativa de conciliar em serem professoras, advogadas, psicólogas, fisioterapeutas, jornalistas, filhas, mães, companheiras e, sobretudo, serem bipresentes. Somos corajosos pelo esforço de

nos tornarmos pesquisadores em uma conjuntura governamental que não fomenta a ciência no Brasil. Isso evidencia que pesquisar é resistência, é subversão, é transgressão ao sistema.

Sem a marca de algumas pessoas seria impossível realizar este estudo, dessa forma, *agradeço*, também:

A Sinval Medeiros Júnior (IFBA/UFBA, *in memoriam*), pela presteza de me dar segurança nas análises no núcleo duro e formal da Linguística. Nós e a Linguística sentimos muitas saudades suas. A Natival Simões Neto (UEFS/UFBA), por me mostrar, didaticamente, os caminhos construcionais e cognitivos da linguagem. A professora Maria de Fátima Baia (UESB), pelo seu jeito sereno e holístico de me apresentar a teoria dos Sistemas Dinâmicos. Ao professor Ivo do Rosário (UFF), por ser o grande pesquisador que é. Pela simplicidade, pela destreza em solucionar minhas dúvidas pelo *whatsapp*. A professora Mariangela Rios de Oliveira (UFF) pela gentileza, pelas contribuições dadas à minha pesquisa durante os eventos da área e por ser, também, o meu exemplo de pesquisadora.

Por vezes desamparado e reservado ao momento de escrita, dispus de pessoas que, mesmo indiretamente, estavam comigo numa mesma sintonia, tornando os intervalos de um capítulo para outro mais calmo. Diante disso, os *meus agradecimentos* vão, também:

À *Suzy Viana* e a *Kleber Rocha* que, em sua feição de *L'abena Odara* (ou não), operaram a façanha de me fazer rir nos momentos mais improváveis;

À *Lara Maria Pires* e à *Jéssica Caroline Aguiar*: colegas de graduação, colegas de Mestrado, colegas de desespero que, durante esses anos, foram, também, o meu descanso na loucura;

À *Lorena Oliveira*, pelos abraços, pelos cafés, pela cama confortável, pelos passeios em Salvador e por me dar tranquilidade nos momentos de aflição;

Aos meus amigos, *Daniel, Diego, Breno (Inho), Pedro Henrique Lima, Ramon e Lore* pelos abraços fortes, saidinhas e por, sempre, acalmarem minha alma;

A *Ágora*, pelas reuniões “comunistas” na casa de tia Fabi e tio Marcelo. Minha gratidão é eterna;

À família *Dialética Pré-Vestibular*, por confiarem no meu trabalho, na minha dedicação e, claro, por sempre deixarem o espaço aberto para a troca de conhecimento;

Aos meus *queridos alunos* que, sempre, mas sempre, orientam-me e ensinaram-me a ser uma pessoa mais humana e cuidadosa. Vocês foram e são a razão da minha profissão.

Finalizo este momento de gratidão reiterando que este trabalho, que ora se manifesta como Dissertação de Mestrado, não seria possível sem ajuda governamental, sem amparo de pessoas que acreditam na pesquisa e, de maneira particular, que sempre acreditaram no meu

esforço. Esta conquista está longe de ser meritocrática, pois, em essência, a pesquisa não é feita sem a demão alheia. Pesquisa é troca. É avanço no sentido mais *lato* do termo. Por fim, parafraseando *Achilles Neto*, aprendi, nesse curto período, que a vida, de fato, é um dado que ensina e por isso mesmo:

*Prefiro a **incerteza** à preferência*

*Sou um alvo forte da **surpresa**, do **medo**, do **desejo** e da **malemolência***

Eu sou mistério para a ciência!

A todos vocês que foram e são as minhas marcas diárias: o meu muito obrigado!!

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais.

Eduardo Galeano

RESUMO

Nesta Dissertação, investigamos, sob o viés da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), as mudanças construcionais e a construcionalização do *que nem* utilizada na Língua Portuguesa, principalmente, como conector comparativo. Para tanto, a partir de método misto (CUNHA LACERDA, 2016), objetivamos, i) pelo prisma diacrônico, traçar, de forma breve, as mudanças construcionais *que nem* à luz dos tipos de contexto propostos por Diewald (2006), tomando o *Corpus* Informatizado do Português Medieval (CIPM) e o *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006); e ii) pelo prisma sincrônico, analisar, pela perspectiva construcional da mudança (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2018), a construcionalização do *que nem* e a sanção de novos nós na rede linguística com base nos *corpora* do Português Popular e Culto de Vitória da Conquista – BA – *Corpora* PCVC e PPVC. Sob a ótica diacrônica, evidenciamos que o *que nem*, originado de uma estrutura típica de causa e consequência (*faz viver tal vida que nem d'el nem*), passa pelo contexto atípico (*Ca salvar-se pod'ela bem que nem um torto nom vos fez*), chega ao contexto crítico (*açafrão he melhor que nem um outro*), perde a composicionalidade e gera, por fim, o contexto isolado (*vou ficando magro e seco que nem feia perereca*). Pelo olhar sincrônico, foi possível verificarmos que houve a construcionalização do *que nem*, vez que um novo nó foi formado na Língua Portuguesa com configuração formal-funcional comparativa. Houve, assim, uma redução da composicionalidade do objeto em questão e o aumento da esquematicidade e da produtividade, evidenciado a expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004), pois novos subesquemas foram acionados na rede dos conectivos, desempenhando a configuração formal-funcional de comparação (*preta que nem um carvão*), exemplificação (*que nem Jequié mesmo*) e conformidade (*que nem eu falei*), aliado a um *continuum* crescente de (inter)subjetividade. Ademais, constatamos que o referido objeto está em processo de deslocamento de domínio funcional que passa a integrar, também, a rede construcional dos Marcadores Discursivos, na rota [QUE NEM]_{connect} --> [QUE NEM]_{md}, sendo utilizado com a função de manutenção do turno conversacional.

PALAVRAS-CHAVE

Que nem. Funcionalismo. Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização.

Gramática de Construções.

ABSTRACT

In this Master's dissertation, we investigate, based on the Usage-based Linguistics, the constructional changes and the constructionalization of the *que nem* used in Portuguese as a comparative connector. Therefore, based on a mixed-method (CUNHA LACERDA, 2016), we aim, i) through the diachronic prism, to briefly trace the constructional changes of connector *que nem* from the types of context proposed by Diewald (2006), taking *the Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM) and the *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006); and ii) through the synchronic prism, we analyze, based on the constructional perspective of change (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; FURTADO DA CUNHA, BISPO; SILVA, 2018) the sanction of new nodes in the linguistic network based on the corpora of the *Popular e Culto de Vitória da Conquista - Corpora PCVC and PPVC*. From the diachronic point of view, we show that the *que nem*, originated from a typical structure of cause and consequence (*faz viver tal vida que nem d'el nem*), goes through the untypical context (*Ca salvar-se pod'ela bem que nem um torto nom vos fez*), reaches the critical context (*açafrão he melhor que nem um outro*), decreases the compositionality and generates, finally, the isolated context (*vou ficando magro e seco que nem feia perereca*). From a synchronic approach, it was possible to verify that there was constructionalization of the *que nem*, as a new node was formed in the Portuguese language with comparative formal-meaning configuration. Thus, there was a decrease of the compositionality of the object in question and an increase in schematicity and productivity, evidencing the host-class expansion (HIMMELMANN, 2004), since new subschemas were triggered in the connective network, performing the formal-meaning configuration of comparison (*preta que nem um carvão*), exemplification (*que nem Jequié mesmo*) and conformity (*que nem eu falei*), coupled with a growing *continuum* of subjectivity. In addition, we found that this object is in the process of dislocation of functional domain that now integrates, also, the constructional network of Discourse Markers, in the route [QUE NEM]_{connect} -> [QUE NEM]_{dm}, being used with the function conversational shift maintenance.

KEYWORDS

Que nem. Functional Linguistics. Construction Grammar. Construcionalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Processamento da comparação.....	36
Figura 2 – Estrutura de exemplificação a partir do domínio Todo-Parte a partir de Dias (2006).	38
Figura 3 – Modelo de estrutura simbólica da construção radical.....	51
Figura 4 – Rede construcional dos quantificadores no Português.....	53
Figura 5 – A importância do contexto nos estudos funcionais.....	62
Figura 6 – Localização de Vitória da Conquista no mapa da Bahia.....	70
Figura 7 - Modelo de catalogação dos excertos.....	71
Figura 8 – Graus de intensificação.....	80
Figura 9 – Rede virtual do <i>que nem</i> no Português.....	87
Figura 10 – Microconstrução do <i>que nem</i> mais produtiva nos corpora analisados.....	93
Figura 11 – Microconstrução <i>que nem</i> como uma estrutura desgarrada.....	96
Figura 12 – Construções encabeçadas pelo <i>que nem</i> no Subesquema Exemplificativo.....	101
Figura 13 – Proposta de rede construcional do <i>que nem</i> em perspectiva sincrônica.....	104
Figura 14 – Rede construcional dos Marcadores Discursivos.....	107
Figura 15 – Representação da emergência de domínio funcional do <i>que nem</i>	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A produtividade do <i>que nem</i> por períodos e por tipos de contexto.....	85
Gráfico 2 – Distribuição, em percentuais, do <i>que nem</i> no domínio funcional da conexão.....	89
Gráfico 3 – Percentuais do <i>que nem</i> no Subesquema Comparativo.....	91
Gráfico 4 – Percentuais do <i>que nem</i> no Subesquema Conformativo.....	95
Gráfico 5 – Percentuais do <i>que nem</i> no Subesquema Exemplificativo.....	98
Gráfico 6 – Produtividade do <i>que nem</i> por <i>corpus</i>	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de conjunções comparativas na Tradição Gramatical.....	29
Quadro 2 – Lista de conjunções comparativas na Tradição Linguística.....	31
Quadro 3 – Tratamento dos marcadores discursivos em uma visão construcional.....	42
Quadro 4 –Tipos de contexto que propiciam a gramaticalização de construções.....	63
Quadro 5 – Períodos e os <i>corpora</i> utilizados para a pesquisa diacrônica.....	68
Quadro 6 – Períodos e os <i>corpora</i> utilizados para a pesquisa sincrônica.....	71
Quadro 7 – Representação do Contexto Típico do <i>que nem</i>	75
Quadro 8 – Representação do Contexto Atípico do <i>que nem</i>	78
Quadro 9 – Representação do Contexto Crítico do <i>que nem</i>	80
Quadro 10 – Representação do Contexto Isolado do <i>que nem</i>	82
Quadro 11 – Tipos de contexto do envolvidos na construcionalização do <i>que nem</i>	86
Quadro 12 – <i>Continuum</i> proposto de construções encabeçadas pelo <i>que nem</i> no subesquema exemplificativo.....	100
Quadro 13 – O pareamento de forma e função do <i>que nem</i> no domínio da conexão a partir de Croft (2001).....	111
Quadro 14 – O pareamento de forma e função do <i>que nem</i> no domínio da marcação discursiva a partir de Croft (2001).....	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição por tipos de contextos, períodos e <i>tokens</i> do <i>que nem</i>	83
Tabela 2 – Distribuição das ocorrências do <i>que nem</i> no domínio funcional da conexão.....	88
Tabela 3 – Frequência <i>token</i> do <i>que nem</i> no Subesquema Comparativo.....	90
Tabela 4 – Frequência <i>token</i> do <i>que nem</i> no Subesquema Conformativo.....	94
Tabela 5 – Frequência <i>token</i> do <i>que nem</i> no Subesquema Exemplificativo.....	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CIPM	<i>Corpus</i> Informatizado do Português Medieval
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GC	Gramática de Construções
GU	Gramática Universal
LC	Linguística Cognitiva
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
MD	Marcador Discursivo
O	Oração
PCVC	Português Culto de Vitória da Conquista
PPVC	Português Popular de Vitória da Conquista
SAC	Sistema Adaptativo Complexo
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
SVO	Sujeito Verbo Objeto
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
V	Verbo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
1.1 PRIMEIRO ENCONTRO COM O OBJETO.....	20
1.2 QUESTÕES NORTEADORAS.....	21
1.3 HIPÓTESES.....	22
1.4 OBJETIVOS.....	23
1.4.1 Objetivos gerais.....	23
1.5 JUSTIFICATIVA.....	24
1.6 A COMPOSIÇÃO E A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	24
2 REVISITANDO O <i>QUE NEM</i>: UMA INCURSÃO HISTÓRICA, GRAMATICAL E LINGUÍSTICA.....	27
2.1 INCURSÃO PELOS (POUCOS) TRABALHOS HISTÓRICOS.....	27
2.2 PELA TRADIÇÃO GRAMATICAL.....	28
2.3 PELA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA.....	30
2.3.1 PELOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	32
2.4 DESLIZAMENTOS DE DOMÍNIO FUNCIONAL: DA COMPARAÇÃO, EXEMPLIFICAÇÃO E CONFORMIDADE RUMO À MARCAÇÃO DISCURSIVA.....	34
2.4.1 Domínio da conexão: a comparação.....	34
2.4.2 Domínio da conexão: a exemplificação.....	36
2.4.3 Domínio da conexão: a conformidade.....	39
2.4.4 Encontro com outro domínio funcional: os marcadores discursivos.....	41
2.5 FINALIZANDO.....	43
3 A LÍNGUA COMO UM SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO: UMA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, USO E COGNIÇÃO.....	44
3.1 A BREVE TRAJETÓRIA DAS TEORIAS: DO FORMALISMO AOS SISTEMAS DINÂMICOS.....	44
3.2 A APROXIMAÇÃO DO FUNCIONALISMO COM A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES.....	48
3.2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU).....	48
3.2.2 Gramática de Construções e a compreensão da mudança linguística a partir de redes construcionais.....	50
3.2.3 A arquitetura construcional a partir dos tipos de contexto.....	60
3.3 FINALIZANDO.....	64

4 MECANISMOS METODOLÓGICOS.....	66
4.1 O CONVÍVIO DE DUAS PERSPECTIVAS: PANCRONIA.....	66
4.2 PARA ANÁLISE, OS <i>CORPORA</i> DIACRÔNICO.....	67
4.2.1 Procedimentos de investigação.....	68
4.3 PARA ANÁLISE, OS <i>CORPORA</i> SINCRÔNICO.....	69
4.3.1 Procedimentos de investigação.....	70
4.4 CRITÉRIOS DE ANÁLISE.....	71
5 “E TODO MUNDO DIZ QUE ELE COMPLETA ELA E VICE-VERSA, <i>QUE NEM</i> FEIJÃO COM ARROZ”: A ANÁLISE DO <i>QUE NEM</i> NA LÍNGUA PORTUGUESA.	73
5.1 A CONSTITUIÇÃO DO <i>QUE NEM</i> : OS MICROPASSOS DAS MUDANÇAS CONSTRUCIONAIS.....	74
5.1.1 Contexto Típico.....	74
5.1.2 Contexto Atípico.....	77
5.1.3 Contexto Crítico.....	79
5.1.4 Contexto Isolado.....	81
5.1.5 Aspectos gerais e quantitativos da mudança.....	83
5.1.6 Finalizando.....	85
5.2 A FORMAÇÃO DO [QUE NEM] _{CONNECT} E A EXPANSÃO DA CLASSE HOSPEDEIRA: UM CASO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO.....	87
5.2.1 Esquema.....	87
5.2.2 Dados gerais da construcionalização do <i>que nem</i>.....	101
5.3 O CONVÍVIO COM OUTRO DOMÍNIO FUNCIONAL: DE CONECTIVO À MARCADOR DISCURSIVO.....	105
5.3.1 Casos especiais do <i>que nem</i>.....	105
5.3.2 O <i>que nem</i> se relacionando com a rede construcional dos Marcadores Discursivos...	106
5.3.3 Finalizando.....	109
5.4 O ELO ENTRE A FORMA E A FUNÇÃO: O PAREAMENTO DO <i>QUE NEM</i> A PARTIR DO MODELO RADICAL DE CROFT (2001).....	110
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	118

1 INTRODUÇÃO

Ousamos iniciar este trabalho, ora Dissertação, de forma menos acadêmica. Poderíamos alegar tal postura por este trabalho versar sobre *relações*. Essas relações foram caras para a escolha da teoria que norteia as nossas análises, em virtude de termos sido fígados, desde o final da graduação em Letras, por teorias construcionais que nos inquietaram e davam um olhar mais holístico às nossas investigações sobre este fenômeno tão instigante: o da mudança linguística.

O olhar, neste trabalho, pauta-se no estudo de como essas *relações* impactam as construções linguísticas. É bem provável que, se ousássemos colocar duas pessoas desconhecidas em contato, logo elas estariam se relacionando e evidenciando os seus pontos de vista por meio da linguagem. Os seres humanos estão, a todo momento, em diálogo – mesmo que sozinhos – na troca de opiniões e tentam, sempre, seduzir o seu interlocutor por meio de construções linguísticas a partir do jogo intersubjetivo. A intersubjetividade é, assim, inerente as relações humanas e o desejo é – num prisma freudiano ou não – responsável pela relação com o outro.

Aceitando o risco de sermos considerados anacrônicos, lançamos mão, nesta *Introdução*, de trazeremos um olhar saussuriano a respeito do signo linguístico a fim de ampliarmos a discussão que nos propomos a fazer. O signo, pela noção tradicional saussuriana, só tem valor na dependência com outro signo. Deslocando para uma concepção não tão linguística e, quiçá, não tão científica, é possível observarmos a importância das relações quando, nas primeiras aulas do primário, os professores ensinam os seus alunos a representarem suas famílias através de árvores genealógicas. Nesse tipo de atividade, é visível as relações entre os familiares, formadas por avós, filhos, netos, sobrinhos etc., em um liame amarrado que forma vários nós. Esses nós seguem uma hierarquia e o aluno percebe que, na falta de algum dos seus entes, torna-se (quase) impossível mapear as relações nessa amarração genealógica.

Esse exemplo traz a ideia do valor do signo linguístico de Saussure que, como dissemos, parte da premissa de que o valor de um signo é captado pelas relações com os demais signos. No que diz respeito às relações extralinguísticas, é notória que a existência humana se baseia em redes taxinômicas, tão investigadas pelas correntes psicanalíticas. Reitero que corremos o risco de fazer analogias anacrônicas, pois cremos que lançar as palavras em um suporte como este traz esse ônus: tornar-se réu ou tornar-ser-eu. Não obstante, justificativas não nos faltam para defender tal postura.

Nas aulas de Linguística, é ensinado que, nas correntes estruturalistas, a língua é vista como um fenômeno estrutural, um sistema regido por leis próprias e dotada de homogeneidade. Nessa direção, a língua constituía uma instituição supra-individual da qual os indivíduos não participavam efetivamente. Anos mais tarde, de forma mais refinada e baseada não mais no Estruturalismo, mas nas ciências naturais, Chomsky traz a perspectiva internalista e modalizante à linguagem, num trisal entre cognição, faculdade humana e linguagem. Os falantes, nessa defesa teórica, ainda não estavam no centro da análise de forma ativa, uma vez que a linguagem era vista como um sistema autônomo.

Alguns anos se passaram e os fatores de ordem social entraram nesse jogo. Surge, assim, a Sociolinguística Variacionista Laboviana e, logo mais, o Funcionalismo que se pautava, sobretudo, pelo interesse do uso linguístico e como esse uso, realizado pelos indivíduos, afeiçoava as formas gramaticais. A gramaticalização, nesse período, ganha espaço e as análises são pautadas, *grosso modo*, a partir de um cline unidirecional para aferição da mudança linguística. Nesse sentido, de forma bem resumida, é possível verificarmos como as relações teóricas foram construídas e se estabeleceram para explicar este fascinante objeto de estudo: a língua(gem).

Particularizando ainda mais a nossa explicação, foi, nos nossos estudos sobre mudança linguística, que nos embasamos na perspectiva clássica da gramaticalização e, durante 4 (quatro) anos, ainda na Iniciação Científica, questionávamos como as teorias funcionais dariam conta, de fato, de um olhar mais holístico a respeito da mudança. Retomando a ideia das *relações*, principalmente as interpessoais que foram feitas inicialmente, lançamos alguns questionamentos que sempre nos inquietavam (e ainda nos inquietam): Seria o sistema linguístico alicerçado, somente, numa estrutura abstrata ou modalizante? A mudança linguística levaria a uma rota unidirecional, como pautavam os estudos sobre gramaticalização? Se o ser humano vive em sociedade e as habilidades desenvolvidas por ele são feitas a partir de redes, a língua não seria arquitetada de forma análoga? Se partimos da ideia de que as questões biológicas, sociais e psicossociais estão atreladas à vivência humana, o sistema linguístico e, conseqüentemente, a mudança linguística não seriam parte integrante desse liame relacional e hierárquico?

Objetivamos, entre outras questões, no decorrer desta Dissertação, com o suporte das teorias linguísticas, refletir e, quiçá, responder a alguns desses questionamentos. Assim, como é comum e necessário em todo fazer científico, os olhares a respeito da língua e, em particular, da mudança linguística, estão sendo refinadas com a finalidade de se (re)pensar tais posturas com

vistas à aceitação da heterogeneidade e para o entendimento da mudança linguística como um elemento constitutivo do próprio sistema linguístico.

As considerações que foram citadas e as que trazemos a seguir serão explicadas de forma mais zelosa no decorrer deste trabalho. Apesar disso, mostramos, aqui, que a língua(gem) será (re)visitada sempre em um jogo de relação complementar e não tão dicotômicas como advogam os estudos cartesianos. Assim, o nosso olhar vai desde o significante e do significado. Da competência e do desempenho. Da Tradição Gramatical e da Tradição Linguística. Da diacronia (gradualidade) e sincronia (gradiência). Do Formalismo e do Funcionalismo. Neste último, ela é tomada como uma relação de linguagem e cognição. De forma e função. De esquema e subesquema. De microconstruções e construto. De frequência *token* e frequência *type*. De neoanálise e inferência sugerida. Da subjetividade e intersubjetividade. Das mudanças construcionais e construcionalização. Das análises qualitativas e quantitativas.

Debruçamo-nos, assim, na perspectiva que concebe a linguagem como um fenômeno linguístico, mas que faz parte de processos cognitivos gerais. Como um sistema, que é, também, complexo e dinâmico. Homogêneo, mas que é, em essência, heterogêneo. Utilizada por falantes individuais, mas faz parte de uma hierarquia maior, chegando a uma comunidade de fala e, quiçá, contemplando grande parte das línguas naturais.

Após essa breve contextualização, seguimos, na próxima parte desta Introdução, apresentando de forma mais acurada o delineamento desta Dissertação.

1.1 PRIMEIRO ENCONTRO COM O OBJETO

Hodiernamente, o olhar construcionista, principalmente no que concerne à concepção de que a língua(gem) é resultado de um pareamento de forma e função (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), foi incorporado ao escopo teórico-metodológico dos estudos funcionalistas para análise da forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e da função (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas-funcionais).

O diálogo entre essas duas teorias vem se tornando cada vez mais fecundo, pois, como afirma Oliveira (2018), a junção semântico-sintático assumida pela abordagem construcional de orientação cognitivista, conhecida, no Brasil, como Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), concebe a língua como um conjunto esquemático e interconectado de construções. Assim, a língua, nessa concepção, é vista como uma rede de construções que são definidas como pareamentos entre forma e função, cujo conteúdo, de natureza convencional,

não é acessível pelas suas partes, mas sim holisticamente, tendo em vista que aspectos formais e funcionais são levados em consideração nessa proposta de análise linguística.

Nesta Dissertação, a partir do viés da LFCU, temos o objetivo de investigar as mudanças construcionais e a construcionalização de forma-função da construção *que nem*, na Língua Portuguesa, produtiva, principalmente, em construções comparativas como ilustradas a seguir:

(1) *A saudade bateu foi **que nem** maré. Quando vem de repente de tarde, invade transborda esse bem me quer. A saudade é **que nem** maré (Trecho da música: Que nem Maré – Jorge Vercillo).*

(2) *Vou me jogar nos teus braços [...] **que nem** Maria Bonita nos braços de Lampião (Trecho da música: Lucy Alves feat. Elba Ramalho – Xaxado no Chiado. Período Contemporâneo. Século XXI).*

Os trechos de música (1) e (2) configuram o nosso objeto de análise em sua manifestação como conector comparativo. No primeiro exemplo, o locutor, metaforicamente, afirma que a saudade tem traços parecidos com o da maré, pois “vem de repente, invade transborda”. Para a comparação, é utilizada, no trecho da música, a construção *que nem* para encabeçar tal função. No segundo exemplo, com a mesma finalidade, o locutor afirma que vai se jogar nos braços de Lampião da mesma forma que Maria Bonita se jogava. De forma análoga ao exemplo (1), os locutores utilizam a construção *que nem* para governarem a estrutura comparativa.

1.2 QUESTÕES NORTEADORAS

Amparados na perspectiva dos postulados da LFCU e em um método misto (CUNHA LACERDA, 2016), somos guiados pelas seguintes questões-problema:

- i) Pelo âmbito diacrônico, como o pareamento forma-função do *que nem* se desenvolveu na Língua Portuguesa?
- ii) Pelo âmbito sincrônico, como se constitui a rede construcional do *que nem*?
- iii) Quais subesquemas são instanciados pelo *que nem* em sua rede construcional, ou seja, qual configuração formal-funcional do *que nem* no processo de expansão *host class*?
- iv) Por aventarmos que o *que nem* é resultado de mudanças construcionais e construcionalização, quais são os fatores de ordem cognitiva e contextual envolvidos nesses processos?

1.3 HIPÓTESES

A hipótese mais pertinente às questões-problema é a possibilidade do *que nem* ter passado pelos tipos de contexto, assim como proposto por Diewald (2006), a saber: típico (*faz viver tal vida, que nem d'el nem d'outrem nom ha[m] guarida*), atípico (*Ca salvar-se pod'ela bem que nem um torto nom vos fez*), crítico (e o seu açafam he melhor *que nem* hu~u~ outro) e isolado (tem força *que nem* um touro), chegando, inicialmente, à configuração formal-funcional comparativa.

Assim, por meio de inferências sugeridas, (inter)subjetivação, processos cognitivos de domínios gerais e mudanças construcionais, defendemos a tese de que o Português, em particular o brasileiro, possui um novo nó na rede dos conectivos, resultado de uma construcionalização gramatical. Ademais, conjecturamos que houve uma perda da composicionalidade do *que nem*, aumento da esquematicidade e produtividade, e houve, assim, a expansão da classe hospedeira (HIMMELMANN, 2004), pois novos subesquemas foram sancionados na rede, desempenhando a configuração formal-funcional de comparação, exemplificação e conformidade.

Nessa direção, é possível defendermos a tese de que, no Português Brasileiro, há uma nova construção, um novo nó na rede linguística dos conectivos que passa a integrar, também, a rede construcional dos Marcadores Discursivos (MDs), na rota [QUE NEM]_{connect} -> [QUE NEM]_{md}.

Destarte, é possível presumirmos que houve uma expansão semântico-pragmática via mecanismo analógico e neoanálise, aliada a um *continuum* crescente de (inter)subjetividade, deslocando de sentidos [+subjativos] para sentidos [+intersubjetivos] que passam a identificar, cada vez mais, crenças e atitudes do falante acerca do que diz, em relação ao seu ouvinte, com desenvolvimento de pareamentos mais abstratos, pragmáticos e interpessoais. No que diz respeito ao [QUE NEM]_{md}, aventamos que tal esquema tem como função a manutenção do turno conversacional. Em linhas gerais, sustentamos a premissa de que os processos cognitivos de domínios gerais (BYBEE, 2010) e de (inter)subjetivação (TRAUGOTT; DASHER, 2005) são imprescindíveis para o fenômeno da mudança linguística.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivos gerais

Investigar, em uma perspectiva pancrônica, a construcionalização da construção *que nem* na Língua Portuguesa, tomando como amostra o *corpus* Informatizado do Português Medieval, *corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) e os *corpora* Português Popular e Culto de Vitória da Conquista.

1.4.1.1 Objetivos específicos

- i) Verificar, diacronicamente e de forma sucinta, o processo de pareamento da forma-função da microconstrução *que nem* a partir dos tipos de contextos: atípico, crítico e isolado proposto por Diewald (2006) a partir do *Corpus* Informatizado do Português Medieval, *Corpus* do Português e dos *Corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista (*Corpora* PPVC e PCVC);
- ii) Investigar as motivações envolvidas no processo de mudança construcional e na construcionalização do *que nem*;
- iii) Analisar, por meio do método misto, considerando as dimensões quantitativas e qualitativas, os usos do *que nem* nos *corpora* analisados;
- iv) Estabelecer, sincronicamente, uma rede hierárquica do *que nem* nos *corpora* em análise, a fim de identificar os três níveis de esquematicidade sistematizados por Traugott e Trousdale (2013), esquema, subesquema e microconstrução, e os mecanismos cognitivos que instanciam novas construções;
- v) Averiguar, a partir do modelo radical de construção, os aspectos formais (sintáticos, morfológicos e fonológicos) e funcionais (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais) do *que nem*.

1.5 JUSTIFICATIVA

Alguns trabalhos, em nível de Mestrado, como será visto no decorrer desta Dissertação, evidenciaram, a partir do modelo clássico da gramaticalização, um olhar unidirecional e sincrônico do *que nem* como um conectivo utilizado, na modalidade oral, pelos falantes da Língua Portuguesa. Em nossa pesquisa, de modo particular, trazemos um olhar diacrônico e construcional do referido objeto, a fim de verificarmos a trajetória de construcionalização. Além disso, este trabalho faz parte dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq, em especial do Projeto *Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da descrição e análise de corpus da comunidade de fala de Vitória da Conquista* sobre o uso do Português Brasileiro e, em específico, da fala interiorana da cidade de Vitória da Conquista que faz parte do Sertão da Ressaca. Sendo assim, esta Dissertação torna-se relevante para a comunidade acadêmica que visa a estudar, descrever e analisar línguas naturais, sobretudo com o atual diálogo do Funcionalismo com a Gramática de Construções.

Ademais, pretendemos auxiliar na composição de um conjunto significativo de informações com o objetivo de caracterizar essa variedade do Português a partir de uma análise de vertente funcionalista, especialmente na sua interface com os estudos construcionistas. Ressaltamos, ainda, que este trabalho encontra-se sujeito a novas inquietações, constatações e, principalmente, refutações a fim de que o conhecimento acerca da língua(gem) seja o ponto de partida para entender a complexidade das estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes nas suas relações interpessoais.

1.6 A COMPOSIÇÃO E A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A fim de darmos conta dos objetivos e das hipóteses deste trabalho, distribuimos nossa Dissertação em 6 (seis) seções.

Nesta seção, apresentamos o objeto, as questões norteadoras, os objetivos e a justificativa do nosso trabalho. Na segunda seção, intitulada *Revisitando o que nem: uma incursão histórica, gramatical e linguística*, examinamos como o *que nem* é descrito, tanto na Tradição Gramatical quanto na Tradição Linguística, além de verificarmos os trabalhos linguísticos contemporâneos que tratam do objeto em questão. Ademais, devido ao fato, no domínio funcional da conexão, do *que nem* possuir pareamentos distintos (comparativo, conformativo e exemplificativo) e, também, fazer parte da rede dos MDs, fizemos uma breve

revisão sobre essas especificidades com o objetivo de mapearmos os principais estudos já realizados na literatura normativa e linguística.

Na terceira seção, com o título *A língua como um sistema adaptativo complexo: uma relação entre língua, uso e cognição*, mobilizamos os conceitos de língua(gem), passando pelo polo formalista, nos estudos clássicos do Funcionalismo norte-americano, chegando ao seu atual diálogo com a Gramática de Construções. Sendo assim, versamos sobre os pressupostos básicos da abordagem cognitiva da língua, dos princípios da LFCU, evidenciando como acontecem as relações hierárquicas entre as construções. Além disso, nessa mesma seção, mobilizamos os conceitos de (inter)subjetividade, processos cognitivos de domínio gerais e lançamos o olhar para a perspectiva construcionista da linguagem, associado aos tipos de contexto advogados por Diewald (2006) a fim de embasarmos nossas análises.

Na quarta seção, com o tema *Mecanismos metodológicos*, apontamos os dois delineamentos metodológicos adotados por nós nesta Dissertação, a saber, pancronia (diacronia e sincronia atual) e o método misto (análise qualitativa e quantitativa). Outras questões mostradas nesta seção dizem respeito aos *corpora* utilizados e, também, à importância do levantamento da frequência para a aferição dos três níveis construcionais propostos por Traugott e Trousdale (2013) para o estabelecimento de redes taxonômicas.

Na quinta seção, intitulada “*E todo mundo diz que ele completa ela e vice-versa, que nem feijão com arroz*”: a análise do que nem na língua portuguesa, procedemos à análise dos dados e à interpretação dos resultados. Pelo prisma diacrônico, detectamos, de forma breve, os caminhos pelos quais, possivelmente, o objeto em questão percorreu, mostrando, para tanto, os micropassos da mudança construcional a partir dos tipos de contexto propostos por Diewald (2006) até chegar em seu contexto isolado, fase caracterizada como a construcionalização gramatical.

Ainda na quinta seção, analisamos a expansão *host class* e a sanção de novos nós do *que nem* no domínio funcional da conexão. Estabelecemos, ainda nesta parte, pelo prisma sincrônico, uma rede hierárquica do *que nem* a partir dos *corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista, *corpora* PPVC e PCVC, a fim de identificarmos os três níveis de esquematicidade sistematizados por Traugott e Trousdale (2013), e os mecanismos cognitivos que instanciam novas construções, além de evidenciarmos a importância da analogia no processo de migração do *que nem*, que, como dissemos, passa a integrar, também, a rede construcional dos MDs. Por fim, ainda nesta subseção, enquadrámos o nosso objeto a partir da perspectiva radical de Croft (2001).

A título de *Considerações Finais*, respondemos às perguntas norteadoras da pesquisa e projetamos possíveis desdobramentos da análise com vistas a pesquisas futuras, seguidas das Referências utilizadas por nós nesta Dissertação.

2 REVISITANDO O *QUE NEM*: UMA INCURSÃO HISTÓRICA, GRAMATICAL E LINGUÍSTICA

Nesta parte da Dissertação, temos o objetivo de realizar uma sucinta revisão a respeito do *que nem*. Para tanto, partimos dos diferentes olhares sobre o referido objeto e, assim, observamos essa construção tanto na Tradição Gramatical quanto na Tradição Linguística, além de debruçarmo-nos em uma abordagem histórica.

Por defendermos, em uma perspectiva funcional, que o *que nem*, no domínio funcional da conexão, possui 3 (três) pareamentos de forma-função, ou seja, além da comparação, o referido objeto atua como instanciador de construções de exemplificação e conformidade, dividimos esta seção da seguinte forma: (i) abordamos a respeito das discussões históricas acerca do *que nem*; (ii) averiguamos como a Tradição Gramatical trata do objeto em questão; (iii) analisamos como a Tradição Linguística descreve o *que nem*; (iv) fazemos um levantamento dos estudos/pesquisas linguísticas recentes que tratam desse objeto; e, por fim, (v) realizamos uma sucinta discussão acerca da comparação, exemplificação e conformidade no escopo do domínio funcional da conexão e, também, no domínio da marcação discursiva. Daremos início, na próxima subseção, a nossa incursão pelo olhar histórico.

2.1 INCURSÃO PELOS (POUCOS) TRABALHOS HISTÓRICOS

Ao investigarmos as partículas *que* e *nem* nos compêndios gramaticais, vimos que essa construção, no domínio funcional da conexão, já era citada por Jucá Filho (1933) quando o autor descreveu a natureza dos predicados. Conforme o autor, o particípio de *feito* e o conectivo *como* ocorrem como denotativos de predicados e são equivalentes às preposições *por* e *de*. Jucá Filho (1933, p. 133) exemplifica tal afirmação da seguinte forma:

(a) Ó quantos sem saberem o fazem debaixo do nome lustroso de uma Mitra, andam *feitos* pretendentes de sua condenação (VIEIRA, Sermões, III, p. 158).

(b) Não sei se vos deve mais hoje nas honras desta solenidade, quando me recebeis *como* o mensageiro do meu governo (RUI, Buenos, p. 8).

O autor afirma que o *feito*, ou especificamente como no exemplo (a) *feitos*, é utilizado claramente para marcar a comparação, da mesma forma que o conectivo *como*, no exemplo (b). Jucá Filho (1933) apresenta as conjunções que estão a serviço do valor de comparação e mostra que a construção *que nem* é uma forma bastante recorrente no Brasil. O autor afirma que o “[...] mais interessante é a expressão *que nem*, do mesmo gênero e função [da palavra *feito* e *como*] de

grande uso no Brasil” (JUCÁ FILHO, 1933, p. 32). Além dessa abordagem sobre o *que nem* realizada por Jucá Filho (1933), Vittorio Bergo, no manual *Erros e Dúvidas de Linguagem*, publicado em 1941, também registra o uso da construção *que nem*. Contudo, o autor apresenta ressalvas com relação ao uso, afirmando que a referida construção é equivalente ao *como* comparativo, mas, por se tratar expressão coloquial, deve ser evitada pelos falantes em frases como “ele é *que nem* o pai” (BERGO, 1959 [1941], p. 325, grifos nossos). É possível notarmos que Bergo (1959 [1941]) traz, nessa obra, uma noção de norma, característica marcante da tradição gramatical, assim como veremos na próxima subseção.

2.2 PELA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Se questionássemos qual o uso mais recorrente da conjunção *que nem* pelos falantes de Língua Portuguesa, teríamos, certamente, como resposta que tal conectivo é utilizado em construções comparativas, observação, de certa forma, já realizada por Jucá Filho (1933). Com essa intuição sobre o uso da construção *que nem*, recorreremos a alguns compêndios gramaticais (histórico e prescritivos) a fim de verificarmos como tais manuais caracterizam as conjunções que são empregadas em estruturas comparativas no Português, dentre eles: Said Ali (1964), Cunha e Cintra (1985), Kury (1987), Luft (2002), Rocha Lima (2003) e Bechara (2009).

Said Ali (1964), em sua gramática histórica, afirma que as orações comparativas servem para esclarecer um pensamento ou um conceito mostrando a semelhança entre dois eventos que podem ser feitas por meio da igualdade ou desigualdade tendo como conjunção o item *como*, *assim também*, *tal... qual...* Além dessa função comparativa, segundo o gramático, o *como* pode denotar conformidade com um fato anterior. Kury (1987), a esse respeito, demonstra que o *como* é a conjunção comparativa assimilativa prototípica. No entanto, há a possibilidade de construções isoladas (*como* e *qual*) e também construções encadeadas (*tal como* e *assim como*) desempenharem a função de introdutores em orações comparativas. Luft (2002, p. 157) opta por elencar, somente, como conjunção comparativa, o *como* possivelmente por essa conjunção ser a prototípica para estruturas comparativas.

Por seu turno, Rocha Lima (2003) destaca as orações comparativas assimilativas. Segundo ele, esse tipo de estrutura é caracterizado por assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante e é, ainda, definido como aquelas “[...] cuja apresentação se faz com a conjunção ‘como’”. Já Bechara (2009), restringe-se a apontar como conectivos comparativos somente as conjunções de caráter assimilativo, a exemplo dos itens *como* e *qual*. Dos materiais consultados, somente Cunha e Cintra (1985) elencam a construção *que nem* como

um conectivo utilizado para orações subordinadas comparativas que pode ser comutado por *como*, *igual* etc, ilustrado pela seguinte frase:

(c) Começaste a correr/ **que nem uma louca** / (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 607).

O apanhado das principais conjunções apresentadas pelos autores listados pode ser melhor visualizado de forma resumida a seguir:

Quadro 1 – Lista de conjunções comparativas na Tradição Gramatical

Gramática consultada	Conjunções subordinativas comparativas elencadas
Said Ali (1964)	<i>Como; tal... qual...; quanto</i> (assimilativas)
Cunha e Cintra (1985)	<i>Que; do que; (depois de mais, menos, maior, melhor, pior); qual (depois de tal), quanto (depois de tanto); como; assim como; bem como; como se; que nem.</i>
Kury (1987)	<i>Como; qual; tal como; assim como</i> (assimilativa)
Luft (2002)	<i>Como</i>
Rocha Lima (2003)	<i>Que; do que</i> (relacionado a <i>mais, menos, maior, menor, pior</i>); <i>qual</i> (relacionado a <i>tal</i>); <i>como</i> (relacionado a <i>tal, tão, tanto</i>); <i>como se</i> etc.
Bechara (2009)	<i>Como; qual</i> (comparativas assimilativas)

Fonte: Autoria própria.

No Quadro 1, percebemos que o *que nem* é elencado pelos gramáticos como um elemento que está a serviço de construções comparativas, ou seja, o *que nem* é um elemento subordinativo que compara dois elementos e pode ser substituído pelo conectivo *como*. A respeito do conectivo *como*, podemos observar que esse conectivo é o único mencionado por todas as gramáticas analisadas na função de comparação e, ademais, que os gramáticos mostram a polissemia, uma vez que esse elemento pode atuar, além da comparação, também a serviço de funções conformativas. A respeito do *que nem*, no entanto, a produtividade polissêmica não foi evidenciada pelos autores e não há nenhuma constatação da produtividade desses elementos com outras funções. Realizado esse percurso pela Tradição Gramatical, passemos à Tradição Linguística, observando o tratamento dado nesses compêndios, de natureza descritiva, às formas comparativas da Língua Portuguesa.

2.3 PELA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA

A fim de verificar como a Tradição Linguística trata o objeto de estudo em análise, recorreremos a 6 (seis) gramáticas descritivas, sendo elas: Mira Mateus et al (2003), Abaurre e Rodrigues (2002), Perini (2004[1996]), Ilari e Neves (2008), Neves (2011[2000]) e Castilho (2014[2010]).

Em Mira Mateus et al (2003), é possível percebermos que os autores elencam os conectivos mais utilizados para comparação, ressaltando, principalmente, o *como*, *mais... (do) que*, *tão... como*, *tanto como* etc. É interessante ressaltarmos que, em sua descrição, as autoras optam por destacar, por meio de uma nota de rodapé, que gramáticos prescritivos, a exemplo de Cunha e Cintra (1985), elencam o *que nem* no bojo dos conectivos utilizados para a comparação. No entanto, Mira Mateus et al (2003, p. 732) acabam não elegendo o *que nem* dentro desse escopo, fato justificado pelas autoras ao afirmarem no capítulo da obra intitulada *Orações comparativas*, pois, segundo elas, o objetivo é “[...] destacar apenas os [conectivos] prototípicos”, descartando, dessa forma, um estudo mais descritivo sobre o *que nem*, por não constituir, no Português Europeu, um elemento exemplar para a comparação. À vista disso, torna-se notória a necessidade de um estudo mais profícuo e descritivo sobre essa construção na Língua Portuguesa.

Abaurre e Rodrigues (2002), por sua vez, apresentam uma grande descrição a respeito das construções comparativas no Português, mostrando tanto aspectos sintáticos, quanto semânticos. Segundo as autoras, *melhor... do que...*, *tanto como...*, *como...*, *mais do que outro...* etc e, no Português Brasileiro, *feito*, *igual* e *tipo* são, segundo elas, elementos utilizados em construções comparativas. No entanto, as linguistas acabam não trazendo o *que nem* como elemento que, também, governa orações comparativas. Ao analisarmos a gramática de Perini (2004[1996]), não avistamos nenhuma menção às construções comparativas. Na obra do referido autor, vimos uma seção dedicada as conjunções, mas Perini (2004[1996]) se detém, somente, em mostrar aspectos coordenativos e subordinativos das conjunções e não traz nenhum exemplo de conjunções comparativas.

Ilari e Neves (2008), por sua vez, dividem as construções comparativas em correlativas, não-correlativas, relações expressas: correlativa de igualdade e desigualdade, não-correlativas que expressam sempre igualdade etc. Os autores elencam algumas conjunções utilizadas nesse tipo de construção, dentre elas: *mais... do que*, *tanto... quanto...*, *feito*, *menos... do que...*, *como*, *não só... mas também...* etc. Mais uma vez, constatamos que não houve menção à construção *que nem* na gramática analisada.

Neves (2011[2000]) destaca as relações marcadas pela comparação, que, segundo ela, se dão por meio da correlação: igualdade e desigualdade, e, nesta última, pode ser categorizado em

superioridade e inferioridade. A não-correlação, por sua vez, segundo a linguista, sempre é expressa pela igualdade que se subdivide em qualitativa e quantitativa. Todas essas relações são marcadas pela interdependência sintática entre seus membros. Neves (2011[2000]) elenca, como elementos comparativos, as expressões *tanto quanto*, *tanto... quanto...*, *bem mais... do que...*, *não só... como também...*, *como* precedida pelo indicador fórico modal *assim* (Ex: *assim como*). Dessa forma, do mesmo modo das outras gramáticas analisadas, não há menção do nosso objeto de estudo.

Por fim, Castilho (2014[2010]) afirma que a comparação correlativa pode manifestar-se estabelecendo igualdade por meio dos conectivos (*tanto... quanto*), superioridade (*mais... que* ou *do que*) e inferioridade (*menos... que* ou *do que*) confrontando dois conceitos ou realidades. O linguista ainda ressalta que a tipologia das construções comparativas correlativas é bastante rica e variada e, ainda, elenca outras conjunções que fazem parte desse tipo de construções, como: *não só... como também*, *assim como* etc. Em consonância com outras gramáticas da Tradição Linguística que visitamos, não houve, na obra de Castilho (2014[2010]), alusão ao *que nem* como elemento que gere estruturas comparativas.

No Quadro 2, vemos, de forma sucinta, como as gramáticas descritivas elencam os conectivos que encabeçam as construções comparativas no Português:

Quadro 2 – Lista de conjunções comparativas na Tradição Linguística

Gramática consultada	Conjunções subordinativas comparativas elencadas
Mira Mateus et al (2003)	<i>Como; mais... (do) que; tão... como; tanto como.</i>
Abaurre e Rodrigues (2002)	<i>melhor... do que...; tanto como...; como...; mais do que outro... etc. Feito; igual e tipo</i>
Perini (2004[1996])	Não há menção
Ilari e Neves (2008)	<i>Mais... do que; tanto... quanto...; feito; menos... do que...; como; não só... mas também.</i>
Neves (2011[2000])	<i>Tanto quanto; tanto... quanto...; bem mais... do que...; não só... como também...; como; assim como.</i>
Castilho (2014[2010])	<i>Tanto... quanto; mais... que; ou do que (superioridade), menos... que ou do que (inferioridade).</i>

Fonte: Autoria própria

De forma geral, das gramáticas tradicionais, somente Cunha e Cintra (1985) mostram o *que nem* como elemento de comparação; nas gramáticas descritivas, não foi analisado por nenhum linguista a utilização dessa construção para estruturas de comparação. Na próxima subseção, veremos como os estudos linguísticos tratam a comparação e, também, do objeto estudado: o *que nem*.

2.3.1 Pelos estudos linguísticos

Em estudos linguísticos, a exemplo da obra de Lima-Hernandes (2011), foram evidenciados os deslizamentos funcionais das construções *tipo*, *feito igual* e *como*, com o intuito de mostrar as mudanças no estatuto categorial da palavra *tipo* em consonância com as propostas da Sociolinguística Laboviana e do Funcionalismo Norte-Americano. Já Rodrigues (2014) realizou um estudo a respeito das orações comparativas canônicas e não-canônicas, afirmando que, além de *como*, considerado pelas gramáticas tradicionais e descritivas como uma conjunção prototípica para a comparação, as construções *feito*, *igual*, *tipo* e *que nem* são partículas utilizadas pelos falantes do Português Brasileiro para instanciar construções comparativas.

Em nossa Dissertação, além da construção comparativa já apontada por Rodrigues (2014), notamos que outras configurações formais e funcionais do *que nem*, na modalidade oral, podem ser verificadas. Vejamos os exemplos a seguir:

(3) **INF:** *Ele infla... inflamou a mão, ele foi, ele ia po mercado, tinha uma cerca de es de espin' de quiabento, na hora que ele foi desviar dos carro ele bateu a mão na cerca, bateu a mão, assim e o espin' furou. Isso foi no sábado, quando foi no domingo, já tive que levar pro hospital, a mão já tava dessa altura, preta **que nem** um carvão, o braço todin' inchou cum coisa que meteu num pau de vara de fogo assim, inchou todo, todo, todo e deu aquelas bolha de fogo [...]* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI)

(4) **DOC:** *É assim... os brinquedos de antes não eram tão... modernos como os de agora...*

INF: *Não, não eram.*

DOC: *...que eu tava tentando dizer.*

INF: *Não era. Era diferente, né, **que nem** eu falei [...]* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).

(5) **INF:** *[...] quarenta ano se passaram num é quarenta dia nem quarenta hora e eu lembro, agora como é que um... um homem de quinze, catoze, dezesseis sai aí matano é **que nem** vamo supô uma família lá construino um sonho aí vai um... um homem desse, bota uma arma pa rôba o que ele tem a pessoa faz qualquer [gesto. ele] já atira sem dó nem piedade né [...]* (Corpus PCVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).

(6) **DOC:** *Me conta uma história que aconteceu com você?* **INF:** *É... **que nem**... é... é... teve um dia que eu tava lá ni Brumado, né?! [...]* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).

Nos exemplos (3), (4), (5) e (6), percebemos que o *que nem* aparece como construções com valores distintos. Ao realizarmos a categorização dessas construções, de forma mais holística, podemos afirmar que, no exemplo (3), o *que nem* se apresenta com o valor de comparação, como já exemplificado por Cunha & Cintra (1985); no exemplo (4), percebemos

que o *que nem* assume a função conformativa: “**que nem** eu falei” = conforme eu falei; em (5), notamos que a função da partícula é de exemplificação: **que nem** *vamo supô* = por exemplo *vamo supô*; no último excerto, por fim, é possível perceber que o falante utiliza a expressão em destaque para elaborar o seu discurso, tendo, portanto, características de marcador discursivo. Diante desses exemplos, podemos constatar que o uso da construção *que nem* é ampliada para além da função comparativa.

Assim, para verificarmos a polissemia do *que nem*, recorreremos às pesquisas a respeito de tal construção e notamos que há poucas pesquisas recentes, em nível de Mestrado, que tratam sobre o *que nem*. Dias (2011), ancorada pela vertente clássica da gramaticalização, realizou uma discussão a respeito do *que nem*. Conforme a linguista, esse conectivo inovador já vinha assumindo, no discurso oral, autonomia sintática-semântica, e tornando-se uma única expressão, sendo usado, em determinados contextos, com função de comparação, conformidade, exemplificação e marcador discursivo. A autora mostrou, ainda, em perspectiva sincrônica, que essa partícula estava passando pelo processo de gramaticalização numa amostra de comunidades de fala do interior paulista.

Já Bertozzo (2014), ancorado também pelo Funcionalismo Linguístico Norte-Americano, mostrou o deslizamento dos itens *como*, *que nem* e *tipo* de conectivos para MDs. Nessa pesquisa, o autor utilizou 12 (doze) entrevistas da comunidade de fala de Chapecó – Santa Catarina, aliado aos contextos de uso, posição, relação sintática dos itens pesquisados com a estrutura oracional, além de controlar os condicionadores extralinguísticos como idade, sexo/gênero, escolaridade e estilo. O autor evidenciou que os itens *como*, *que nem* e *tipo* estão passando por um processo de gramaticalização, tendo um alto nível de abstração, pois tais conectivos estão desempenhando a função de marcador discursivo.

Defendemos, ademais, que o *que nem* apresenta configuração formal-funcional e, em sua rede taxinômica, ele se expande em três subesquemas, a saber: comparação, conformidade, exemplificação no domínio da conexão. Além disso, o *que nem* migra para outra categoria, sendo considerada outra construção no Português Brasileiro, fazendo parte do domínio da marcação discursiva. Na próxima subseção, a seguir, revisitaremos, a partir de estudos prescritivos, descritivos e de trabalhos relativamente recentes na Linguística, como os autores compreendem a comparação, conformidade, exemplificação e marcação discursiva.

2.4 DESLIZAMENTOS DE DOMÍNIO FUNCIONAL: DA COMPARAÇÃO, EXEMPLIFICAÇÃO E CONFORMIDADE RUMO À MARCAÇÃO DISCURSIVA

Trataremos, aqui, nesta subseção, sobre as discussões acerca da comparação, exemplificação e da conformidade. Além disso, abordaremos, também, de forma sucinta, como são vistos os MDs a partir de estudos linguísticos.

2.4.1 Domínio da conexão: a comparação

Iniciamos esta subseção com a comparação. Para tanto, analisamos algumas gramáticas normativas, com maior destaque para a parte em que os gramáticos prescrevem as orações subordinadas comparativas. Cunha e Cintra (1985), a esse respeito, elencam, somente, as conjunções utilizadas para caracterizar uma oração subordinada adverbial. Já Bechara (2009, p. 493) afirma que as orações comparativas aparecem “[...] quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal [...]”. Ainda, segundo o gramático, esse tipo de oração tem caráter assimilativo.

Bechara (2009), em sua explanação, assevera que as orações de caráter comparativo são introduzidas pela conjunção *como* ou *qual*, sendo esses as formas mais prototípicas para a comparação e podem aparecer com as características de quantitativa de três tipos:

a) Igualdade: introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que*;

Nada conserva e resmungo *tanto* a vida *como* a virtude. (BECHARA, 2009, p. 494)

b) Superioridade: introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

Um homem pode saber *mais do que* muitos, porém nunca tanto como todos (BECHARA, 2009, p. 494).

c) Inferioridade: introduzida por *que* ou *do que* correlação com *menos* da oração principal:

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos *menos que* o dos velhacos (BECHARA, 2009, p. 494)

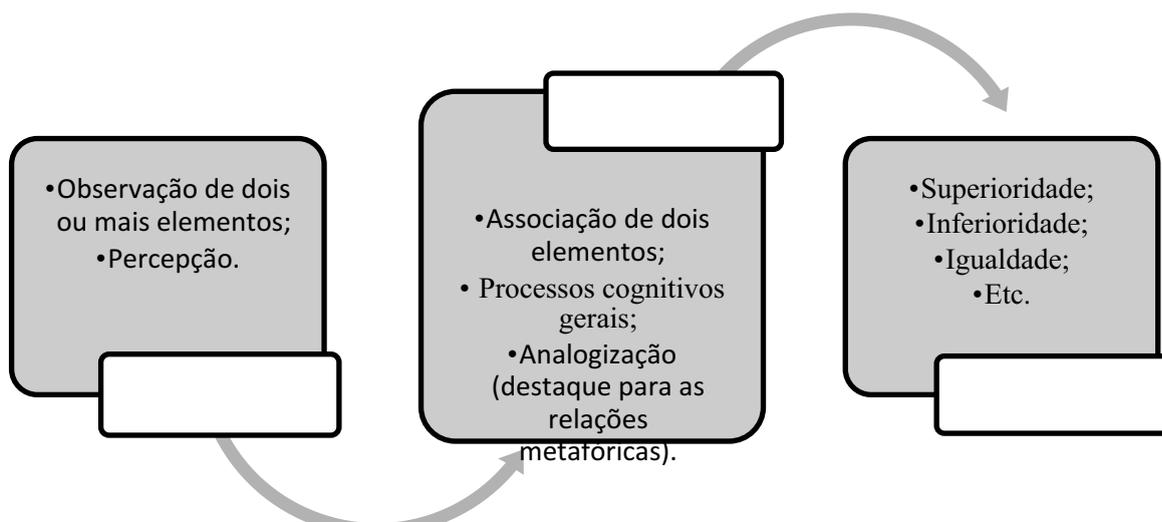
Do ponto de vista funcional, as construções comparativas, como afirmam Neves e Hattnber (2002), são sintaticamente interdependentes, pois necessitam de dois elementos para a

comparação. De acordo com Rodrigues (2016), há quatro tipos de construções comparativas, são elas: comparativas não-oracionais correlatas; comparativas não-oracionais não-correlatas; comparativas oracionais correlatas; oracionais não-correlatas. Segundo a autora, as não-oracionais são aquelas construções em que ocorre o fenômeno da elipse/apagamento (Ex: Ele fez as coisas *como* ela. COMO + SN), já as oracionais dizem respeito às construções em que o verbo está expresso (Ex: Ele é lindo como ela é. COMO + SN + SV).

Do ponto de vista sintático, Rodrigues (2016) afirma que esses tipos de estruturas podem envolver correlação, como, também, subordinação; há, portanto, construções correlatas e outras que não os são. As estruturas correlatas oracionais ou não oracionais envolvem interdependência sintática entre a primeira e a segunda oração; as não-correlatas, por sua vez, como aponta Rodrigues (2016), funcionam, de fato, como adjuntos, que podem ser oracionais ou não. A pesquisa de Rodrigues (2016) demonstrou que, do *corpus* utilizado, as construções comparativas não oracionais são as mais frequentes, iniciado, na modalidade escrita, pelo conectivo *como*.

Do ponto de vista semântico, Lima-Hernandes (2006), em uma perspectiva cognitiva, afirma que a comparação é comum em todos os indivíduos. Nesse tipo de estrutura, há uma confrontação entre dois elementos, cuja diferença etária é percebida, muitas vezes, pelo tipo de estratégia de codificação linguística operada, pois, para uma estruturação linguística complexa, é necessária a articulação de compartimentos cerebrais desenvolvida com a progressão da complexidade e a associação de intermódulos mentais. Salles (1979) afirma que, além de um processamento de nível cerebral, o falante ainda terá um conhecimento prévio que resultará na comparação, pois a comparação é feita com a associação de um ou mais termos. Esquematizamos na Figura 1 os micropassos da comparação. Vejamos:

Figura 1 – Processamento da comparação



Fonte: Autoria própria, baseado em Salles (1979)

Na Figura 1, podemos perceber que a comparação pode ser realizada por meio de uma associação aliada à atividade sensorial, já que o falante, antes de comparar, observa para, em seguida, justapor elementos num processamento cognitivo “[...] que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emoldramento pragmático” (LIMA-HERNANDES, 2006, p. 1323). Além disso, é, na justaposição, que acontecem as relações metafóricas, uma vez que o falante resgata na memória elementos passíveis de assimilação, como eventos, objetos, situações etc., para, depois disso, compará-los. Lima-Hernandes (2006) ressalta, por fim, que algumas palavras ou verbos favorecem o processo comparativo, visto que algumas delas possuem a ideia de relação. Veremos, na próxima subseção, como a construção *que nem* aparece com características da exemplificação.

2.4.2 Domínio da conexão: a exemplificação

Embora não haja conjunções exemplificativas postuladas em gramáticas normativas, recorreremos a esses materiais a fim de verificarmos se algum deles fazem menção a estruturas de base exemplificativa. Nessa direção, a gramática de Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009) não elencaram nenhuma forma gramatical exemplificativa, e, tampouco, categorizaram as estruturas de exemplificação. Assim, partimos da hipótese de que as construções que se mostram produtivas para governarem uma estrutura exemplificativa seriam *por exemplo, a exemplo de, como, tipo* etc. e colocamos esse tipo de expressões dentro do escopo da conexão, haja vista que, mesmo não havendo uma correlação explícita entre os constituintes em uma construção exemplificativa, notamos a importância de elementos conectivos em estruturas desse tipo.

Nessa direção, Lima-Hernandes (2011) realizou uma análise a respeito da multifuncionalidade e dos deslizamentos do sentido do item *tipo*. Segundo ela, esse elemento liga dois sintagmas nominais, ocupando, assim, posição na fronteira de constituinte. Sua função é dirigir a atenção do interlocutor por meio de restrição ou/e delimitação de opções interpretativas. Já o item *como*, com valor de exemplificação, assume a função de introduzir exemplos ou de enumerar elementos de cadeia exemplificativa e pode, ainda, ser intercambiável pela expressão “por exemplo” ou “qual seja” funcionando como uma estrutura apositiva.

Dias (2006) discute sobre as relações sintáticas expressas por cláusulas apositivas. A linguista se debruça, principalmente, nos tipos de cláusulas que se realizam como unidades independentes ou cláusulas desgarradas. A autora, citando Neves (1984), afirma que a aposição tem, no segundo segmento, uma retomada do primeiro. Vale dizer que esse tipo de estrutura se mostra diferente de uma construção coordenada, haja vista que a coordenação é marcada pela condição de exterioridade sintática.

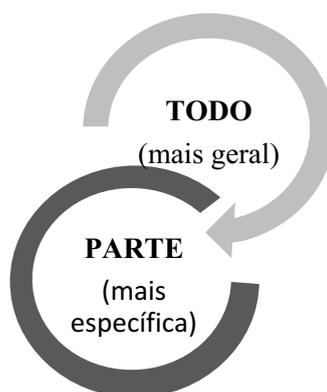
A unidade apositiva, segundo Dias (2006), mantém uma relação de correferencialidade com um sintagma nominal, bem como com toda a informação de oração ou orações anteriores funcionando, dessa forma, como uma catáfora. Além disso, em seu estudo, a autora evidenciou que uma parte das estruturas apositivas são geridas por conectores discursivos, a exemplo de: *ou seja, quer dizer, isto é, vale dizer e por exemplo*. Para esta Dissertação, direcionamos o nosso olhar principalmente para as estruturas governadas pelo conectivo *por exemplo*, pois, a nosso ver, é a construção exemplar para as estruturas de exemplificação geridas pelo *que nem*.

De acordo com Dias (2006), as unidades iniciadas pelo conectivo *por exemplo* possuem um comportamento diferenciado, ou seja, representam a relação Todo-Parte, sendo que esta última precisa ser mais detalhada, o que exige um maior número de informação. No caso do *que nem*, notamos o mesmo padrão de comportamento, pois o segundo segmento é sempre mais específico, uma vez que o falante parte de uma ideia mais geral (segmento A) e direciona sua argumentação para uma ideia mais específica (segmento B) com propósito exemplificativo. Observemos o excerto (7) a partir do nosso objeto de estudo.

(7) INF: [...] de vez em quando eh viajava pra São Paulo que o pessoal da roça quando chegava o tempo da...da seca, né? *Que tem o tempo das água que eles conhece na roça que é o tempo que dá chuva aí faz as plantação na roça e no tempo da seca aí não tem o fazê nessas roça aí tem [quem] viaja **que nem meu pai mesmo**, trabalhava de pedrêro na construção civil, viajava pra São Paulo, ia trabalhá lá e deixava meu avô tomando conta lá da... da roça e da gente, né? [...]* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI)

No trecho (7), a unidade base (em itálico) e a unidade apositiva (em negrito) representa a noção Todo-Parte, assim como advogado por Dias (2006). Nesse caso, a unidade apositiva é encabeçada pelo conector *que nem*. No primeiro evento, é possível percebermos que o informante manifesta uma ideia geral sobre o período da seca e da necessidade de mudança dos habitantes para outra cidade e, além disso, com o objetivo de fornecer informações empíricas a respeito desse acontecimento, o entrevistado traz a figura do seu pai como exemplo do conjunto das pessoas que viajam, a fim de ratificar a sua argumentação. Nesse momento, é possível notarmos a relação de Todo-Parte, uma vez que ele se baseia da relação do geral (evento A) para o mais específico (evento B).

Figura 2 – Estrutura de exemplificação a partir do domínio Todo-Parte a partir de Dias (2006)



Fonte: Autoria própria.

A partir da Figura 2 e retomando o exemplo do excerto (7), vemos uma oração *tem quem viaja* (TODO – mais geral) representando a unidade A; na unidade B, encontramos a expansão dessa oração com o exemplo encabeçado pela construção *que nem* (PARTE – mais específica). A unidade apositiva constitui, assim, uma exemplificação utilizada pelo informante como sustentação do seu ponto de vista – tem quem viaja para São Paulo, inclusive seu pai. Após essas considerações acerca da exemplificação, passemos para o outro pareamento de forma-função: o da conformidade.

2.4.3 Domínio da conexão: a conformidade

As gramáticas normativas, como é o caso da de Cunha e Cintra (1985), distinguem as orações proporcionais e conformativas. Formalmente, as orações proporcionais são iniciadas por uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado com da oração principal. As

orações conformativas, propriamente ditas, segundo os gramáticos, iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. Além disso, nos dois casos, a segunda oração é iniciada com o uso de conjunções *conforme*, *como* (com características de conformidade), *segundo*, *consoante* etc. Observemos os exemplos apresentados em Cunha e Cintra (1985, p. 575):

- (a) O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproxima-se ou perdia-se ao longe.
- (b) **Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo.
- (c) Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma.

Nos exemplos (a), (b) e (c), vistos em Cunha e Cintra (1985), percebemos que, formalmente, temos as orações iniciadas por conjunções específicas para a conformidade. Semanticamente, observamos que a oração sempre traz uma relação com uma ideia anteriormente citada mostrando a relação de conformidade.

Bechara (2009) elenca as orações em subordinadas adverbiais conformativas e, ainda, afirma que elas apresentam estrutura de conformidade quando iniciam a oração que exprime um fato em conformidade com outra expressão da oração principal. O autor elenca as conjunções: *como*, *conforme*, *segundo* e *consoante*. Vejamos os exemplos:

- (a) Tranqüilizei-a [sic] **como** pude. (BECHARA, 2009, p. 327)
- (b) Fez os exercícios **conforme** o professor determinou. (BECHARA, 2009, p. 327)

Nos exemplos (a) e (b), extraídos da gramática de Bechara (2009), notamos a relação de conformidade subordinada à oração matriz (*fez os exercícios*) e à oração conformativa (*conforme* o professor determinou). Assim como Cunha e Cintra (1985), Bechara (2009) afirma que esse tipo de oração tem, como característica, conjunções que trazem a ideia de conformidade, fazendo a ligação do pensamento da frase anteriormente citada.

Recorrendo à Tradição Linguística, Neves (2011) afirma que as construções conformativas são expressas por um período composto e são constituídas pelo conjunto de uma oração nuclear e seguidas de outra oração iniciadas por uma conjunção conformativa. Lima-Hernandes (2011), como já sinalizado, analisou o deslizamento de sentido de *tipo*, *feito*, *como* e *igual* e, nessa pesquisa, constatou que todas essas palavras possuem valores comparativos e, também, valores de conformidade.

Ainda sobre a similaridade dessas construções com as comparativas, é possível percebermos que, para haver a conformidade, é necessário a justaposição de dois elementos, uma vez que, para haver esse tipo de construção, o falante precisa assimilar duas atividades ou eventos, para, depois, realizar a conformidade. Assim, uma ou mais características precisam, necessariamente, ser aproximadas e, com isso, obtêm-se o valor de “[...] igualdade, de desigualdade ou mesmo de conformidade [...]” (LIMA-HERNANDES, 2011, p. 115).

Silva (2007), ao citar Barreto (1999), ressalta que há semelhança entre as estruturas modais e as conformativas, pois a relação de conformidade se refere a algo, ou algum fato que impulsiona a realização de outro fato. Desse modo, segundo Silva (2007), há uma conformidade entre o pensamento expresso na oração subordinada e o da oração principal.

Sé e Pezzati (2014), em uma análise da subordinação a partir da Gramática Discursivo-Funcional, evidenciam que construções do tipo “como eu estava dizendo” contribui para o avanço do discurso na medida em que mostra a preocupação do falante em resgatar, para seu interlocutor, uma informação estocada em sua memória. De acordo com as autoras, do ponto de vista sintático, não há um elo de dependência morfossintática com as construções posteriores e anteriores. É possível notarmos, dessa forma, que essas estruturas iniciadas pelo *como* funcionam, na verdade, como inserções, isto é, cortes sintáticos entre porções textuais materializadas no discurso e não apresentam, como salientam Sé e Pezzati (2014), um caso de coordenação. Além disso, esses tipos de estrutura são encabeçadas por verbos *dicendi*, antecedidos pelo conectivo *como*. De forma análoga, em nosso objeto de estudo, o mesmo acontece, pois, em seu pareamento conformativo, o *que nem* sempre aparece antecedido de verbos elocucionais (falei, disse etc).

Outra questão que merece destaque é que algumas estruturas de conformidade, assim como advoga Decat (2011), podem tornam-se desgarradas, uma vez que há um menor grau de dependência, formando uma *unidade de informação* à parte. A esse respeito, Decat (1999) sinaliza que:

[...] a noção de “unidade de informação” está correlacionada com a ocorrência isolada de cláusulas subordinadas. Caracterizando-se como opções do discurso, servindo a objetivos comunicativo-interacionais, tais cláusulas ‘desgarram-se’ porque constituem unidades de informação à parte, o que as reveste de um menor grau de dependência, tanto formal quanto semântica, chegando mesmo a se identificarem como cláusulas tidas como independentes, à maneira de alguns tipos de coordenadas. A dependência que se estabelece, nesses casos, será pragmático-discursiva. (DECAT, 1999, p. 17).

Como vemos, algumas estruturas tornam-se desgarradas, gerando, conseqüentemente, menor grau de dependência semântica e sintática. Sob esse viés, é previsível que estruturas geridas pelo *que nem* se tornem menos dependentes, uma vez que a intenção do falante é resgatar uma informação para seu interlocutor construindo uma unidade de informação, assim como veremos na seção de análise desta Dissertação.

Por fim, já revisadas as principais características da comparação, exemplificação e conformidade, passemos para a próxima subseção. Nela, faremos uma sucinta revisão acerca de outro domínio funcional: o da marcação discursiva.

2.4.4 Encontro com outro domínio funcional: os marcadores discursivos

Além de seus pareamentos de forma-função comparativo, conformativo e exemplificativo, o *que nem* migra do domínio da conexão para a marcação discursiva. Vale dizer que, no Português Brasileiro, o *que nem*, em sua configuração formal e funcional, faz parte de outro domínio funcional, integrando a rede dos MDs.

Sambrana (2017), em seu estudo sobre os MDs a partir de uma análise construcional, selecionou os elementos que compõem essa categoria em uma rede taxionômica. De acordo com ela, no nível mais alto e abstrato, essa categoria é formada por 6 (seis) tipos de construções, como pode ser visto no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Tratamento dos marcadores discursivos em uma visão construcional

Tipos de marcadores	Esquema abstrato
Interjeição	[(interj)(x)] ^{MD}
Locuções	[(locuções)] ^{MD}
Verbos	[(verbos)] ^{MD}
Advérbios	[(adv)] ^{MD}
Sons não lexicalizados	[(sons não lexicalizados)] ^{MD}
Conjunções	[(conect)] ^{MD}

Fonte: Sambrana (2017, p. 10). Adaptado pelo pesquisador.

Percebemos, no Quadro 3, que os MDs compartilham propriedades tanto morfossintáticas quanto semânticas e discursivo-pragmáticas. Destacamos, em nosso estudo, o olhar de Sambrana (2017) para os marcadores formados a partir de conjunções [(connect)]^{MD}.

A respeito dos MDs, Marcuschi (1989, p. 282) apresenta um enquadre dos marcadores conversacionais no Português Brasileiro, com destaque tanto para a forma quanto para as posições e funções. O linguista salienta que esses marcadores operam “[...] simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e [atuam] como indicadores de força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais.”

Risso, Silva e Urbano (2002, p. 22) alegam que definir os MDs não é uma tarefa fácil, haja vista que não há um “[...] um consenso quanto à determinação da natureza e propriedades dos marcadores”. Para tanto, os autores buscam elencar características principais para designar esse tipo de categoria e dividem os aspectos em marcadores “basicamente interacionais” e os “basicamente textuais” que são: padrão de recorrência, articulação de segmentos do discurso, orientação da interação, relação com o conteúdo proposicional, transparência semântica, apresentação formal, relação sintática com a estrutura oracional, demarcação prosódica, autonomia comunicativa, massa fônica, tipo de ocorrência, base gramatical (fonte), sexo dos informantes, local do inquérito, tipo de inquérito e posição (RISSO; SILVA; URBANO, 2002, p. 23-32).

Por fim, compreendemos que, se por um lado, os MDs trazem, do ponto de vista funcional e interativo, uma relação significativa; do ponto de vista formal, como salienta Rost (2002, p. 96), são “[...] descartáveis sem prejuízo da construção sintagmática em si, pois estruturalmente os marcadores discursivos não estão integrados como constituintes essenciais.”. Além disso, sublinhamos que esses marcadores têm um aumento do escopo estrutural e da liberdade sintática (MARTINS; CUNHA LACERDA, 2014).

2.5 FINALIZANDO...

Nesta seção, passamos pelos (poucos) dados históricos acerca do *que nem*, trazendo as considerações de Jucá Filho (1933), que já mostrava o deslizamento do *feito* e a produtividade da expressão *que nem* no Brasil; e de Bergo (1959 [1941]) que ratificou o uso desse elemento e mostrando uma postura normativa/prescritiva para o uso de tal expressão.

Na tradição gramatical, vimos que somente Cunha e Cintra (1985) elencam o conectivo *que nem* como passível de ser utilizado pelos falantes, comutando-o por *como* e *que*, nas

gramáticas descritivas/funcionalistas, não houve menção de tal elemento como conectivo comparativo, tampouco seus deslizamentos de uso com outras formas e funções.

Nos estudos recentes sobre o *que nem*, observamos os estudos de Dias (2011) e Bertozzo (2014) feitos a partir da vertente clássica da gramaticalização. Dias (2011) mostrou que o *que nem* está passando pelo processo de gramaticalização com a forma mais abstrata de marcador discurso. A linguista, portanto, situou todas essas funções dentro do mesmo domínio funcional. Já Bertozzo (2014) investigou tal construção, somente, no escopo dos MDs, fazendo, ainda, um diálogo com a Sociolinguística Variacionista.

Temos o propósito, como já mencionado na introdução desta Dissertação, de mostrar como os estudos funcionais, em seu diálogo mais atual com a Gramática de Construções, ajudam a conceber a linguagem e gramática como uma rede interconectada em que aspectos formais e funcionais são levados em consideração. Na próxima seção, objetivamos apresentar as principais considerações da teoria escolhida por nós como aporte teórico desta Dissertação.

3 A LÍNGUA COMO UM SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO: UMA RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA, USO E COGNIÇÃO

Na seção anterior, vimos como o *que nem* é observado em compêndios históricos, na Tradição Gramatical, Tradição Linguística e nos estudos e pesquisas linguísticas contemporâneas. Ademais, realizamos uma sucinta revisão a respeito da comparação, conformidade, exemplificação e marcação discursiva, pois defendemos que, em sua feição construcionalizada, o referido objeto atua em 4 (quatro) pareamentos distintos.

Nesta seção, em particular, trazemos o aporte utilizado em nossa Dissertação que se destaca pela relação entre uso, língua e cognição. Assim, para alcançarmos o proposto, optamos por estruturar esta parte da pesquisa da seguinte forma: 1) traçamos a trajetória dos estudos formalistas (SAUSSURE, 2012 [1916]; CHOMSKY, 1965) até à perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos (LARSEN-FREEMAN, 1997; BYBEE, 2010); 2) fizemos uma incursão pela LFCU (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2015, FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2018) subseção que dividimos em outras subseções, a saber: 2a) discutimos o conceito de construção adotada por nós (CROFT, 2001); 2b) demonstramos como a mudança linguística se estrutura por meio de uma rede de construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013); 2c) realizamos um breve olhar sobre a subjetividade e (inter)subjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005); 2d) ratificamos a importância dos processos cognitivos de domínio gerais (BYBEE, 2010); e, por último, na subseção seguinte, 3) atestamos a importância dos tipos de contextos (DIEWALD, 2006) na aferição da mudança linguística em uma perspectiva diacrônica.

Isso posto, vejamos, então, o panorama das teorias linguísticas que alicerçam nossa análise.

3.1 A BREVE TRAJETÓRIA DAS TEORIAS: DO FORMALISMO AOS SISTEMAS DINÂMICOS

Historicamente, a discussão acerca da língua(gem) sempre esteve presente mesmo antes de se tornar uma ciência propriamente dita. Isso se justifica uma vez que ela é um instrumento imprescindível para a experiência em sociedade, além de ser, por meio da língua(gem), que o homem materializa a sua subjetividade.

Nessa perspectiva, a necessidade de se comunicar e expressar suas paixões tornam-se grandes aliadas para a reflexão acerca da importância da linguagem nas relações interpessoais.

Rousseau (1999 [1759]), ao discutir sobre a origem da linguagem, sinaliza, em uma postura filosófica, que a arte de comunicar é tão inerente à sociedade que, mesmo faltando órgãos responsáveis para a comunicação, o homem empregaria outros meios para tal fim em virtude da necessidade de agir sobre o outro e desvelar suas paixões.

Mais adiante, no início do século XX, a Linguística ganha lugar no campo científico com um método próprio, sendo vista por meio de dois grandes polos, são eles formalista e funcionalista.

O polo formalista tem como principal representante o linguista Ferdinand de Saussure (2012 [1916]). O pai da Linguística – assim como é conhecido – foi responsável, sobretudo, pela corrente linguística estruturalista e, ademais, tornou-se o grande responsável por fazer dos estudos da linguagem uma ciência, cujo foco de investigação recaía sobre o sistema linguístico. O mestre genebrino destaca que a língua – como um sistema autônomo – não se confunde com a linguagem, pois esta é somente uma parte determinada e essencial daquela.

Alguns anos depois, Noam Chomsky, na década de 50, ainda no polo formalista, retoma a questão do sistema linguístico por meio da autonomia em uma perspectiva internalista, contrapondo-se, principalmente, à lógica comportamentalista de Skinner (1957). Para Chomsky (1959), o sistema linguístico constitui-se, na verdade, como uma faculdade biológica para aprender a linguagem.

Chomsky (1959) justifica tal ponto de vista indo de encontro ao pensamento da psicologia comportamental e utiliza, como exemplo, a fase inicial de aquisição da linguagem. Segundo ele, o estímulo comportamental que uma criança recebe na fase da aquisição é muito pobre, em virtude de os humanos possuírem uma complexa capacidade de adquirir linguagem. Por isso, dentre outros aspectos, o linguista afirma que a estrutura básica da linguagem é parte integrante do nosso sistema cognitivo, isto é, a linguagem, sob essa ótica, é inata e independe de fatores externos, pois toda essa habilidade é governada por uma Gramática Universal (GU) gerida de princípios e parâmetros.

Nesse âmbito, a estrutura linguística pode ser metaforicamente comparada a uma máquina que gera sentenças gramaticais – daí o nome Gerativismo, termo este que rotula tal perspectiva teórica formalista. O conhecimento acerca da linguagem está, pois, previamente “instalado” nos seres humanos e a mente de um recém-nascido não é uma folha em branco, mas um sistema altamente especializado, além de ser, como afirma Chomsky (1968),

[...] um sistema abstrato subjacente ao comportamento, um sistema constituído por regras que interagem para determinar a forma e o significado

intrínseco de um número de sentenças potencialmente infinito (CHOMSKY, 1968, p. 62).

A cognição e a sintaxe, nessa corrente formalista, começam a ganhar maior destaque, uma vez que, segundo Chomsky (1965), o sistema linguístico, que faz parte da arquitetura cognitiva, é abstrato e separado em módulos que são responsáveis por várias habilidades, como o da visão, atividades sensório-motoras. Essa arquitetura possui, além disso, um sistema linguístico extraordinariamente particular que o linguista denomina como “faculdade da linguagem”.

Avançando um pouco mais, na década de 60, começam a surgir as primeiras reações ao polo formalista. Nesse sentido, como afirma Faraco (2016), a Sociolinguística se consolida, na década de 60, como uma teoria herdeira de uma tradição antropológica e sociológica e, por conta disso, a língua é entendida como um fato social, pressupondo a correspondência sistematizada entre formas variantes a fatores linguísticos e não linguísticos. Sob essa ótica, é possível detectarmos o impulsionamento de uma teoria que se centra nas possibilidades da língua que não se embasa, somente, numa perspectiva estrutural ou internalista, mas, também, dentro de um emaranhado social.

Para exemplificarmos tal postura, trazemos à discussão a noção de variantes postulada por Labov (2008 [1972]). Segundo o linguista, duas formas se encontram em variação quando ambas podem ser permutáveis entre si, havendo entre elas o mesmo valor de verdade, mas estando seu uso condicionado a restrições (*constraints*), as quais dependem de fatores internos (que fazem parte da estrutura linguística) e externos ao sistema (de ordem social, geográfica, nível de escolaridade etc).

Alguns anos depois, na década de 70, ainda como reação ao polo formalista, surge a vertente funcionalista. À vista disso, indo ao encontro da Sociolinguística Variacionista Laboviana, a corrente funcionalista concebe a língua não como uma faculdade inata e como objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita, sobretudo, às pressões comunicativas.

Nessa direção, o Funcionalismo ganhou força principalmente nos Estados Unidos e passou a servir de aporte para as pesquisas feitas por vários linguistas, a exemplo de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. Como afirmam Martelotta e Kenedy (2015), os teóricos que se debruçavam pelo viés funcionalista passaram a advogar por uma perspectiva baseada no uso, no qual fatores linguísticos e extralinguísticos fossem levados em consideração nas análises. A sintaxe, nessa corrente teórica, está em constante mutação, visto que a língua

está à serviço das necessidades comunicativas do falante e a gramática é acessível às pressões de uso. Na esteira desse processo, a variação e mudança linguística não são concebidas como simples escolhas aleatórias dos falantes (variação livre), como já apontava a Sociolinguística Variacionista Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Na verdade, a língua mantém regularidade e é moldada a partir do uso e da dinamicidade.

Como vemos, o entendimento da linguagem, numa perspectiva científica, é visto por dois grandes polos. Para esta Dissertação, debruçamo-nos, teoricamente, na concepção Funcionalista da língua(gem) e, ademais, enquadrámos nossa pesquisa aos Sistemas Adaptativos Complexos (LARSEN-FREEMAN, 1997; BYBEE, 2010), em virtude do sistema linguístico ser mais que um produto de comportamentos individuais. Por outro lado, compreendemos a língua(gem) como um sistema variável e dinâmico, composto por elementos heterogêneos que, ao se interagirem, provocam mudanças em seus agentes. Assim, pelo âmbito dos Sistemas Adaptativos Complexos (SACs), que abraçam os estudos Funcionalistas, o fenômeno linguístico é concebido como emergente, explicado não por leis universais, mas, pelo contrário, sendo considerado como dinâmico, aberto e adaptativo, composto tanto por elementos formais quanto funcionais. A partir dessa óptica, o sistema de uma língua é entendido como gradual, conectada ao contexto de uso que faz parte, ademais, de processos cognitivos gerais (BYBEE, 2010).

Após trazermos esse breve olhar a respeito das correntes formalistas e funcionalistas e, ademais, assumirmos a noção emergencista da linguagem, passemos a subseção seguinte, na qual nos detemos um pouco mais na descrição da LFCU, teoria cuja premissa se baseia tanto nos postulados do Funcionalismo Norte-Americano quanto nos estudos Cognitivistas, principalmente na perspectiva da Gramática de Construções.

3.2 A APROXIMAÇÃO DO FUNCIONALISMO COM A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Na subseção anterior, mostramos os dois polos que norteiam a concepção de língua (gem). Para particularizar ainda mais a nossa perspectiva teórica, mostraremos, nesta subseção, o percurso histórico do Funcionalismo, até chegar ao recente diálogo com os postulados da Gramática de Construções, conhecido, no Brasil, como Linguística Funcional Centrada no Uso.

3.2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Na LFCU, o sistema linguístico é entendido como um meio que reflete a necessidade comunicativa do falante. Nesse sentido, é por meio da língua que os interlocutores relatam os acontecimentos, expressam as suas vontades, influenciam e são influenciados numa troca (inter)subjativa, alicerçados em contextos reais de interlocução. À vista disso, a língua e a mudança linguística estão relacionadas, como já sinalizamos na subseção anterior, ao SAC cuja gramática é considerada emergente (HOPPER, 1987). A noção emergencial do funcionamento da língua capta o caráter provisório, transitório e fluído da estrutura da língua que está sempre susceptível de negociação na interação entre os interlocutores. A gramática é vista, nesse sentido, como social e mutável, fruto daquilo que emergiu durante o discurso.

Cabe trazeremos um breve olhar histórico a respeito do Funcionalismo que praticamos hoje. Embora os estudos a respeito da variação e da mudança linguística tenham se firmado na década de 60 (sessenta) pelas pesquisas de William Labov nos Estados Unidos, os trabalhos feitos sobre a mudança linguística, na perspectiva da gramaticalização, são datados desde o século X, na China, cujo termo foi introduzido, pela primeira vez, por Meillet (1912), que defendia a premissa da atribuição de um caráter gramatical a um item e/ou a uma expressão linguística anteriormente considerada autônoma. O referido autor associa a gramaticalização de um elemento linguístico à imagem de um espiral, figura que reflete continuamente um processo cíclico, inacabado, infinito.

Nessa mesma trilha, Kurylowicz (1975) defende, fundamentado em Meillet (1912), que a gramaticalização diz respeito ao aumento do percurso de um morfema que avança do léxico à gramática e/ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical. É oportuno acrescentarmos que, nessa concepção clássica, a função é priorizada em detrimento da forma, pois as pesquisas se pautavam, dentre outros aspectos, nas buscas unidirecionais em que itens linguísticos deslizavam do léxico, integrando-se à gramática e, nela, tornavam-se cada vez mais

gramaticais. Conforme nos afirmam Rosário e Oliveira (2016, p. 235), os pesquisadores que se debruçam em analisar a mudança linguística, pelo viés da gramaticalização, dedicam-se na detecção

[...] de trajetórias históricas de categorias em perspectiva mais atômica, preocupados especificamente com propriedades de forma ou de sentido caracterizadoras das referidas categorias. Na mudança por gramaticalização, o foco reside no levantamento de marcas redutoras, seja em termos funcionais, como os fenômenos de abstratização e polissemia que caracterizam a derivação categorial, seja em termos formais, na pesquisa da erosão, da perda de estrutura resultante do desgaste pelo uso (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 235).

Notamos, a partir do exposto, que a ideia a respeito da mudança linguística estava ainda ligada, nesse período, aos critérios de aferição em termos formais, no qual o pesquisador de dedicava a investigar, dentre outros aspectos, a erosão que algumas estruturas gramaticais sofriam devido ao uso.

Harmonizando com o pensamento funcionalista da época, ainda na década de 70, alguns estudiosos, a exemplo de George Lakoff, Ronald Langacker, Charles Fillmore, Gilles Fauconnier, contrapondo-se, também, à ideia modularizante adotada pelo Gerativismo, principalmente pela concepção de que o significado de uma sentença é definido pelas condições de interpretação de falsa ou verdadeira, instauram uma teoria na defesa de que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Surge, assim, a Linguística Cognitiva (LC), que concebe a linguagem humana como instrumento de organização, processamento e transmissão de informações semântico-pragmáticas e não como um sistema autônomo. A esse respeito, Geeraerts (1995) ressalta que:

[...] Partindo da hipótese de que a linguagem se constitui a partir da capacidade cognitiva geral do ser humano, os seguintes aspectos adquirem especial interesse para a área: a categorização nas línguas naturais; [...] princípios funcionais da organização linguística (tais como iconicidade e naturalidade)[e] a interface conceptual entre sintaxe e semântica (nos moldes da Gramática Cognitiva e pela **Gramática de Construções**) [...](GEERAERTS, 1995, p. 111-112, grifos nossos, tradução nossa)

É possível observamos que, em certa medida, a noção de língua adotada pela LC tem relação direta com os pressupostos funcionais *stricto sensu*, uma vez que, além de trabalhar com dados naturalísticos, os pressupostos cognitivistas ainda trazem a noção de iconicidade e a relação entre sintaxe e semântica, com destaque para a pragmática. Nessa afirmação de

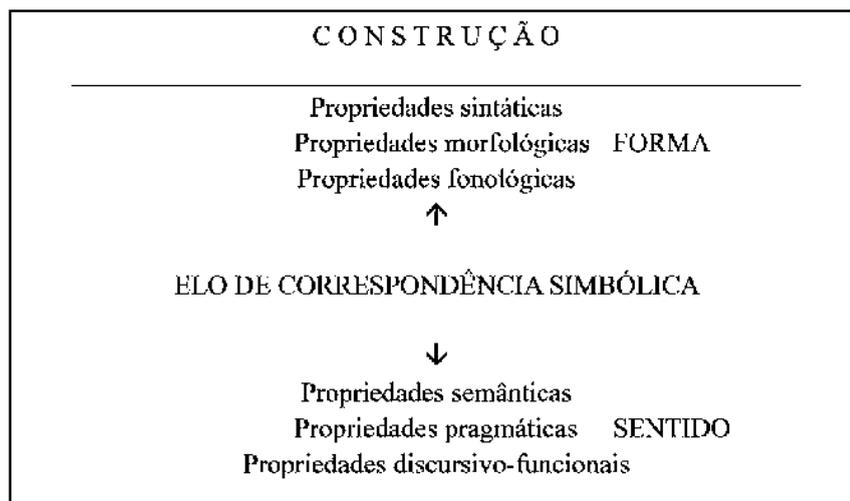
Geeraerts (1995), interessa-nos, sobretudo, a noção de Gramática de Construções (GC), elencado pelo referido autor como uma das linhas de investigação da LC. Na próxima subsecção, trazemos um olhar mais acurado a respeito da GC.

3.2.2 Gramática de Construções e a compreensão da mudança linguística a partir de redes construcionais

A Gramática de Construções surge quando, nos finais da década de 80, Fillmore (1988), averiguando algumas estruturas linguísticas, percebeu que o falante possui um conhecimento capturado por esquemas simbólicos, os quais possuem uma ancoragem idiossincrática, a exemplo de expressões (*let alone*) e esquemas maiores (*what's X doing Y – What's this fly doing in my soup?!*). Ainda cabe acentuarmos que, conforme Fillmore, Kay e O'Connor (1988), essa perspectiva, ancorada na relação de uso e cognição, parte da premissa de que construções gramaticais complexas possuem as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que itens lexicais. Nesse sentido, o falante não tem noção somente do item (como era visto na vertente clássica do Funcionalismo/Gramaticalização), mas das construções que se moldam por meio da frequência como um pareamento de forma-significado. Com efeito, não há, nessa vertente, uma distinção rígida entre léxico e gramática.

Como vemos, a gramática é tomada, em uma perspectiva construcional, como pares de forma e significado. A língua é, pois, definida como um conjunto de construções específicas e hierárquicas que se interconectam, compondo a arquitetura interconectada, em que tanto aspecto de forma quanto de significado são levados em consideração na análise linguística. Na Figura 3, a seguir, trazemos essa noção a partir de Croft (2001):

Figura 3 – Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Croft (2001, p. 18, tradução nossa).

A partir da Figura 3, vemos que as construções são, reconhecidamente, compostas por dois eixos, que são a forma e o sentido. A *forma*, por um lado, diz respeito às propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e, por outro lado, os aspectos do *sentido* são compostos pela semântica, pragmática e propriedades discursivo-funcionais, todos eles ligados por um elo de correspondência simbólica.

Hodiernamente, Traugott e Trousdale (2013) refinam os conceitos de Croft (2001) e defendem, em uma perspectiva diacrônica, que a língua é formada a partir de um inventário de construções com pareamento de forma e função. Embora esses autores utilizem como rótulo a expressão “sentido”, para o polo oposto à forma, nesta Dissertação optamos por utilizar, assim como Goldberg (2016), o termo “função”, em virtude da adequação terminológica exercida entre o casamento do Funcionalismo norte-americano e a perspectiva construcional que adotamos este trabalho.

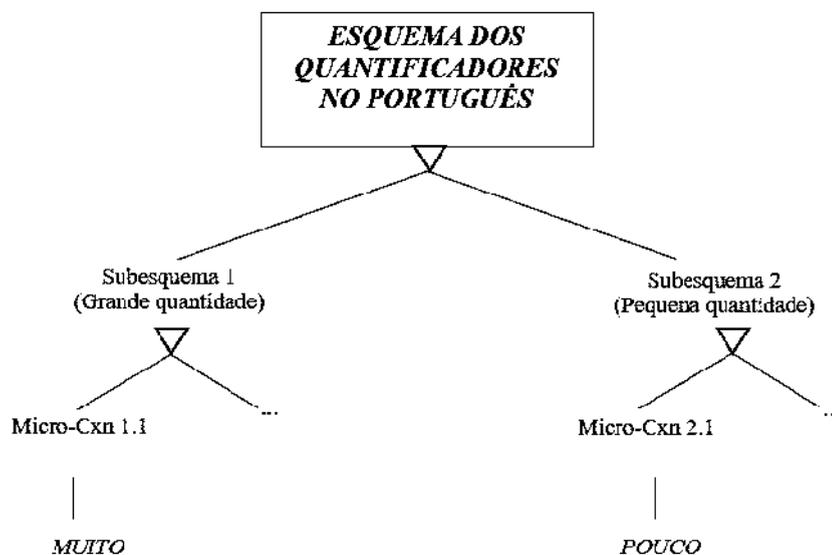
Em linhas gerais, no âmbito da LFCU, as construções são consideradas como unidades simbólicas convencionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013): (i) unidades porque alguns aspectos do signo são tão idiossincráticos ou tão frequentes que estão entrincheirados como um pareamento de forma-função na mente do falante; (ii) simbólicos pois são signos, tipicamente associações arbitrárias de forma e função; e (iii) convencionais porque são compartilhados entre grupos de falantes.

Ampliando essa discussão, Traugott e Trousdale (2013) ainda defendem que há cinco princípios gerais que fundamentam os modelos teóricos que consideram a abordagem construcional:

- i) a unidade básica da gramática é a construção, a qual consiste em um pareamento convencional entre forma e função;
- ii) a estrutura semântica está diretamente relacionada à estrutura sintática;
- iii) a língua é composta por uma rede de nós e de ligações entre esses nós que compõem uma estrutura hierárquica;
- iv) a variação trans-linguística pode ser explicada de várias formas, incluindo processos cognitivos de domínios gerais e construções com variação específica;
- v) a estrutura da língua é constituída/determinada pelo uso da língua.

Como vemos, há uma ligação entre estrutura semântica e sintática, justamente pelo fato de esses dois polos estarem ligados a um elo de correspondência simbólica, como já sinalizamos na subseção anterior. Outro termo caro à teoria são as relações taxinômicas que uma construção possui com outras. Isso vale dizer que construções mais específicas estão ligadas a construções mais abstratas em uma rede interconectada. Para exemplificarmos com mais precisão, retomamos o exemplo de uma rede construcional de Traugott e Trousdale (2013), formada a partir dos quantificadores no Português. Vejamos:

Figura 4 – Rede construcional dos quantificadores no Português



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17) – Adaptado pelos pesquisadores.

É possível verificarmos, na Figura 4, o grau de esquematicidade dos quantificadores e suas relações com outras construções. De um lado, temos a microconstrução *MUITO*, que pertence, por sua vez, ao subesquema dos de *grande quantidade*. Do outro lado, percebemos que a microconstrução *POUCO* instancia um subesquema mais específico, os quantificadores de *pequena quantidade*, que, por fim, juntamente ao subesquema *grande quantidade*, sancionam o esquema ainda mais geral e abstrato: os quantificadores no Português. Além disso, é válido ressaltarmos que, mesmo a Figura 4 ser representada a partir de dois subesquemas, isto é, de forma binária, é possível que uma dada construção instancie mais construções, uma vez que partimos da premissa que a linguagem é sistema dinâmico. A título de exemplo, trazemos o estudo de Fumaux, Alonso e Cezario (2017) a respeito dos quantificadores em Português. As autoras mostraram que no subesquema dos quantificadores de *grande quantidade* é possível pensarmos em outras microconstruções como *um monte de SN (um monte de gente)*, *milhares de SN (milhares de pessoas)*. Já no subesquema de *pequena quantidade*, também é possível que novas microconstruções façam parte de um esquema mais abstrato, a exemplo de *uma pitada de SN (uma pitada de sal)* etc.

Sob esse viés, torna-se imprescindível frisarmos que as microconstruções são instanciadas por meio de construtos, ou seja, *tokens* empiricamente atestados em contextos reais de uso, além disso, é nesse nível efetivo que ocorrem as mudanças linguísticas. As microconstruções, os subesquemas e o esquema estão, nesse sentido, num *continuum* de *types*

que partem níveis mais baixos em direção a uma ancoragem mais alta de abstratização e esquematização.

No que tange à mudança linguística, Traugott e Trousdale (2013) afirmam que esse fenômeno acontece a partir de dois modos: mudanças construcionais e construcionalização. As mudanças construcionais dizem respeito às mudanças que afetam, somente, o polo da forma ou da função e não criam um nó na rede linguística. Essa fase é designada como os micropassos da construcionalização e o pesquisador deve mostrar, diacronicamente, como, de fato, aconteceram as mudanças em um dos dois polos de uma dada construção. Esse tipo de mudança torna-se importante, vez que mesmo não criando um novo signo, essas alterações, ora na forma ora na função, caracterizam-se como o gatilho para a formação de um novo nó na rede linguística.

A construcionalização, por seu turno, diz respeito à criação de um novo pareamento de forma-função na língua que envolve a necessidade comunicativa do falante, associada aos mecanismos de neoanálise. Segundo Traugott e Trousdale (2013), as neoanálises acontecem devido ao usuário adicionar, através do tempo, representações mentais de uma expressão.

Inferimos, a partir disso, que as neoanálises, enquanto micropassos, proporcionam a construcionalização. Assim, após esse fenômeno, é possível detectarmos os níveis mais abstratos e gerais que possibilitam a gênese e desenvolvimento da mudança linguística. Restamos, ainda, o seguinte questionamento: Como aferir a mudança linguística por meio de uma perspectiva construcional? E, ademais, como desenvolver uma pesquisa sincrônica se debruçando nessa abordagem? Segundo Traugott e Trousdale (2013), tais investigações podem ser realizadas a partir da esquematicidade, produtividade e composicionalidade, critérios elencados na subseção a seguir.

3.2.2.1 Fatores de Esquematicidade, Composicionalidade e Produtividade

A LFCU tem como a principal premissa que as construções formam um inventário por meio de uma rede. Sob essa perspectiva, os fatores de esquematicidade, composicionalidade e produtividade tornam-se grande aliados, tanto para a análise dessas construções quanto para a visualização taxinômica delas com outras construções existentes. Elencamos, a seguir, tais critérios:

Esquematicidade: diz respeito às generalizações taxinômicas que evidenciam a abstratização de construções linguísticas na mente do falante em uma visão cognitivista não-modular. Os falantes, nesse sentido, não têm conhecimento de somente um elemento linguístico

específico, mas sim de esquemas mais abstratos e virtuais. Nessa linha, Traugott e Trousdale (2013) dividem os graus de esquematicidade, como já mostrado nesta seção, por meio de 3 (três) níveis: microconstrução, subesquema e esquema.

Acrescentamos, nessa hierarquia, a noção de Domínio Funcional tal como proposto por Teixeira e Rosário (2016). Segundo os autores, o conceito de Domínio Funcional pode ser encontrado desde o Funcionalismo Clássico e diz respeito às “áreas linguísticas”, concebidas, em uma perspectiva funcionalista, como “universais linguísticos”. Nessa concepção, os quantificadores, correlatores, subordinadores, coordenadores, focalizadores, conectivos, marcadores discursivos etc. fazem parte domínios funcionais distintos. Trata-se, conforme Teixeira e Rosário (2016, p. 147), “[...] de ‘universais psicológicos e socioculturais’ presentes, senão em todas, em grande parte das línguas humanas”. Para a análise do nosso objeto de pesquisa, defendemos que, acima do nível do Esquema, como proposto por Traugott e Trousdale (2013), temos o Domínio Funcional, que se divide em dois: Conexão e Marcação Discursiva, uma vez que o *que nem* migra de categoria dos conectores e passa a integrar a rede dos MDs.

Cabe ressaltarmos que, no nível mais baixo da rede, formado por microconstruções, é possível verificarmos que as construções são menos esquemáticas, uma vez que são mais específicas. O nível no subesquema tem como característica uma abstratização maior, assim, as construções tendem a ser mais esquemáticas; e, por fim, no nível do Esquema, as construções podem ser parcialmente ou totalmente esquemáticas, como é o caso, por exemplo, do esquema SVO, muito produtivo em algumas línguas, a exemplo do Português. Em cada uma dessas categorias, é factível o preenchimento com vários tipos sujeitos, verbos e objetos, evidenciando, assim, um alto nível de Esquematicidade.

A *Composicionalidade* diz respeito à relação de transparência entre a forma e a função. Retomando o exemplo dado previamente do esquema SVO (*João comeu o bolo*), concebemos esse esquema com um alto nível de composicionalidade, pois o significado do todo é recuperado pela soma das partes. Em outra direção, temos construções menos composicionais que se destacam pelo alto grau de entrincheiramento, a exemplo da expressão idiomática exemplificada na seguinte frase: “Mesmo com os cortes de verbas feitas pela presidência, os pesquisadores não *deixaram a peteca cair*”. Na expressão em destaque, muito comum no Português Brasileiro, o falante não indica que os pesquisadores deixaram, de fato, a peteca cair, mas sim que eles conseguiram resolver a questão mesmo diante dos cortes de verba feitos pelo governo. O significado do todo, portanto, não corresponde à soma das partes.

A composicionalidade está atrelada, sobretudo, à possibilidade de encaixes. Essa viabilidade de encaixamento de algumas palavras/expressões é chamada, em uma perspectiva construcional, de *slots*. Nesse sentido, no esquema SVO é possível inserirmos uma quantidade maior de elementos, uma vez que, por meio desse esquema, somos capazes de tanto instanciar a frase *João comeu o bolo* quanto *Maria bateu em João*, por exemplo. Já nas construções menos composicionais, há a impossibilidade de inserção de *slots* a exemplo da expressão *Maria vai com as outras* que, em virtude de a soma das partes não corresponder ao significado do todo, impossibilita a inserção de outros termos nessa expressão idiomática sem que se perca o sentido.

A *Produtividade*, por fim, assim como acontece com a Esquematicidade, relaciona-se à emergência de novos pareamentos de forma-função, ou seja, esse fator diz respeito à pontencialidade de esquemas mais gerais sancionarem construções menos esquemáticas. Assim, conforme Traugott e Trousdale (2013), a produtividade de uma construção pertence ao nível dos esquemas e, além disso, relaciona-se com sua extensibilidade, ou seja: i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas; ii) o grau em que tais esquemas são restringidos.

Podemos observar a questão da Produtividade em Bybee (2003), quando a autora distingue os tipos de frequência *type* e *token*. Segundo a linguista, a frequência *type* diz respeito ao número de diferentes expressões que um padrão apresenta. A frequência *token*, por sua vez, tange à frequência do construto. Assim, quando uma microconstrução é criada pela comunidade linguística, há um aumento gradual da sua frequência de uso, o que caracteriza a repetição, tornando-a rotinizada e, conseqüentemente, automatizada na língua.

A noção de produtividade se relaciona, ainda, com a expansão *host class* (classe hospedeira) nos termos de Himmelmann (2004), pois, após a construcionalização gramatical, novos pareamentos de forma-função são instanciados, aumentando, dessa forma, a Produtividade.

Esses fatores podem ser verificados tanto em pesquisas diacrônicas, para aferição das mudanças construcionais sofridas por construções gramaticais, quanto para a perspectiva construcionalização sincrônica. De forma geral, a construcionalização gramatical, ou seja, a mudança linguística propriamente dita, apresenta um aumento de esquematicidade e de produtividade, ao passo que há um decréscimo na composicionalidade, isto é, há um “decrécimo na transparência da combinação entre significado e forma” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121, tradução nossa). Isso se dá, sobretudo, devido à (inter)subjetividade que trataremos na subseção seguinte.

3.2.2.2 Subjetividade e (Inter)subjetividade

De acordo com Benveniste (1988), é por meio da linguagem que o homem se constitui efetivamente como sujeito e é, a partir dessa premissa, que o linguista mostra a importância da subjetividade na cena enunciativa, pois o falante não emprega o *eu* a não ser dirigindo-se a um *tu*. Essa condição de diálogo, portanto, torna-se crucial entre os falantes, em virtude da necessidade de reciprocidade na comunicação.

Consonantemente, na LFCU, o grau de expressividade na relação entre interlocutores é marcado pela relação (inter)subjetiva. Assim, a mudança linguística acontece, justamente, devido à necessidade comunicativa e, por isso, há o princípio da força expressiva maximizada (GOLDBERG, 1995). Esse grau de expressividade é visto pelas estratégias de subjetivação e (inter)subjetivação, uma vez que, segundo Traugott e Dasher (2005), a subjetivação acontece por meio de um processo de expansão semântico-pragmática, com base na crença e nas atitudes do falante.

A subjetividade é, pois, intrínseca à (inter)subjetividade, tendo em vista que o movimento da subjetividade acontece no discurso entre os participantes, levando em consideração as suas crenças, intenções, demandas etc. Nesse viés, há a atenção do falante para a autoimagem do ouvinte e, nessa perspectiva, o fenômeno da (inter)subjetivação envolve a neoanálise e a convencionalização de significados que surgem em contextos em que falante e ouvinte negociam significados.

Em linhas gerais, a (inter)subjetividade compreende a atenção do locutor em relação ao seu interlocutor – em virtude de o interlocutor ser tomado como sujeito ativo na interação. Assim, essas estratégias (inter)subjetivas são materializadas no plano gramatical levando à mudança semântica, sendo este um mecanismo frutífero para a mudança linguística, pois devido às necessidades de interação, os falantes criam novas construções a fim de serem mais expressivos.

Nessa linha de raciocínio, as sanções de novos nós, na rede construcional, acontecem, sobretudo, por meio de inferências sugeridas e (inter)subjetivação. De acordo com Traugott e Dasher (2005), a inferência sugerida, como um processo cognitivo, permite a ativação de construções que estão estreitamente relacionadas e, por meio de implicaturas conversacionais, novos nós são criados e os falantes convidam o seu interlocutor a interpretar e neoanalisar a nova construção de maneira particular. A (inter)subjetivação, assim, está estritamente ligada às inferências sugeridas, pois, com base na crença e na atitude do falante, há um processo de

expansão semântico-pragmática e, além de demonstrar as suas crenças (sentidos [+subjativos]), esse mecanismo ainda diz respeito à preocupação do falante com a imagem do interlocutor, agindo, dessa maneira, sobre ele, por meio da negociação de novos sentidos [+intersubjetivos] mediante um *continuum* crescente de (inter)subjatividade.

Isso posto, defendemos, nesta Dissertação, que é por meio dessas trocas que novas construções são sancionadas na língua em uso, uma vez que, como dissemos, a concepção de língua adotada nesta Dissertação baseia-se tanto em contextos linguísticos quanto extralinguísticos, a exemplo dos processos cognitivos de domínios gerais. Sobre este último, trataremos de forma mais minuciosa na subseção seguinte.

3.2.2.3 Processos cognitivos de domínio geral

Nos últimos anos, o termo “cognição”, mais precisamente a partir da década de 60 com a Psicolinguística, ganhou espaço dentro dos estudos linguísticos. Embora a relação entre mente e linguagem tenha sido realizada a partir dos estudos gerativistas, como vimos no início desta seção, nos estudos baseados no uso essa terminologia recebe um enfoque especial, principalmente na associação entre cognição, linguagem e experiência sociocultural.

Vale ressaltarmos que a repetição se torna um conceito chave para as teorias baseadas no uso, uma vez que a experiência com a linguagem reflete nas representações cognitivas (BYBEE, 2010). Enquanto que, no Gerativismo, a língua é administrada por uma GU composta por princípios e regras gerais que governariam todas as línguas naturais, na concepção de linguagem como um sistema complexo, ela é vista como resultado da experiência do falante com mundo e a gramática é arquitetada à medida que a língua é usada em situações de interação, isto é, rotinizada pelos falantes.

Destarte, as estruturas gramaticais funcionam, como já vimos, por meio de uma relação intrínseca entre forma e função, ou seja, a estrutural gramatical de uma língua é vista, na concepção dinâmica, como uma relação entre fonologia, léxico, sintaxe, semântica etc. que opera em paralelo e (inter)relacionada ao invés de se constituir, separadamente, em diferentes níveis de abstração como propõe a proposta chomskiana.

Nessa direção, Bybee (2010) afirma que, se debruçarmos em uma perspectiva dinâmica, é possível irmos além de estruturas propriamente linguísticas, pois a linguagem, sob essa ótica, é fruto de processos cognitivos de domínios gerais. Vale dizer, então, que o fenômeno linguístico é considerado um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas que estão interconectadas a outras áreas da psicologia humana. Ela é, como vimos, um Sistema

Adaptativo Complexo (BYBEE, 2010), gerenciado por uma base neurobiológica, cognitiva e sociocultural que faculta à linguagem aspectos variáveis no tempo e no espaço (TOMASELLO, 1998).

A dimensão gramatical é resultado de adaptações históricas e da experiência do falante com o mundo, uma vez que a língua, pelo olhar dinâmico, comporta-se por meio de padrões regulares e ritualizados, bem como de padrões emergentes (TOMASELLO, 2003). Pormenorizando ainda mais o que conjecturamos sobre a relação entre língua, uso e cognição, elencamos, a seguir, os 5 (cinco) processos cognitivos de domínio gerais admitidos por Bybee (2010) que se relacionam, sobretudo, à frequência:

Categorização: diz respeito à similaridade ou emparelhamento de unidades que ocorrem quando palavras ou construções são reconhecidas e associadas a categorias já mapeadas na memória do indivíduo;

Chunking: esse processo é tomado como a união de um conjunto de construções que são agrupadas na memória do indivíduo e fundidos em uma só unidade. Desse modo, as sequências de unidades repetidas são agrupadas juntas para serem acessadas como uma unidade simples;

Memória enriquecida: é o processo que tem como principal fator o armazenamento de categorias linguísticas e não linguísticas. Assim, uma representação enriquecida inclui detalhes fonéticos para palavras e construções mais complexas bem como informações contextuais e semânticas;

Analogia: esse processo se refere à formação de novas categorias a partir de unidades previamente experienciadas, levando em consideração a forma e função;

Associação transmodal: diz respeito a capacidade de o falante associar o modo a outros pareamentos de forma e função. Destacamos, nesse processo, a relação do contexto de enunciados que podem ser retomados pelos falantes em outras construções devido à experiência com a língua. Assim, por meio desse processo cognitivo, a vivência contextual faz com que certos padrões fixem e/ou transmutem para outras construções. A mudança de domínio funcional é um exemplo de Associação transmodal, pois se, por exemplo, um conectivo migrou de domínio e tornou-se um marcador discursivo, é bem provável que outras conjunções também migrem de categoria.

Salientamos que todos esses processos estão interconectados e operam, simultaneamente, na manifestação linguística. Além disso, a frequência é, também, um fator

que é levado em consideração no processo de mudança linguística, principalmente sob a perspectiva de processos cognitivos gerais. Isso se justifica em virtude de esses fatores mostrarem como uma construção foi rotinizada e gerou impacto na representação cognitiva do falante, vez que sob a ótica dos SACs, as construções passam por diferentes momentos de instabilidade até atingir a estabilidade.

É essencial, ainda, detectarmos os contextos que uma dada construção percorreu. Isso nos mostra, com mais precisão, os micropassos da mudança linguística, pois, para que haja a Construcionalização, é necessário que uma construção tenha passado por mudanças tanto na forma quanto na função. Partindo dessa compreensão, na próxima subseção mostramos como a arquitetura construcional pode ser analisada, diacronicamente, por meio dos tipos de contexto.

3.2.3 A arquitetura construcional a partir dos tipos de contexto

Antes de tudo, cabe acentuarmos que a dimensão contextual já era sinalizada desde os estudos funcionalistas clássicos a exemplo de Heine et al (1991). Nesse período, como ressaltam Rosário e Oliveira (2016), os estudos se debruçam ora na função, ora na forma e, mais precisamente, como a função era responsável por guiar as formas linguísticas.

Heine et al (1991) propõem, em um olhar diacrônico, os estágios em que um dado item linguístico sofre durante o processo de gramaticalização. São eles:

Estágio 1: Em **adição** a seu **sentido** focal e nuclear A, uma dada forma linguística F adquire um **sentido** adicional B quando ocorre em um contexto específico C. Isso pode resultar em **ambiguidade semântica** uma vez que os **sentidos** de A ou B também podem ser implicados no contexto C [...].

Estágio 2: A existência do **sentido B** agora torna possível para a forma relevante a ser usada em novos contextos que são compatíveis com B mas desconsideram o **sentido A**.

Estágio 3: B é convencionalizado; ele pode formar um foco secundário caracterizado por propriedades contendo elementos não presentes em A (cf. Dahl 1985:11) – com o efeito que F agora tem duas “**polissemias**”, A e B, que podem desenvolver eventualmente dentro “homofones” (HEINE et al, 1991, p. 71-72, grifos nossos).

Notamos, a partir do exposto, que Heine et al (1991), debruçados a partir de ótica clássica, focalizam mais o polo do sentido, uma vez que utilizam os termos “sentido”, “ambiguidade semântica” “polissemia” para justificar como as formas vão transmutando diacronicamente. Na LFCU, conforme Oliveira (2015), a dimensão contextual ganha maior destaque, em virtude da perspectiva construcional focalizar a forma e a função em que ambas as

dimensões motivam e são motivadas pelo uso. A Figura 5, a seguir, mostra acuradamente como o aspecto contextual ganhou espaço nas pesquisas funcionalistas:

Figura 5 – A importância do contexto nos estudos funcionais



Fonte: Autoria própria baseado em Oliveira (2015, p. 22-23).

A partir da Figura 5, percebemos que, além dos pesquisadores utilizarem o termo construção, o aspecto contextual foi sendo refinado nos estudos sobre mudança linguística e, da clássica noção unidirecional *forma* → *função*, os estudos alicerçados na perspectiva funcional passam a considerar a (co)direcionalidade *forma* ↔ *função*. Nesse sentido, a investigação dos micropassos da mudança linguística tornou-se mais holística.

Do clássico olhar para item isolado, os estudos funcionais começam a se debruçar em construções, nos moldes de Goldberg (1995), Croft (2001), Croft e Cruze (2004), dentre outros, cujo objetivo é evidenciar que a gramática de uma língua é composta por pareamentos em que a semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam articuladamente.

Um estudo a respeito do âmbito contextual pode ser visto em Diewald (2006). A autora, baseada em uma perspectiva da gramaticalização, defende que o contexto deve ser analisado considerando um *continuum* escalar que integra aspectos semântico-sintáticos, morfológicos e estruturais, enfatizando, sobretudo, o papel das relações paradigmáticas entre

construções num método diacrônico. À vista disso, o modelo adotado por Diewald (2006), além do estágio típico considera três estágios cronologicamente ordenados para as funções gramaticais.

Quadro 4 –Tipos de contexto que propiciam a gramaticalização de construções

Estágio	Contexto	Significado/Função
I. Pré-condições de gramaticalização	Atípico	Implicaturas conversacionais
II. Gatilho para a gramaticalização	Crítico	Opacidade múltipla
III. Reorganização e diferenciação	Isolado	Polissêmico/Heterossêmico

Fonte: Adaptado de Diewald (2006, p. 4)

Podemos observar, a partir do Quadro 4, os estágios que propiciam a gramaticalização por meio dos três tipos de contexto, a saber: atípico, crítico e isolado. O primeiro estágio diz respeito às expansões inespecíficas da distribuição da unidade lexical para outros contextos em que, ainda, não tinha sido usada. O sentido surge, dessa maneira, por meio das implicaturas conversacionais em que “[...] [o] significado é contextualmente e pragmaticamente acionado e não explicitamente codificado nos próprios itens linguísticos ” (DIEWALD, 2006, p. 4).

No segundo estágio, por sua vez, é possível verificar um início do processo de gramaticalização. Há, assim, um acionamento real desse processo na estrutura e no significado da construção. Ele é denominado estágio crítico justamente pelo fato que conter ambiguidades que dificultam a interpretação da construção, haja vista que, devido às opacidades semânticos e estruturais, é possível perceber o gatilho para uma mudança linguística.

O último estágio é, então, a convencionalização, a perda de composicionalidade e o aumento da esquematicidade. Nessa fase, ocorre a implementação de um novo pareamento de forma-função, sem ser reversível ao estágio anterior. Ademais, é, nesse momento, também, que acontece a expansão da classe hospedeira, pois uma construção já gramaticalizada gera polissemia e novos *types* são formados a partir da construção matriz, não dependendo mais de implicaturas conversacionais.

Para melhor compreensão dessa perspectiva, trazemos aqui os resultados da pesquisa feita por Lôbo (2017) em sua Tese de Doutorado, na qual a pesquisadora investigou o

pareamento de forma-função do *pois não* em uma perspectiva construcional da mudança, debruçando-se nos tipos de contextos advogados por Diewald (2006). Vejamos:

i) [...] Resolveram, **pois, não** contrariá-lo.
(19: Fic: Br: Alencar: Gaúcho – Corpus do Português)

ii) **Pois não** me hei de lembrar, meu amo! (19: Fic: Br: França: Doutorás – Corpus do Português).

iii) Matias - Eu serei burro, mas bão senso não me falta. Gertrudes - Oh! **pois não**... (19: Fic: Br: França: Defeito – Corpus do Português).

Os exemplos (i), (ii) e (iii) retratam, respectivamente, os tipos de contexto atípico, crítico e isolado. No último estágio, as partículas *pois* e *não* aglutinam-se e desempenham forma-função de MD. Assim, “[...] o elemento ‘não’ também perde propriedade funcional, deixando de atuar como negação e semanticamente, junto ao elemento ‘pois’, tem valor afirmativo.” (LÔBO, 2017, p. 116).

Como vimos, os tipos de contextos propostos por Diewald (2006) se relacionam, em certa medida, com a perspectiva da Construcionalização Gramatical, tendo em vista que, além da perda de elementos formais, a autora também mostra a importância do contexto para a consolidação da mudança linguística. A partir da concepção de diacrônica de Diewald (2006), mostraremos, na seção “*E todo mundo diz que ele completa ela e vice-versa, que nem feijão com arroz*”: a análise do que nem na língua portuguesa, de forma sucinta, o possível caminho que o *que nem* passou até chegar ao contexto isolado, fase designada como a construcionalização gramatical.

3.3 FINALIZANDO...

Em suma, vimos, nesta seção, que os estudos linguísticos podem ser vistos por dois polos, caracterizados como formalista e funcionalista. Destarte, percorremos, brevemente, desde os conceitos formalistas até chegarmos na visão linguística, com destaque para SACs e a abordagem construcional da gramática. Além disso, como proposto nos objetivos desta Dissertação, vimos os conceitos basilares da LFCU, da gramática de construções, da mudança linguística à luz das relações de rede e dos processos cognitivos de domínio gerais e, por fim, dos tipos de contexto.

À vista disso, é a partir dos tipos de contexto, com a diálogo com abordagem construcional da gramática, que embasamos nossas análises de dados. Após mobilizarmos os

conceitos basilares da Gramática de Construções e da perspectiva Funcionalista norte-americana, conhecida como LFCU, fechamos esta seção para dar lugar à próxima, cujo objetivo é elucidar a metodologia adotada para nosso trabalho.

4 MECANISMOS METODOLÓGICOS

Na presente seção, apresentamos as vias metodológicas utilizadas para elaboração deste trabalho. Ademais, sinalizamos, aqui, os *corpora* utilizados para análise nas perspectivas diacrônica e sincrônica, os procedimentos metodológicos e os critérios de análise utilizados para o tratamento dos dados.

4.1 O CONVÍVIO DE DUAS PERSPECTIVAS: PANCRONIA

Este trabalho, ora Dissertação, conjuga as dimensões diacrônica e sincrônica em uma abordagem pancrônica. Conforme Furtado da Cunha et al (1999), essa abordagem metodológica aponta tendências de mudança, variabilidade e estabilidade linguística, investigando a trajetória dos fatos linguísticos até sua estabilização no sistema gramatical de uma dada língua.

Sob esse viés, com o objetivo de afastar da concepção da língua(gem) como um sistema homogêneo e relativamente estável, os estudos acerca da gramaticalização, até meados de 1970, eram realizados a partir um olhar histórico, uma vez que a intenção era verificar como a mudança acontecia diacronicamente. Depois desse período, como ressaltam Heine et al (1991), alguns estudos acabaram se debruçando em perspectiva sincrônica com o objetivo de compreender a gramática de uma língua a partir de padrões já estabilizados. Nesse sentido, é interessante destacarmos que a sincronia já era defendida e escolhida por Saussure (2012 [1916]), pois, para o pai da Linguística, as análises deveriam ser realizadas sob um olhar sincrônico, devido, entre outros motivos, ao fato de o falante não ter consciência da sucessão dos fatos da língua no tempo. Para Saussure (2012 [1916]), a língua se apresenta ao falante como estável, pois a língua(gem) é um sistema que está a serviço da comunicação e da interação social.

Com a relação à diacronia e à sincronia, Heine et al (1991) sustentam que essas duas perspectivas não devem ser vistas como eixos excludentes nas pesquisas linguísticas, mas sim, como perspectivas que se complementam. Segundo eles, os estudos sobre a mudança linguística devem manter-se ancorados nesses dois prismas, consolidando-se como pesquisas pancrônicas. Neves (1997) corrobora para esse casamento, pois, segundo a linguista, enquanto a sincronia investiga as formas e funções empregadas em um determinado momento, a diacronia investiga a trajetória lenta e discreta de formas e funções. À vista disso, a mudança, do ponto de vista sincrônico, é considerada imediata, enquanto do ponto de vista diacrônico, é considerada

gradual. A análise desses dois eixos tem como propósito, portanto, contemplar a investigação do nosso objeto de forma mais complexa.

Em um estudo relativamente recente, Martelotta e Alonso (2012, p. 103) apontam a necessidade da realização de pesquisas pelo viés pancrônico nos estudos funcionais, pois, segundo os autores, quem se interessa em realizar pesquisas linguísticas, principalmente ancoradas em teorias que se baseiam no uso, deve “[...] trabalhar com a tradição diacrônica dos estudos de gramaticalização em harmonia com a tradição sincrônica da gramática de construções”. Os autores esclarecem, ainda, que:

[...] sendo a gramática da língua uma estrutura dinâmica, maleável, a distinção entre sincronia e diacronia precisará ser repensada e, tendo isso em vista, propõe-se a gramaticalização como o processo que está na base da formação de padrões construcionais, dos mais simples aos mais complexos e a rede construcional como a arquitetura gramatical disponível para o falante construir seu discurso (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 103).

Neste trabalho, sob o viés diacrônico, assim como sinalizado por Martelotta e Alonso (2012), traçamos, sinteticamente, a rota de construcionalização a partir dos tipos de contexto: típico, atípico, crítico e isolado com o objetivo de investigar quais mudanças construcionais o *que nem* sofreu até chegar no seu estatuto de um novo par forma-função no Português. A partir disso, em uma análise sincrônica e respaldados na perspectiva construcional (CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), verificamos como o *que nem*, já em contexto Isolado, sanciona esquemas, subesquemas e microconstruções no domínio funcional da conexão e na rede dos MDs. Assim, caracterizamos esse trabalho em abordagem pancrônica, tal como defendido por Furtado da Cunha et al (1999). Dito isso, na próxima subseção elencaremos os *corpora* e os procedimentos metodológicos adotados.

4.2 PARA ANÁLISE, OS *CORPORA* DIACRÔNICO

Devido ao caráter diacrônico desta Dissertação, utilizamos, para os dados históricos, dois *corpora*, a saber: *Corpus* Informatizado do Português Medieval – CIPM e o *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). O CIPM é composto por um banco de dados com textos do Português Medieval que vão desde o século XII ao XVI. O projeto de elaboração dessa plataforma de pesquisa teve início em 1993 e é composto por textos latino-romances do século IX ao século XII e textos portugueses do século XII ao século XVI. Essa ferramenta, portanto, torna-se uma grande aliada em pesquisas de cunho histórico.

Já o *Corpus* do Português, criado pelo professor Mark Davies e financiado pelo *National Endowment for the Humanities*, é constituído de dados de língua falada e escrita com diferentes padrões discursivos e de períodos históricos. A plataforma conta com mais de 45 de milhões de palavras, a partir de quase 57 mil textos em português, tanto brasileiro quanto europeu, produzidos entre os séculos XIV ao XXI. Na próxima subseção, mostraremos como serão utilizados esses dois *corpora* para realização da análise.

4.2.1 Procedimentos de investigação

A fim de investigar a rota de construcionalização da microconstrução *que nem*, dividimos os períodos analisados em três feixes temporais a partir das orientações de Mattos e Silva (2006), a saber: Período Arcaico, Período Moderno/Clássico e Período Contemporâneo. Para a análise diacrônica, recortamos o Período Arcaico e Moderno/Clássico e partimos da seguinte orientação metodológica exposta no Quadro 5:

Quadro 5 – Períodos e os *corpora* utilizados para a pesquisa diacrônica

PERÍODO (MATTOS E SILVA, 2006)	DEFINIÇÃO	CORPUS UTILIZADO
Período Arcaico	Envolve os séculos XIII ao XVI – fase em que os primeiros documentos oficiais são escritos em Língua Portuguesa.	Os dados para esse feixe temporal foram retirados do Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM
Período Moderno/Clássico	Diz respeito à época em que surgem as primeiras gramáticas responsáveis por descrever a morfologia e a sintaxe do Português, além de se manifestar as primeiras diferenças entre o Português falado na metrópole e nas colônias fazendo parte, segundo Mattos e Silva (2006), dos fins do século XVI ao XIX.	Para os dados desse período, utilizamos o Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) que conta com dados falados e escritos com vários padrões discursivos. Devido à quantidade de ocorrências, recortamos, como recurso metodológico, os dados do século XIX.

Fonte: Autoria própria.

A partir desses feixes temporais, verificamos, concisamente, como ocorreu a rota de construcionalização da microconstrução *que nem*, pois partimos da hipótese de que essa construção é originada de uma estrutura típica de causa-consequência que, aliada aos processos cognitivos e à frequência de uso, surge no domínio funcional da conexão. Analisamos, por meio desses dois *corpora*, dispostos no Quadro 5, como foram fomentadas as mudanças

construcionais dessa construção a partir dos tipos de contextos típicos, atípicos e críticos, assim como advogado por Diewald (2006). Já o contexto isolado foi analisado através de um recorte sincrônico, a partir do Período Contemporâneo, como veremos na subseção a seguir.

4.3 PARA ANÁLISE, OS *CORPORA* SINCRÔNICO

Os dados sincrônicos foram extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista – *Corpora* PPVC e PCVC. Esse banco de dados de fala foi organizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq, Grupo Janus, entre os anos de 2011 e 2015. Sob a influência do deus Janus vemos o passado (olhar da Linguística Histórica) e o presente (olhar da Sociolinguística e Funcionalismo). Por tentar conciliar a perspectiva da Linguística Histórica, da Sociolinguística, do Funcionalismo, do Sociofuncionalismo e, recentemente, da LFCU, grande parte das pesquisas realizadas pelo Grupo Janus ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos nas teorias baseadas no uso.

Nesse sentido, fazemos parte, no Grupo Janus, do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, com cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34221214.9.0000.00552 que conta, como responsável, a Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista.

Os dados de fala, como apontamos, foram retirados da comunidade de fala de Vitória da Conquista que, no passado, foi habitada por povos indígenas, a exemplo dos Pataxós, Mongoiós e Ymborés. As aldeias que faziam parte desse território se espalharam por uma grande faixa, conhecida por Sertão da Ressaca. Fundada em 19 de maio de 1840, atualmente Vitória da Conquista conta com uma população de 306.866 habitantes, espalhados por um território com área de 3.405,580 km² segundo dados do IBGE e está localizada na região sudoeste da Bahia, como ser visto na Figura 6, a seguir:

Figura 6 – Localização de Vitória da Conquista no mapa da Bahia



Fonte: Wikipédia

Os *corpora* de fala são compostos por 24 (vinte e quatro) entrevistas, sendo 12 (doze) do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*corpus* PPVC) e 12 (doze) do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*corpus* PCVC) estratificados nos moldes Variacionistas Labovianos. Veremos, na próxima parte do trabalho, os procedimentos de investigação, assim como a quantidade de entrevistas que foram utilizadas para esta pesquisa.

4.3.1 Procedimentos de investigação

Em uma perspectiva sincrônica, verificamos os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, como definidos na seção *A língua como um sistema adaptativo complexo: a relação entre língua, uso e cognição*, e propomos uma rede hierárquica da microconstrução *que nem* identificando os três níveis de esquematicidade sistematizados por Traugott e Trousdale (2013), a saber: esquema, subesquema e microconstrução, além de mostrarmos os mecanismos cognitivos que instanciam novas construções a partir de um *continuum* de (inter)subjetivação (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Para a análise sincrônica, partimos da seguinte orientação metodológica:

Quadro 6 – Períodos e os *corpora* utilizados para a pesquisa sincrônica

PERÍODO (MATTOS E SILVA, 2006)	DEFINIÇÃO	CORPUS UTILIZADO
Período Contemporâneo	Corresponde ao século XX e ao século XXI, fase marcada, principalmente, pela rapidez dos avanços tecnológicos, reestruturação lexical, além de representar o período em que as	24 (vinte e quatro) entrevistas dos Corpora do Português Popular e Culto de Vitória da Conquista – <i>Corpora</i> PPVC e PCVC – organizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística

colônias que falavam Português se constituíram na condição de nação.	Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq
----------------------------------------------------------------------	---------------------------------------

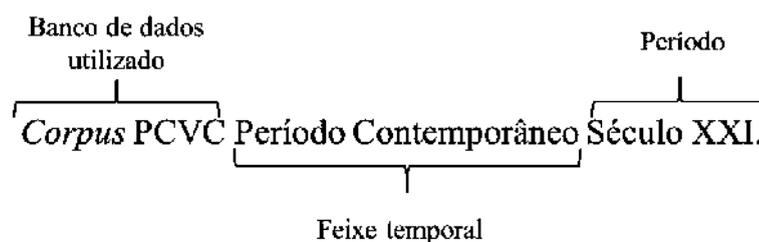
Fonte: Autoria própria.

4.4 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Num primeiro momento da análise, buscamos, nos *corpora* diacrônico, as ocorrências em que o *que nem* aparece ainda em sua forma mais composicional. A partir desses *corpora*, conseguimos encontrar dados que foram relevantes para nossa Dissertação, além de nos oferecer direcionamentos para a caracterização de contextos típico, atípico, crítico até chegar em sua forma menos composicional, já visto como um *chunk*, caracterizado como contexto isolado.

No segundo momento, mapeando as ocorrências que se mostravam já construcionalizado, analisamos, por meio da frequência *token*, todas as ocorrências do *que nem* como um pareamento de forma-função, descartando, dessa forma, construções mais composicionais, pois nosso objetivo, nesse momento, foi verificar como o referido objeto se comporta a partir de uma análise construcional. Além disso, para a identificação dos excertos de fala, realizamos a seguinte catalogação, como pode ser visualizado na Figura 7:

Figura 7 - Modelo de catalogação dos excertos



Fonte: Autoria própria.

Nesse modelo de catalogação, evidenciamos o *corpus* utilizado, o período do recorte de fala/documento, baseado em Mattos e Silva (2006), e o século utilizado. No que diz respeito à frequência, foram analisados, quantitativamente, os construtos, além de verificarmos a frequência *type* e *token* do *que nem* na rede taxinômica do domínio funcional da conexão.

A partir dessas orientações metodológicas, o trabalho se pauta, como já sinalizado, em duas dimensões: diacrônica e sincrônica em uma análise quanti-qualitativa. A análise empreendida neste trabalho, portanto, baseou-se em um método misto (CUNHA LACERDA,

2016), pois averiguamos o comportamento do nosso objeto em uma metodologia quantitativa – com levantamento da frequência de uso por tipos de contexto aliado aos feixes temporais e, também, por meio de uma análise qualitativa de exemplares sincrônicos, com a finalidade de destacar as especificidades dos usos atuais do *que nem*, tomando como amostra o vernáculo conquistense.

Veremos, na seção seguinte, na análise dos dados, como as inovações que emergem no fluxo da interação estão, de fato, se padronizando/regularizando na língua como construções empiricamente atestáveis.

5 “E TODO MUNDO DIZ QUE ELE COMPLETA ELA E VICE-VERSA, *QUE NEM* FEIJÃO COM ARROZ”: A ANÁLISE DO *QUE NEM* NA LÍNGUA PORTUGUESA

Conforme mencionamos anteriormente, interessa-nos investigar, de forma sucinta, a trajetória de construcionalização do *que nem* na Língua Portuguesa, com o objetivo de mapearmos os micropassos de mudança envolvidos na formação do referido objeto. À vista disso, discutimos, nesta seção, como ocorreu a expansão da classe hospedeira do *que nem* e a sanção de novos nós no domínio funcional da conexão e da marcação discursiva, haja vista que, em sua feição construcionalizada, o *que nem* migra de domínio funcional da conexão e passa a integrar a rede dos MDs no Português Brasileiro.

Nessa direção, o percurso da análise foi estabelecido a partir da tentativa de responder aos questionamentos apontados na *Introdução* desta Dissertação elencados a seguir:

Pelo prisma diacrônico:

- i) Como o pareamento forma-função do *que nem* se desenvolveu na Língua Portuguesa a partir dos tipos de contexto típico, atípico, crítico e isolado?
- ii) Quais as mudanças construcionais sofridas pelo *que nem* até chegar a sua configuração formal-funcional integrando o domínio funcional da conexão?

Pelo prisma sincrônico:

- i) Como se constitui a rede construcional do *que nem*?
- ii) Quais subesquemas são instanciados pelo *que nem* em sua rede construcional, ou seja, qual configuração formal-funcional do *que nem* no processo de expansão *host class* no domínio funcional da conexão?
- iii) Qual é a configuração formal-funcional da migração do *que nem* do domínio funcional da conexão para a marcação discursiva?

É válido esclarecermos que a nossa análise de dados está organizada em 4 (quatro) subseções. Na primeira, analisamos, diacronicamente, os indícios dos micropassos da mudança ocorrida com o *que nem*, utilizando os tipos de contexto, advogados por Diewald (2006), com o objetivo de analisar, sucintamente, as mudanças construcionais sofridas pelo *que nem*, a partir de 3 (três) períodos, Arcaico, Clássico, Moderno/Contemporâneo. Na segunda subseção, focalizamos, sincronicamente, os padrões de uso do *que nem*, evidenciando o esquema mais geral, os subesquemas e as microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) instanciadas pelo *que nem* no processo da expansão da classe hospedeira, já em sua feição Isolada. Na terceira subseção, mostramos como o *que nem* migra de domínio funcional e passa a

integrar a rede dos MDs. Na quarta parte da análise, apresentamos o modelo construcional de Croft (2001), destacando os aspectos formais e funcionais do objeto estudado.

5.1 A CONSTITUIÇÃO DO *QUE NEM*: OS MICROPASSOS DAS MUDANÇAS CONSTRUCIONAIS

Debruçamo-nos na perspectiva periodizante adotada por Mattos e Silva (2006) para a delimitação dos três feixes temporais do Português, a saber: Arcaico, Moderno/Clássico e Contemporâneo. Nesta parte da Dissertação, fizemos, também, uma análise morfossintática e funcional a fim de verificar o aspecto contextual e composicional que a construção em estudo se insere nos estágios atípico, crítico e isolado proposto por Diewald (2006). Ao analisar cada uso, utilizamos, assim como Lôbo (2017), os seguintes critérios para aferir a composicionalidade:

- i) Quebra do padrão oracional básico;
- ii) Perda de propriedades categoriais;
- iii) Possibilidade de material interveniente na construção sem perda do sentido.

Os critérios i), ii) e iii) foram imprescindíveis, pois viabilizaram o entendimento dos micropassos das mudanças construcionais ocorridas com o *que nem* e possibilitam, já em contexto isolado, o uso do referido objeto no domínio funcional da conexão e da marcação discursiva. Na próxima subseção, a seguir, veremos a rota de construcionalização do objeto em estudo a partir do contexto típico, considerado o padrão mais composicional e mais esquemático.

5.1.1 Contexto Típico

Conjecturamos que foi, a partir de construções consecutivas com uma arquitetura mais composicional e mais esquemática, aliada a uma maior possibilidade de preenchimento de *slots*, que o *que nem* se configurou como um pareamento forma-função mais abstrato, fazendo parte do domínio funcional da conexão. Ao analisar o Período Arcaico, verificamos a manifestação das partículas *que* e *nem* em uma estrutura de causa e consequência em *Cantigas de Escárnio e Maldizer*, como podemos ver no exemplo a seguir:

(8) [...] *E pois el sa fazenda tam mal cata
contra elas, que faz viver tal vida, que nem d'el nem d'outrem nom ha[m] guarida,
eu nom lho tenho por bõa barata. (Cantigas de Escárnio e Maldizer – Séc. XIV)*

Consideramos essas construções como típicas, haja vista que elas, em comparação aos exemplos (1) e (2), mostrados na *Introdução* desta Dissertação, evidenciam diferenças tanto morfosintáticas quanto semânticas. No exemplo (8), percebemos uma estrutura de subordinação com um elemento intensificador *tal* e da partícula *que* na primeira oração, seguido de outro elemento determinante negativo *nem* + [*um*], fazendo parte de uma estrutura subordinada consecutiva com alta transparência entre forma e função, representado no Quadro 7 a seguir:

Quadro 7 – Representação do Contexto Típico do *que nem*

ORAÇÃO I	INTENSIF.	ELEM. Não-oracional	CONJ.	ELEM. Negação	ORAÇÃO II
[...] <i>faz viver</i>	<i>Tal</i>	<i>Vida</i>	<i>Que</i>	<i>Nem</i>	<i>d'el nem [...]</i>

Fonte: Autoria própria.

Mediante o Quadro 7, afirmamos, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), que há um nível elevado de composicionalidade de toda a estrutura, principalmente ao analisar a construção em estudo, haja vista do *que* atuar como uma conjunção (produtiva em orações subordinadas consecutivas) e o *nem* desempenhar a função de um elemento de negação.

Uma justificativa plausível para defendermos que a construção comparativa instanciada com o *que nem* tenha sido feita a partir das construções consecutivas é que, como afirma Barreto (1999), esse tipo de estrutura faz parte da mesma estrutura de subordinação e, assim, as orações consecutivas e comparativas compartilham, em certa medida, do mesmo domínio conceptual.

Tal postura é justificada por Barreto (1999), vez que, segundo a linguista, é possível perceber a gramaticalização da conjunção *que* nas orações subordinadas correlativas formadas pelo elemento *que*. A linguista ainda ressalta que a conjunção *que* passa por um processo metonímico e, além disso, experimenta a semanticização de acordo com o contexto. Nessa direção, segundo Barreto (1999), a estrutura a conjunção *que* se tornar adversativa se estiver ligado a uma negação na oração precedente; alternativa, se repetido, por analogia às demais correlações alternativas (*ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer*); comparativa, se na oração subordinante há marcas de comparação de superioridade ou de inferioridade, representadas pelos intensificadores ou por adjetivos no grau superlativo sintético (*maior, melhor, menor,*

etc.); consecutivo, se correlacionado aos intensificadores *muitos, tan, tanto, tal* e tamanho ou aos indefinidos *toda e quantos*.

Neves (2000) corrobora para a discussão quando afirma que as construções consecutivas se apresentam de dois modos: com antecedente e sem antecedente. Quanto ao primeiro modo, há, na primeira oração, a intensificação do estado de coisas ou a intensificação ou quantificação de um dos elementos (substantivo, adjetivo ou advérbio). Quanto ao segundo modo – as construções sem antecedentes – a autora afirma serem estas iniciadas por locuções conjuntivas consecutivas, como *de (tal) modo que, de (tal) maneira que, de (tal) sorte que* etc.

Dessa forma, temos duas justificativas que nos fazem defender que as construções comparativas governadas pelo *que nem*, surgem, historicamente, de estruturas consecutivas. A primeira, pelo fato das construções consecutivas e comparativas compartilharem de características, isto é, de um mesmo domínio (subordinação). A outra justificativa é que, nas construções correlatas consecutivas e comparativas com a conjunção *que*, há, na oração precedente, uma intensificação. Como já sinalizado por Barreto (1999), esse tipo de intensificador pode ser feito a partir de *muitos, tan, tanto* (construções consecutivas) e *muito, melhor, menos* (construções comparativas).

Além disso, Thompson, Tota e Rodrigues (2012) colaboram com a nossa discussão quando afirmam que:

Imagina-se também que, por analogia às estruturas consecutivas, as estruturas comparativas [...] tenham sido formuladas da maneira que foram. A partir daí, as formas *que* e *nem* foram perdendo seu significado original e começaram a ser interpretadas como uma única estrutura e o sentido de comparação, ao invés de surgir da relação entre um item intensificador e a conjunção *que*, passa a ser veiculada pela construção *que nem*. (THOMPSON; TOTA; RODRIGUES, 2012, p. 5).

Cabe trazermos, também, o olhar de Fried (2015) a respeito das pesquisas diacrônicas. De acordo com a autora, a investigação pelo contexto primário de uma construção pode ser estabelecida por meio de muitos subconjuntos que apresentam características partilhadas, principalmente na captura de heranças de uma construção, em busca de relações de semelhança de família. Nesse aspecto, a linguista afirma que:

[...] Semelhança familiar, frequentemente, está em jogo na captura de relacionamentos diacrônicos entre construções; nesses casos, somos confrontados com vários resíduos e desvios que podem deixar faltando partes da suposta hierarquia nos dados sincrônicos [...] A esse respeito, o elemento consolidado na rede não é uma construção raiz, mas um espaço funcional (ou

conceptual) sobre o qual dadas construções podem ser mapeadas. (FRIED, 2015, p. 985, tradução nossa)

Em nosso objeto de estudo, observamos que tais aspectos podem ser verificados, de forma mais evidente, tanto no plano sintático, uma vez que há uma proximidade entre dois elementos [que] + [nem] como no plano de vista de relação entre estruturas comparativas e consecutivas governadas pelo elemento *que*, já gramaticalizado (BARRETO, 1999). A partir da semelhança de família, essas duas partículas passaram por mudanças construcionais até chegar à construcionalização propriamente dita. Fundamentados nas considerações de Fried (2015), justificamos a hipótese de um padrão oracional consecutivo ter sido o contexto típico para a construcionalização do *que nem*. Vejamos, a seguir, o segundo tipo de contexto instanciado pelo *que nem*.

5.1.2 Contexto Atípico

No contexto atípico é que ocorrem as primeiras manifestações de mudanças. Nesse estágio, não é possível, ainda, verificar ambiguidades ou opacidades na forma e na função. No entanto, identificamos as pressões contextuais aliadas às projeções metafóricas e metonímicas que denotam um grau mais alto de (inter)subjetividade do falante, destacado, principalmente, pela comparação, como exemplificado no trecho a seguir:

(9) *Mais, se vós sodes i de mal sem,
de que lh'apoedes mal prez?
(V10)) Ca salvar-se pod'ela bem **que nem** um torto nom vos fez;
nem torto nom faz o taful,
quando os dados acha algur, de os jogar (Cantigas de Escárnio e Maldizer – Sec. XIII)*

O trecho (9), uma Cantiga de Maldizer, é endereçada a um certo Martin de Cornes, que reclama fortemente da mulher, porque ele acha que a sua esposa está o traindo. O poeta, no entanto, lembra que isso pode ser facilmente defendido da acusação, usando como argumento a comparação com o jogador que encontra os dados. Nesse sentido, no exemplo (9), mais precisamente no lugar em que as construções *que* e *nem* estão inseridas, é possível verificarmos que o locutor afirma que a mulher planejou perfeitamente a traição e, assim, pode ser defendida de tal ato tão bem que nenhuma outra pessoa injusta fez tão bem, nem mesmo o *taful* (jogador) consegue fazer de tal forma.

Percebemos, a partir do exemplo (9), que há uma relação, ainda, de causa-consequência entre as orações, pois, pelo fato da mulher ter planejado tão bem a traição, ela não conseguirá ser culpada pelo ato. Além dessa relação, contudo, também, é possível verificar uma relação de comparação nessa construção, haja vista que é possível que os interlocutores interpretem, por laços metafóricos, que a mulher planejou tão bem a traição como nenhuma outra mulher. Ademais, nos dados analisados, foi possível percebermos a ausência de um elemento não oracional. Para melhor visualização, vejamos o Quadro 8:

Quadro 8 – Representação do Contexto Atípico do *que nem*

ORAÇÃO I	INTENSIF.	ELEM. não oracional	CONJ.	ELEM. Negação	UM	ORAÇÃO II [SV]
[...] <i>Ca salvar-se pod'ela</i>	<i>Bem</i>	∅	<i>Que</i>	<i>Nem</i>	<i>um</i>	<i>torto nom vos fez; nem torto nom faz o taful</i>

Fonte: Autoria própria.

Ainda que seja possível notarmos uma relação de causa e consequência – característica das estruturas consecutivas – reparamos que há, no excerto (9), o advérbio *bem* que desempenha na oração uma relação de intensificação e fortalece, como já mencionamos, a ideia de comparação entre as orações. Essas implicaturas conversacionais, então, demonstram que, mesmo havendo uma estrutura de causa e consequência, estamos caminhando para uma estrutura comparativa com ancoragem mais (inter)subjativa revelando, portanto, que a estrutura em questão passou por mudanças construcionais.

5.1.3 Contexto Crítico

Conforme Diewald (2006, p. 20, tradução nossa), o contexto crítico é marcado por muitas ambiguidades e opacidades estruturais e semânticas, diferindo-se da fase atípica. Isso ocorre porque, no contexto crítico, a estrutura é “[...] altamente ambígua [e] [...] permite várias opções para sua interpretação, dentre elas um novo significado gramaticalizado [...]”. Veremos, a seguir, como, no exemplo (10), é ilustrado esse contexto:

(10) *Tolledo he muy boa cidade e de muy grande prazer e mui forte e muy defesa, ca, pero que a cercarom muytos poderes per muytas vezes, sempre se teve muy ben. E sempre foy muy*

*proveytosa a seus lavradores e sempre foy de boa conteença. E he de boa sementeyra e he terra de boo aar e o pam dura hy muyto tempo que se no~ da~na, ca podem muy ben te~e~r o trigo nas covas per [dez] annos que nu~ca seera muy da~nado; e por esto se tiinha quando a guerreava~. E o seu açafram he melhor **que nem** hu~u~ outro de todollos d'Espanha, assy e~ tintura como e~ coor. (CIPM. Crónica Geral de Espanha. Período Arcaico. Século XIV).*

No excerto (10), notamos que o locutor busca, por meio de adjetivos, repetições e expressões metafóricas, exaltar as qualidades de Tolledo e, ao final, com o objetivo de mostrar que o seu açafão da cidade é o melhor que outros da Espanha, utiliza a comparação. Esse recurso demonstra o posicionamento avaliativo e (inter)subjetivo do locutor acerca da cidade. Do plano de vista formal, notamos uma estrutura comparativa, haja vista esse tipo de estrutura, pela Tradição Gramatical, a exemplo de Bechara (2009), é marcada pelo traço de dependência de um antecedente de natureza quantificadora ou qualificadora e mantém relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Vejamos uma melhor sistematização a partir do Quadro 9:

Quadro 9 – Representação do Contexto Crítico do *que nem*

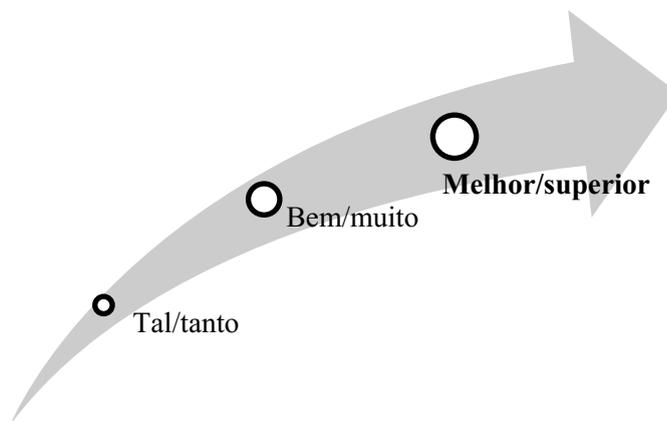
ORAÇÃO I	INTENSIF.	ELEM. não oracional	CONJ.	ELEM. Negação	UM	ORAÇÃO II [SV]
[...] <i>E seu açafão he</i>	<i>Melhor</i>	∅	<i>Que</i>	<i>Nem</i>	<i>Um</i>	<i>Outro de todollos d'Espanha [é] ∅</i>

Fonte: Autoria própria.

Sobre o assunto, Bechara (2009) evidencia a relação das orações tanto consecutivas quanto comparativas com as estruturas adverbiais, observando que elas dependem de um elemento intensificador adjetival/adverbial na primeira oração. Dessa forma, por mais que haja uma comparação, do plano de vista sintático, há a presença do elemento subordinativo *que* e do elemento de negação *nem*, demonstrando, assim, como no estágio atípico, mudanças construcionais.

É possível percebermos, ademais, que, nos dados analisados, há sempre a construção *melhor que nem*, evidenciando, portanto, que houve mudanças sintáticas. À vista disso, embora a função exercida seja de comparação, ainda não é possível analisarmos o *que nem* como um único bloco de forma-função.

Nesse viés, a partir dos 3 (três) tipos de contexto analisados até o momento, é possível percebermos que há uma relação de intensificação da estrutura que parte de uma relação de causa-consequência migrando para um arranjo comparativo, como esquematizado a seguir:

Figura 8 – Graus de intensificação

Fonte: Autoria própria.

Na Figura 8, vemos o grau de intensidade (*tal* → *bem* → *melhor*) feitas a partir da correlação com a conjunção *que*, seguida do *nem*. Nessa direção, é bem provável que houve

relações metafóricas, pois o falante conceptualizou os intensificadores *tanto*, *bem*, *muito* como *melhor*. Ademais, torna-se presumível que esse contexto tenha sido propício para a instanciação de um novo nó na Língua Portuguesa, uma vez que o locutor, devido às inferências sugeridas, explora as implicaturas da língua fazendo com que o seu interlocutor interprete uma nova construção.

Nesse sentido, a (inter)subjetivação possibilita a codificação linguística daquilo que emergiu na interação. Por esse motivo, conjecturamos que, mediante ao contexto crítico, o locutor/falante fez uma neoanálise dos significados resultando um novo pareamento de forma-função na Língua Portuguesa, propiciando, conseqüentemente, o contexto isolado do *que nem*.

5.1.4 Contexto Isolado

No contexto isolado, não há mais ambigüidades na interpretação da estrutura e do sentido. Os exemplos (11) e (12), a seguir, ilustram o estágio em que o *que nem* é visto como um novo pareamento de forma-função:

(11) *Não pôde porém sustentar estro tão alto e descahiu logo em legitimo vôo icario para o ridiculo: - Mas de tal consumição Olha bem, cruel Gêgêca, Vou ficando magro e secco **que nem** feia perereca! - E assim por diante, a não acabar mais, tudo muito chupado, cheio de si! (C.P. Ao entardecer - Afonso Taunay. Período Moderno/Clássico. Século XIX).*

(12) *Soltem-me. Quero ir-me embora - respondeu Lourenço, rugindo de raiva, e revolvendo-se entre os braços dos matutos a quem Francisco o tinha abandonado logo que reconheceu nele os anos infantis que na escuridão o fizeram ter por forte e varonil atleta. Que menino! disse Francisco, correndo-o com a vista de cima a baixo. Tem força **que nem** um touro. Assim é que eu gosto de ver um cabrinha bom. (CP. O Matuto – Franklin Távora. Período Moderno/Clássico. Século XIX).*

Em (11) e (12), as partículas *que* e *nem* estão integradas, operando com forma-função de comparação nos dados do Período Moderno/Clássico, como disposto no Quadro 10 a seguir:

Quadro 10 – Representação do Contexto Isolado do *que nem*

ORAÇÃO I	INTENSIF.	ELEM. não oracional	CONJ.	ELEM. Negação	UM	ORAÇÃO II [SV elíptico]
[...] Vou ficando magro e seco	∅	∅	<i>que nem</i>	∅	∅	Feia perereca [fica]

Fonte: Autoria própria.

Mediante os excertos (11) e (12) e o Quadro 10, vemos que as partículas *que* e *nem* estão integradas, operando com forma-função de comparação nos dados do Período Moderno/Clássico. Além disso, constatamos que houve, nesses contextos, uma redistribuição categorial, aliada à perda de propriedades sintático-semânticas, caracterizando como a fase de isolamento.

A partir do excerto (11), percebemos que é possível, inclusive, inserirmos uma intensificação na primeira oração:

i) Vou ficando (**tão**) magro e seco *que nem* feia perereca (**fica [da mesma forma]**)

Conforme verificamos, é concebível, nesse contexto, utilizarmos a construção *que nem* sem a necessidade de uma correlação com o intensificador na oração precedente seguida do *que nem*. O falante, portanto, utiliza esse elemento como um conector que faz parte do bojo da comparação, como é o caso de *como*, *igual* etc. Nesse sentido, o *que* e o *nem*, nos exemplos (11) e (12), do plano de vista formal-funcional, apresentam-se como bloco único, fazendo parte das conjunções usadas para construções comparativas. Houve, assim, uma quebra do padrão oracional, em relação ao contexto que denominamos típico. Com base nos dados do Português Moderno/Clássico, podemos afirmar que o *que nem* se tornou um novo signo na língua, havendo, a partir da neanálise, uma

[...] nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes [...] acompanhado por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construção de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micro-etapas e, portanto, é gradual. [...] Minimamente, a construcionalização envolve a neanálise da forma morfossintática e o significado semântico/pragmático. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa).

Sob esse viés, além da neoanálise, constatamos o *chunking* dos elementos [que + nem]. Defendemos, portanto, que o *que nem*, devido aos fatores contextuais, associados a processos cognitivos de domínio geral e de uso, é resultado de uma construcionalização gramatical. Nesse pareamento de forma-função, há uma baixa composicionalidade entre as duas partículas, além da impossibilidade do preenchimento do *slot* de negação (*nenhum*), como apareciam no contexto típico, atípico e crítico.

5.1.5 Aspectos gerais e quantitativos da mudança

Para esta Dissertação, foram coletados, considerando os 4 (quatro) tipos de contexto, 1092 (mil e noventa e dois) construtos/*tokens*. Salientamos que os exemplos e a análise construcional qualitativa do estágio isolado, no Período Contemporâneo, serão apresentados na próxima subseção. No entanto, trazemos a distribuição quantitativa de todos os contextos analisados na Tabela 1 a seguir, a fim de tecermos algumas considerações a respeito das mudanças construcionais do *que nem*:

Tabela 1 – Distribuição por tipos de contextos, períodos e tokens do *que nem*

TIPOS DE CONTEXTO	DADOS						TOTAL <i>Tokens</i>
	PERÍODO ARCAICO		PERÍODO MODERNO		PERÍODO CONTEMPORANEO		
	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%	<i>Tokens</i>	%	
TÍPICO	52	66,7%	788	84,3%	10	12,7%	850
ATÍPICO	20	25,6%	-	-	-	-	12
CRÍTICO	6	7,7%	-	-	-	-	6
ISOLADO	-	-	147	15,7%	69	87,3%	216
TOTAL	78	100%	935	100%	79	100%	1092

Fonte: Autoria própria.

Embora o objetivo não seja comparar os dados escritos com os dados orais, trazemos, na Tabela 1, os resultados quantitativos. Dessa forma, realizando a leitura vertical por período da Língua Portuguesa, como propõe Mattos e Silva (2006) e, em seguida, observando os contextos horizontalmente, podemos afirmar que:

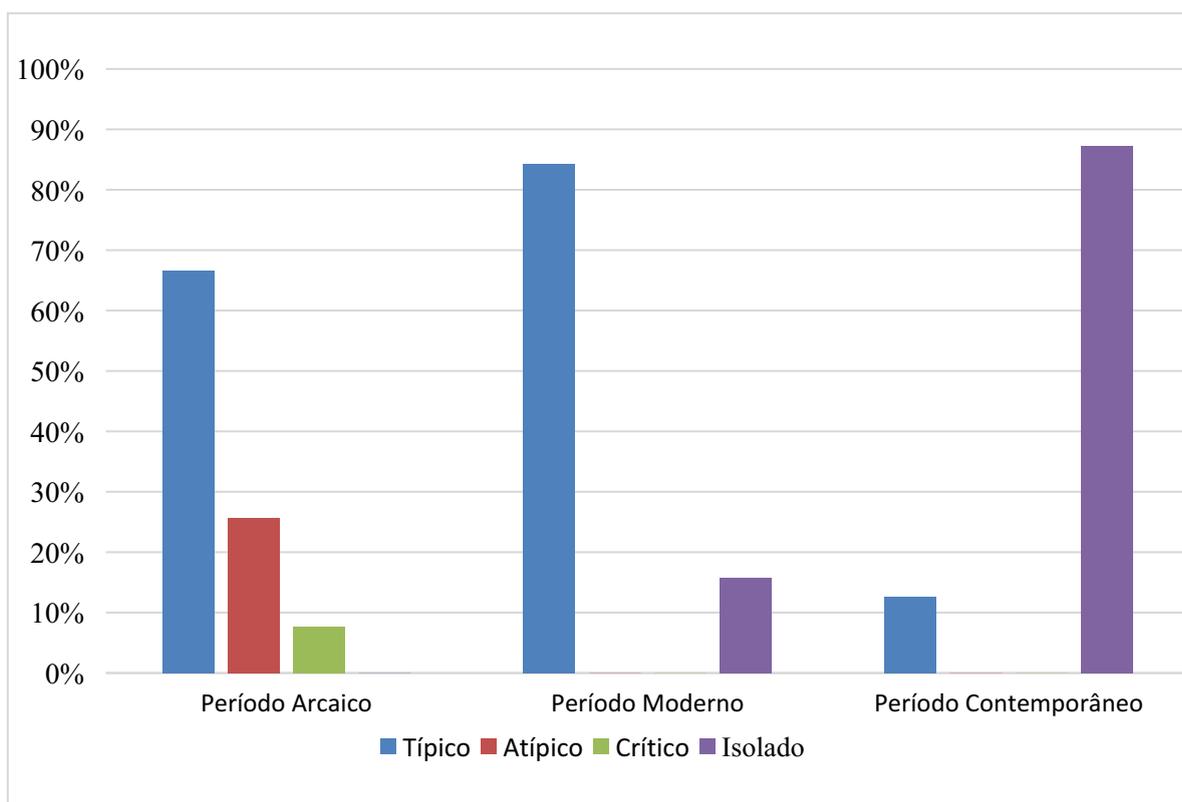
i) os construtos/*tokens* empiricamente atestados do *que nem* no contexto típico foram bastante recorrentes no Período Medieval e, ainda, no Período Moderno. Em gêneros orais, como é o caso dos *corpora* utilizados para o Período Contemporâneo, houve uma redução significativa desse tipo de realização;

ii) com relação ao contexto atípico, houve, apenas, construtos/*tokens* no Período Arcaico representados por 25,6% dos dados;

iii) ratificando o que foi proposto por Diewald (2006), observamos que o contexto crítico foi o menos produtivo, pois, em nossos dados, esse tipo de contexto se limitou a 7,7%, não aparecendo em outros feixes temporais. Dessa forma, é possível “[...] notar que, em contraste com os outros tipos de contexto, a existência do contexto crítico é restrita a um período de tempo bastante limitado na história e não existe antes ou após esse período.” (DIEWALD, 2006, p. 20, tradução nossa);

iv) o contexto isolado, por sua vez, no Período Medieval, não foi, em nossos *corpora*, identificado em nenhuma ocorrência, ao passo que, no Período Moderno, a sua realização esteve presente (15,7%) e, no Período Contemporâneo, a sua realização foi bastante produtiva equivalendo 87,3%.

O Gráfico 1 demonstra a produtividade do *que nem* por período da Língua Portuguesa e por tipos de contexto:

Gráfico 1 – A produtividade do *que nem* por períodos e por tipos de contexto

Fonte: Autoria própria.

Como se vê, não houve, no Período Arcaico, nenhuma ocorrência do *que nem* no contexto isolado, sendo o contexto típico mais frequente, tanto no Período Arcaico como no Período Moderno. Já no Período Contemporâneo, o contexto isolado foi mais favorecido em comparação ao contexto típico. Como a noção de produtividade está relacionada com a gradiência dos padrões esquemáticos (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), inferimos que, a partir da construcionalização do *que nem* como comparativo, já assinalada nos exemplos (11) e (12), outros pareamentos de forma-função foram instanciados em sua rede construcional. Veremos essa questão com mais profundidade na próxima subseção, momento em que analisamos o objeto em questão numa perspectiva sincrônica.

5.1.6 Finalizando...

Nesta parte da Dissertação, vimos, por meio dos períodos Arcaico, Moderno e Contemporâneo, as mudanças construcionais em que o *que nem* passou até chegar ao seu estatuto de conectivo. À vista disso, retomamos os dois primeiros questionamentos iniciais feitos na *Introdução* desta seção: i) *como o pareamento forma-função do que nem se*

desenvolveu na Língua Portuguesa a partir dos tipos de contexto típico, atípico, crítico e isolado? ii) quais as mudanças construcionais sofridas pelo *que nem* até chegar em sua configuração formal-funcional integrando o domínio funcional da conexão? A fim de responder tais questionamentos, é possível afirmarmos que a construção *que nem*, originada de uma estrutura típica (*faz viver tal vida **que nem** d'el nem*) passa pelo contexto atípico (*Ca salvar-se pod'ela bem **que nem** um torto nom vos fez*), chegando ao contexto crítico (*açafrão he melhor **que nem** um outro*), perdendo a composicionalidade e esquematicidade e gerando, por fim, o contexto isolado (*vou ficando magro e seco **que nem** feia perereca*). Observemos o Quadro 11 com o propósito de visualizarmos de forma mais sistemática como as mudanças construcionais sofridas pela construção em estudo até chegou ao seu estatuto de construcionalização gramatical:

Quadro 11 – Tipos de contexto do envolvidos na construcionalização do *que nem*

	Oração I	Intensificador	SN.	Conjunção	Elemento de negação	UM	Oração II
Contexto Típico	[...] <i>faz viver</i>	<i>Tal</i>	<i>vida</i>	[que]	[nem]	Ø	<i>d'el nem [...]</i>
Contexto Atípico	[...] <i>Ca salvar-se pod'ela</i>	Bem	Ø	[que]	[nem]	<i>um</i>	<i>torto nom vos fez;</i>
Contexto Crítico	[...] <i>açafrão he</i>	Melhor	Ø	[que]	[nem]	<i>um</i>	<i>outro [...]</i>
Contexto Isolado	[...] <i>Vou ficando magro e seco</i>	Ø	Ø	[que nem]	Ø	Ø	<i>feia perereca</i>

Fonte:

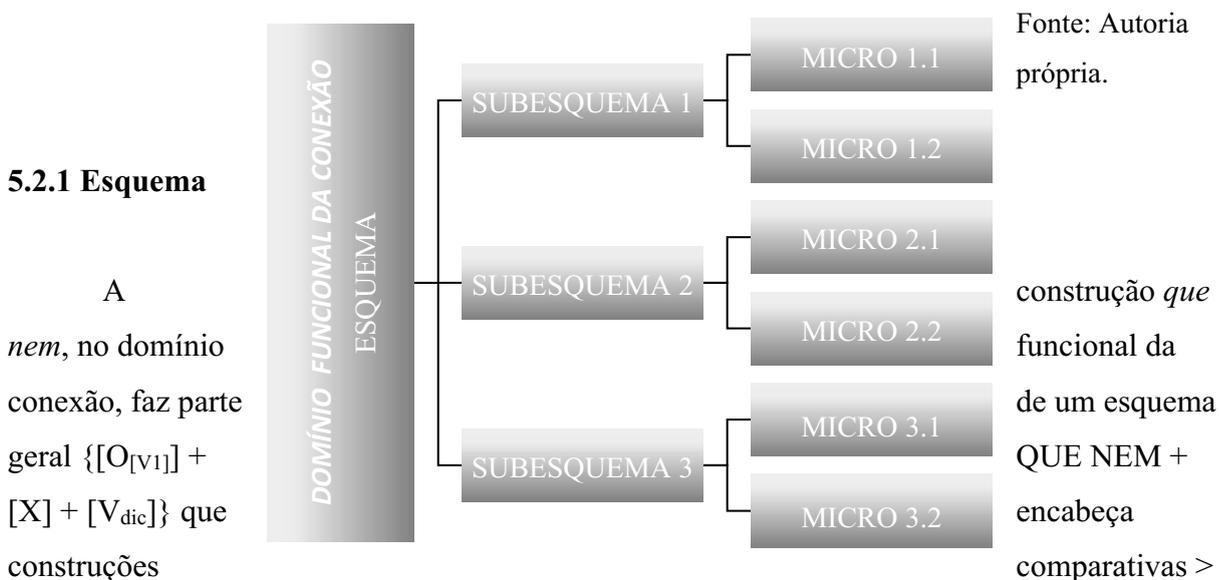
Autoria própria.

Constatamos, assim, a partir do Quadro 11, que houve, no contexto isolado, um *chunking* entre as partículas *que* e *nem* e devido, também, as inferências sugeridas e (inter)subjetivação, tal objeto é resultado de uma construcionalização gramatical que integra o domínio funcional dos conectivos da Língua Portuguesa. Na subseção seguinte, veremos, como, no Período Contemporâneo, o *que nem* instancia novos nós em sua rede construcional e gera uma nova construção do domínio da marcação discursiva.

5.2 A FORMAÇÃO DO [QUE NEM]_{connect} E A EXPANSÃO DA CLASSE HOSPEDEIRA: UM CASO DE CONSTRUCIONALIZAÇÃO

Levando em consideração que, na LFCU, a língua se constitui como uma rede de nós que se interconectam por meio de *links* no nível da microconstrução (*token* empiricamente atestado), subesquema e esquemas mais virtuais e abstratos, fizemos, nesta da parte da Dissertação, uma análise sincrônica a partir de um método misto, a fim de verificar os graus de esquematicidade, produtividade (por meio do *type* e *token*) e da composicionalidade do *que nem* no Português Contemporâneo. Apresentamos, a seguir, na Figura 8, o esquema, os subesquemas e as microconstruções licenciadas pelo objeto em estudo:

Figura 9 – Rede virtual do que nem no Português



conformativas > exemplificativas. Notamos que, nessa hierarquia construcional, o esquema se configura como parcialmente esquemático (ou parcialmente especificado) com a possibilidade de: i) oração [OV_{[V1]] com o núcleo verbal, podendo ser distinto da oração posposta ao *que nem*; ii) Sintagma Nominal [SN] ou oração [O] que, nas construções de conformidade, podem ser encabeçadas por verbo distinto da primeira oração; e iii) um verbo *dicendi* (a exemplo de *falei*, *disse* etc) com uma parte substantiva (lexicalmente especificada) representada pelo *chunk* {QUE NEM}.}

A análise quantitativa apresentada nesta parte da análise de dados será feita, como já sinalizado, por meio da competição pelo uso, tanto com foco no construto (*token* - uso efetivo), quanto na construção (*type* - microconstruções e subesquemas). Nos *corpora* do Português Contemporâneo, representados pelos *corpora* PPVC e PCVC, encontramos um total de 65

(sessenta e cinco) ocorrências do *que nem* no domínio funcional da conexão. A seguir, na Tabela 2, podemos ver detalhadamente a quantidade de ocorrências *token* aliada aos subesquemas instanciados pelo *que nem*:

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências do *que nem* no domínio funcional da conexão

SUBESQUEMAS	Nº DE <i>TOKENS</i> /%
Exemplificativo	26/40%
Conformativo	21/32,3%
Comparativo	18/27,7%
TOTAL	65/100%

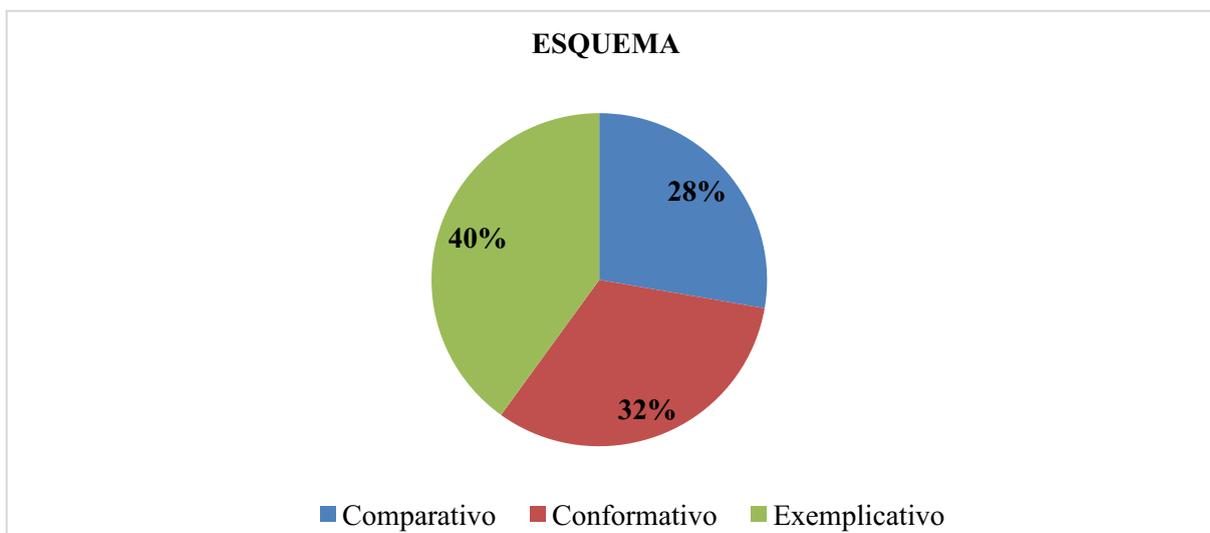
Fonte: Autoria própria.

Na Tabela 2, é possível notarmos que, no subesquema Comparativo, houve um total de 18 (dezoito) *tokens* do *que nem*, ao passo que o Conformativo representou 21 (vinte e uma) ocorrências, seguido do subesquema Exemplificativo que se mostrou como o mais produtivo em termos de *token*, demonstrando um total de 26 (vinte e seis) ocorrências.

Nossa hipótese inicial foi que o subesquema 1 (comparativo) seria o mais produtivo, uma vez que tanto os dados históricos quanto as Tradições Gramatical e Linguística, vistos na seção *Revisitando o que nem: uma incursão histórica, gramatical e linguística*, demonstraram que, quando elencado, o *que nem* só era descrito em sua feição comparativa, sobretudo na Tradição Gramatical, tendo o seu uso sinalizado por Jucá Filho em 1933. No entanto, notamos, a partir dos dados analisados, que essa hipótese foi refutada, pois o pareamento de forma-função demonstrou menor produtividade no subesquema comparativo em relação aos demais. Analisando os resultados, defendemos que isso se justifique uma vez que considerarmos o subesquema exemplificativo, que demonstrou ser o mais produtivo, como o mais (inter)subjetivo.

De forma geral, temos a seguinte distribuição, em percentuais, do *que nem* no domínio funcional da conexão:

Gráfico 2 – Distribuição, em percentuais, do que nem no domínio funcional da conexão



Fonte: Autoria própria.

A partir do Gráfico 2, constatamos que o *que nem* no subesquema exemplificativo foi o mais produtivo, representando 40% dos dados. Em seguida, temos a subesquema Conformativo, com 32% do total de *tokens* analisados, seguidos, por fim, de 28%, que diz respeito ao subesquema comparativo. Na próxima subseção, analisaremos o comportamento do nosso objeto de estudo na parte intermediária da rede taxinômica.

5.2.1.1 Subesquema 1: Comparação

O subesquema 1 tem, como forma, o Esquema {[O + QUE NEM + X]} e, como função, o aspecto Comparativo. Esse subesquema instancia duas microconstruções, sendo a primeira (Micro 1.1) representada pela forma-função {[O + QUE NEM + O]}^{comp}, preenchida por uma oração com o *que nem*. Há, nesse tipo de construção, uma maior dependência das orações, pois, para comparar um evento, é necessário que haja uma relação com a segunda oração como no exemplo (13):

(13) **INF**: *não tinha água nenhuma, só tinha mesmo era no poço escuro então {ININT} [vendê aqueles balde de água **que nem** vendia leite] a... a... a mesma coisa os balde de água lá, né?!* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).

O falante em (13), na primeira oração, explica que, na sua época, não havia água, sendo necessário comprá-la. Para facilitar a interlocução, o informante compara, na segunda oração, os baldes de água vendidos com baldes de leite, revelando, assim, uma dependência maior com

a oração anterior. A segunda microconstrução (1.2), por sua vez, instanciada no subesquema 1, tem menor dependência oracional, mas se mantém correlacionado com um sintagma nominal que, do ponto de vista formal-funcional, pode ser representado por {[O + QUE NEM + SN]}^{comp}. Observemos o exemplo (14):

(14) **INF:** [...] *Isso foi no sábado, quando foi no domingo, já tive que levar pro hospital, [a mão já tava dessa altura preta **que nem** um carvão], o braço todin' inchou cum coisa que meteu num pau de vara de fogo assim, inchou todo, todo, todo e deu aquelas bolha de fogo [...]* (Corpus PPVC. Séc. XXI. Período Contemporâneo).

No excerto (14), verificamos que o falante, ao tentar explicar para seu interlocutor a gravidade da inflamação do braço, compara o seu aspecto ao de um carvão, pelo fato do aspecto roxo que o inchaço causou. Além disso, constatamos que, nos exemplos (13) e (14), há uma ancoragem [(+)(inter)subjativa], pois o falante, com uma maior necessidade de expressividade, aliada à preocupação com o *self* do seu interlocutor, compara dois eventos para facilitar a argumentação.

Em termos quantitativos, temos, a seguir, na Tabela 3, a distribuição de *tokens* das 2 (duas) microconstruções instanciadas pelo subesquema 1:

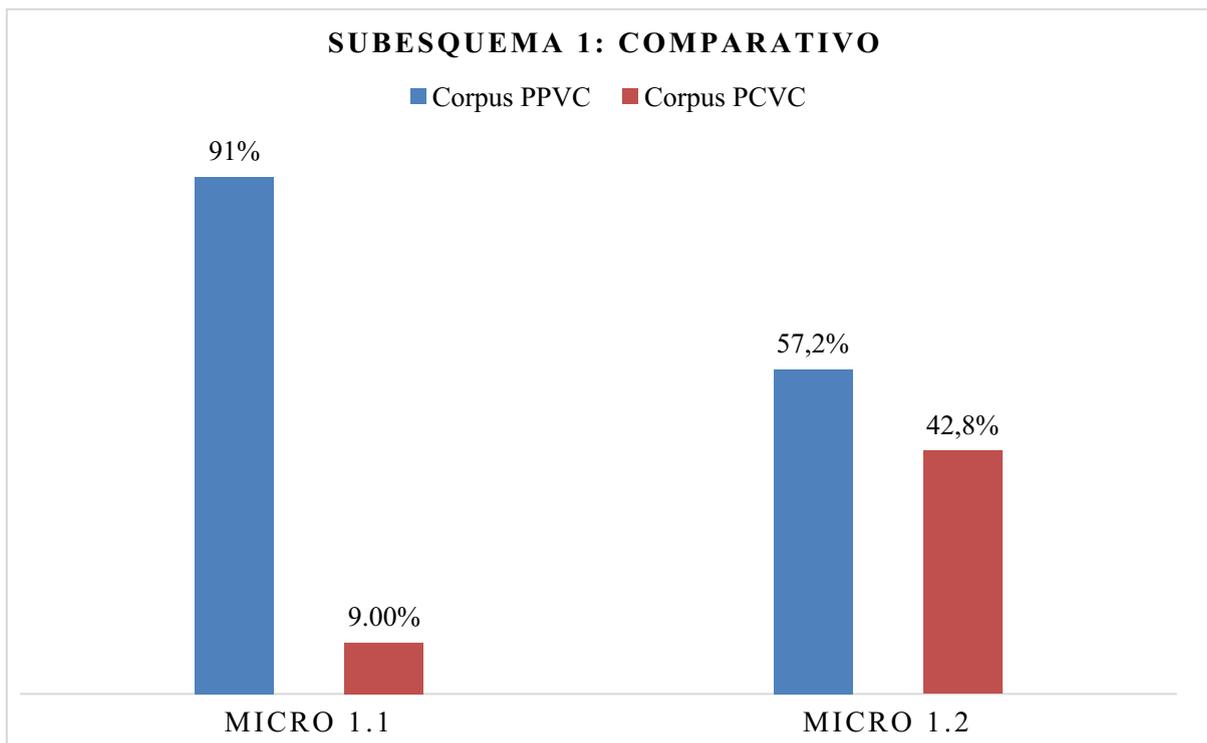
Tabela 3 – Frequência *token* do *que nem* no Subesquema Comparativo

SUBESQUEMA 1: COMPARATIVO	Corpus PPVC	Corpus PCVC	TOTAL
MICRO 1.1: +oracional	10/91%	1/9%	11
MICRO 1.2: - oracional	3/42,8%	4/57,2%	7

Fonte: Autoria própria.

A partir da frequência *token* (Tabela 3), notamos que o uso da microconstrução 1 (+oracional) foi a mais produtiva no *Corpus* PPVC e não houve ocorrências significativas no *Corpus* PCVC, pois só apareceu uma única vez nesse banco de dados. Na microconstrução 1.2, por sua vez, foi constatado o número de 7 (sete) *tokens* e houve um equilíbrio de ocorrências, sendo 3 no *Corpus* PPVC e 4 no PCVC. Os percentuais desses dados podem ser melhor visualizados no Gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 – Percentuais do *que nem* no Subesquema Comparativo



Fonte: Autoria própria.

De forma geral, a hipótese que norteia o subesquema 1 (comparativo) é de que a microconstrução 1.1 (+oracional) teria um número maior de ocorrências, ao passo que a microconstrução 1.2 (-oracional) seria menos produtiva nos *corpora* em estudo. Isso se justifica, do ponto de vista formal, conforme Bechara (2009), pelas construções comparativas serem governadas por uma oração principal e necessitarem de uma segunda oração para manter a correlação; e, do ponto de vista funcional, como afirma Lima-Hernandes (2006), há uma confrontação de dois elementos e, assim, para esse tipo de construção, são exigidos dois eventos correlacionais para realizar a comparação.

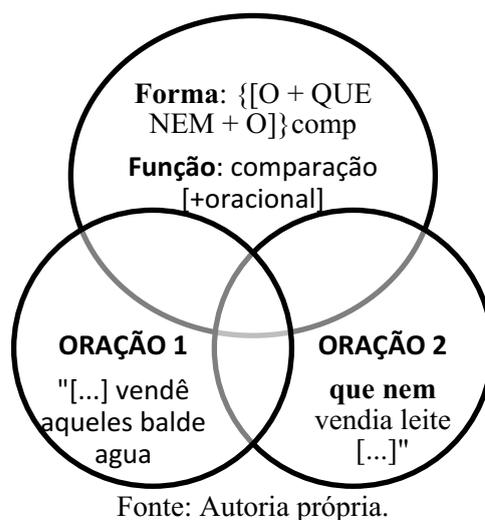
Ao analisar o Gráfico 3, verificamos que, no subesquema 1, com forma-função comparativa, houve um número de ocorrências maior na microconstrução 1.1, representando 91% no *Corpus* PPVC e 57,2% no *Corpus* PCVC, ao passo que a microconstrução 1.2 demonstrou, no *Corpus* PPVC, 9%, e, no *Corpus* PCVC, a produtividade foi de 42,8%. Inferimos, a partir desses dados, que a comparação é feita, assim como afirma Lima-Hernandes (2006), pela atividade sensorial e, também, pela justaposição de elementos e relações metafóricas fazendo, do ponto de vista formal, uma correlação entre duas orações que são sintaticamente interdependentes (NEVES; HATTNER, 2002). Assim, por ser uma habilidade cognitiva, que faz parte de domínios gerais, partimos do pressuposto que a microconstrução 1.1 [+oracional] seria encontrado nos dois *corpora* independentemente do grau de escolaridade do informante.

No que diz respeito à microconstrução 1.2, entendemos que esse padrão seja menos produtivo no *Corpus* PPVC devido ao tipo ao banco de dados utilizado, pois as entrevistas são feitas a partir de perguntas em que o informante rememora alguns acontecimentos. Sob esse viés, é mais compreensível que o falante realize uma comparação [+oracional] (com eventos que contenham verbos caracterizados pela ação, estado etc.) do que uma construção [-oracional].

Os informantes do *Corpus* PCVC, ao contrário dessa tendência, utilizam a microconstrução 1.2 [-oracional] com números mais expressivos do que as estruturas [+oracionais] (20%). Rodrigues (2016), ao realizar uma pesquisa a respeito das estruturas comparativas, mostrou que, em dados escritos, as construções não-correlacionais (-oracionais) são as mais frequentes. Assim, levando em consideração que o *Corpus* PCVC é formado por informantes cultos – consequentemente com mais acesso à modalidade escrita, notamos que há uma relação com os resultados do estudo de Rodrigues (2016) com os resultados ora apresentados em nossa Dissertação, pois partimos do pressuposto de que os falantes cultos, pelo fato de serem mais expostos à modalidade escrita, utilizam estruturas -oracionais para realizar a comparação, uma vez que, como mencionamos, Rodrigues (2016) verificou que em texto escrito esse padrão é mais frequente.

De modo geral, analisando os dados por meio do total de *tokens*, no pareamento comparativo, notamos que a nossa hipótese inicial foi ratificada, uma vez que a microconstrução 1.1, como ilustrada na Figura 10, foi a mais favorecida, quantitativamente, entre os dois *corpora*:

Figura 10 – Microconstrução do *que nem* mais produtiva nos corpora analisados



Isso posto, vejamos o segundo pareamento de forma-função na parte intermediária da rede construcional do *que nem*.

5.2.1.2 Subesquema 2: Conformativo

O pareamento Conformativo tem a configuração {[O_{v1}] + QUE NEM + [SN] + [V_{dic}] + [O_{v2}]}^{conf} que sanciona, também, duas microconstruções (2.1 e 2.2, respectivamente). Essa construção é realizada por meio de formas e funções conformativas. Nos exemplos (15) e (16) vemos como se manifesta esse pareamento:

(15) **DOC:** *O que o senhor acha do prefeito?*

INF: *prefeit' foi bom, esses tempo de mandato dele... os primeiros mandato ele foi um prefeito bom, já ness... segundo... nesse último agora ele num tá bom não?*

DOC: *E... por que?*

INF: *Poque num [ta fazem as coisa **que nem** ele deveria]. Nesses cant de rua aí só... só tem esgoto a céu aberto, e água corren na rua e o povo quexan e nada, ele num faz nada. (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

(16) **DOC:** *É assim... os brinquedos de antes não eram tão... modernos como os de agora...*

INF: *Não, não eram.*

DOC: *...que eu tava tentando dizer.*

INF: *Não era. Era diferente, né, **que nem** eu falei [...]* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).

No trecho (15), o documentador pergunta sobre a administração do prefeito para o informante. O entrevistado, por sua vez, afirma que, no segundo mandato, o prefeito não foi tão bom quanto no primeiro. Ao ser questionado do porquê dessa afirmação, o informante responde que o prefeito não fez aquilo que um gestor deveria fazer. Temos, à vista disso, na microconstrução 2.1, em uma perspectiva formal, a correlação da construção *que nem*, em duas

orações com núcleos verbais distintos, que podem ser apresentados pelo esquema {[O_{V1} + QUE NEM + O_{V2}]}^{confor}. A partir do exemplo (15), vemos que a primeira oração é encabeçada pelo verbo *fazer* e a segunda, por seu turno, é gerida pelo verbo *deveria*.

O exemplo (16) é marcado pelo seu caráter formal-funcional {[QUE NEM + [SN] + V_{dic}]}^{confor}. Na microconstrução 2.2, podemos observar a utilização do *chunk que nem*, um sintagma nominal (*eu*) e um verbo de *dicendi* (*falei*). É possível, ainda, que o SN não apareça, a exemplo de *que nem disse*, *que nem comentei*, evidenciando, portanto, que a microconstrução 2.1, nos termos de Traugott e Trausdale (2013), é parcialmente esquemática. Notamos, nesse pareamento, uma preocupação do falante em retomar o que foi dito no início da entrevista, mostrando um grau maior de (inter)subjetividade, pois, além de ser empregada com uma função interacional, essa construção resgata a informação para confirmar seu ponto vista e suas crenças acerca do que foi dito anteriormente.

O total de *tokens* do subesquema 2 (Conformativo) pode ser visualizado na Tabela 4, a seguir:

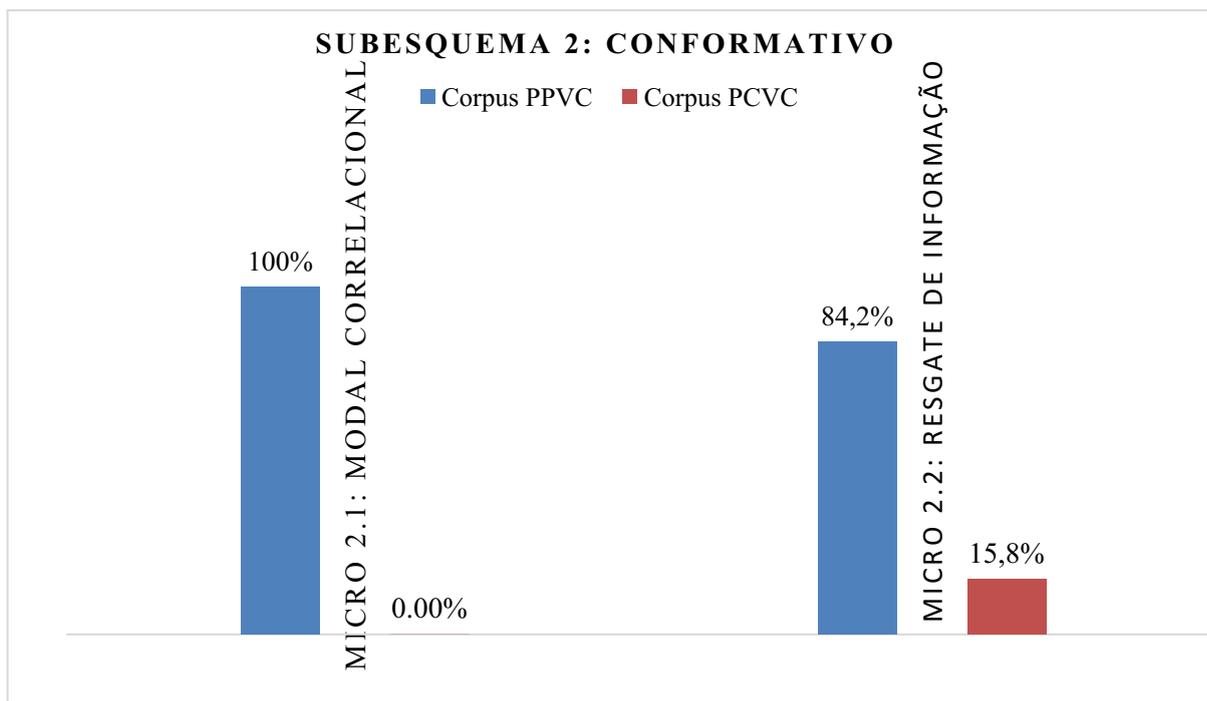
Tabela 4 – Frequência *token* do *que nem* no Subesquema Conformativo

SUBESQUEMA 1: CONFORMATIVO	Corpus PPVC	Corpus PCVC	TOTAL
MICRO 2.1: modal correlacional	2/100%	0/0%	2
MICRO 2.2: resgate de informação	16/84,2%	3/15,8%	19

Fonte: Autoria própria.

Como vemos, a microconstrução 2.1, do subesquema conformativo, teve um total de 2 (duas) ocorrências no *Corpus PPVC* e, no *Corpus PCVC*, não houve nenhuma realização dessa categoria. Já a microconstrução 2.2 foi mais produtiva, sobretudo, no *Corpus PPVC*, com um total de 19 (dezenove) *tokens*, sendo 16 (dezesesseis) no *Corpus PPVC* em relação ao *corpus PCVC* com 3 (três) *tokens*. Apresentamos, a seguir, no Gráfico 4, os dados percentuais do *que nem* no pareamento Conformativo:

Gráfico 4 – Percentuais do que nem no Subesquema Conformativo



Fonte: Autoria própria.

Verificamos que a microconstrução mais recorrente do subesquema conformativo seria o de Resgate de Informação (microconstrução 2.2). Isso se justifica, pois: (i) como vimos no estudo de Sé e Pezzati (2014), as estruturas conformativas iniciadas por *como*, em uma perspectiva Discursivo-Funcional, funcionam como resgate de informação na maioria dos dados orais analisados pelas autoras; (ii) por estarmos trabalhando dados de entrevistas, seria plausível afirmar que os informantes, com o intuito de resgatar uma informação anteriormente citada, fazem uso do *que nem* com forma-função conformativa, principalmente pela preocupação do informante em ratificar seu ponto de vista com argumentos previamente mencionados por ele durante a interlocução com o documentador, realizando, assim, um resgate da informação.

A partir dos dados da Tabela 4 e do Gráfico 4, podemos verificar que nossa hipótese foi ratificada, uma vez que os falantes do *Corpus* PPVC utilizam a microconstrução 2.1 Modal Correlacional de forma pouco significativa representado por 2 (duas) ocorrências, ao passo que, no *Corpus* PCVC, esse pareamento não foi realizado nenhuma vez. Nesse sentido, é válido lembrarmos que as estruturas Conformativas Correlacionais, assim como sinalizadas por Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009), caracterizam-se por serem orações iniciadas por uma subordinada em que se menciona um fato realizado com uma oração principal, ou seja, são orações dependentes sintaticamente de uma oração matriz. A baixa ocorrência (ou quase

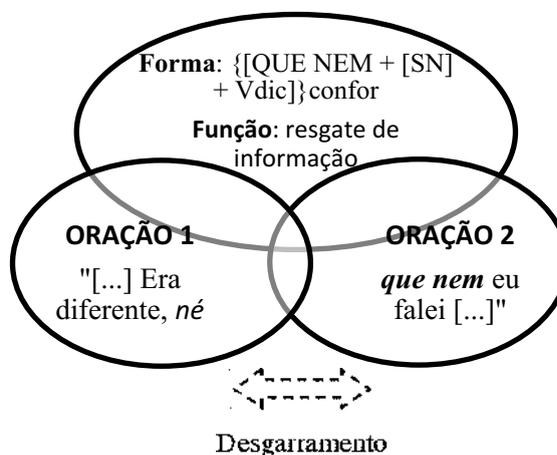
nenhuma) desse tipo de estrutura em nossos dados sinaliza que as estruturas iniciadas pelo *que nem* se constituem como unidades de informação à parte, desgarrando-se, assim como defendido por Decat (2011).

Sob esse viés, é possível observarmos, por meio da Tabela 4 e dos dados percentuais do Gráfico 4, que as construções desgarradas encabeçadas pelo *que nem* foram mais produtivas, tendo em vista que houve 19 (dezenove) *tokens* desse tipo de estrutura, representando 84,2% no *Corpus* do PPVC e 15,8% no *Corpus* PCVC. Assim, devido à necessidade de resgatar uma informação estocada na memória do interlocutor, o falante utiliza construções conformativas, com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento da sua explanação, evidenciando, do ponto de vista formal, uma menor dependência oracional, e, do ponto de vista funcional, um alto nível de (inter)subjetividade.

Além disso, notamos uma maior dependência pragmática-discursiva nesse pareamento, assim como sinalizado por Decat (1999), uma vez que a informação retomada, por ventura, pode estar no início da interlocução ou, dependendo do grau de proximidade entre o documentador e entrevistado, pode, inclusive, não estar materializada discursivamente nas entrevistas, pois o documentador, por ser uma pessoa próxima ao informante, já possui um conhecimento prévio acerca do assunto tratado na entrevista e, a partir dessa crença, o entrevistado utiliza a microconstrução com este propósito.

Por conseguinte, analisando os dados por meio da competição pelo uso no nível do *token*, notamos que a nossa hipótese inicial foi ratificada, uma vez que a microconstrução 2.2, como ilustrada na Figura 11 a seguir, foi a mais significativa e, ainda, categórica em nossos *corpora*, embora o número de frequência *token* tenha sido baixa:

Figura 11 – Microconstrução *que nem* como uma estrutura desgarrada



Fonte: Autoria própria.

Vemos, na Figura 11, que houve um desgarramento em que a segundo trecho, governado pelo *que nem* se mostra como uma unidade de formação à parte, assim como discutimos anteriormente nesta subseção. Isso posto, analisamos, em seguida, como o *que nem* atua em construções Exemplificativas.

5.2.1.3 Subesquema 3: Exemplificativo

O subesquema 3 tem como padrão construcional formal o esquema {[O] + [QUE NEM + X]} e a função Exemplificativa. Esse subesquema é sancionado, também, por duas microconstruções: i) 3.1 Correlacional, representada por {[O]+ [QUE NEM + O]}^{exemp}; ii) e 3.2 pela Validação da Informação de Modo individualizado com o esquema {[QUE NEM + SN]}^{exemp}. Vejamos, a seguir, os exemplos (17) e (18):

(17) **INF:** *[agora eu vejo professô ensina aí...] [que nem quando eu estudava mesmo...] na minha sala tinha sessenta... setenta aluno [com] um professô só tomá conta ali daquilo tudo dá aula pra aqueles aluno tudo e quando ele vê no final do mês, ele olha o salário dele aquela micharia né, aquele pôquin' (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

(18) **INF:** *Mudou, tá muito quente. Muito quente mermo. Num sei como nesses lugares vizinhos... [que nem Jequiê] tá aumentano viu. Anagé mermo a barragem tá bem baixa, ININT esses tempo aí atrás. (Corpus PCVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).*

No fragmento (17), o falante conta para seu interlocutor sobre as dificuldades pelas quais os professores passam. Como estratégia argumentativa, o informante utiliza um exemplo da época em que estudava para ratificar sua alegação. Há, nesse excerto, uma maior dependência do *que nem* com a oração seguinte e não com a que a antecede. É, então, nesse sentido, que, do ponto de vista formal, ela se distingue das comparativas instanciadas pelas microconstruções do subesquema 1. Já no exemplo (18), com a finalidade de exemplificar, o falante intercala o QUE NEM + SN de modo individualizado. Esse *slot*, portanto, pode ser preenchido por SNs a exemplo de: *que nem ele, que nem Salvador, que nem Maria*, evidenciando a marca (inter)subjativa do falante, além de demonstrar uma estrutura parcialmente esquemática e menos composicional. Ademais, notamos, nesse pareamento intermediário, um alto nível de (inter)subjatividade, pois o falante parte de uma ancoragem subjativa (com suas experiências) e vai em direção a uma ancoragem mais (inter)subjativa com a finalidade de mostrar ao seu interlocutor suas experiências empíricas a respeito de determinado assunto.

Quantitativamente, temos o seguinte número de *tokens*, que podem ser visualizados na Tabela 5:

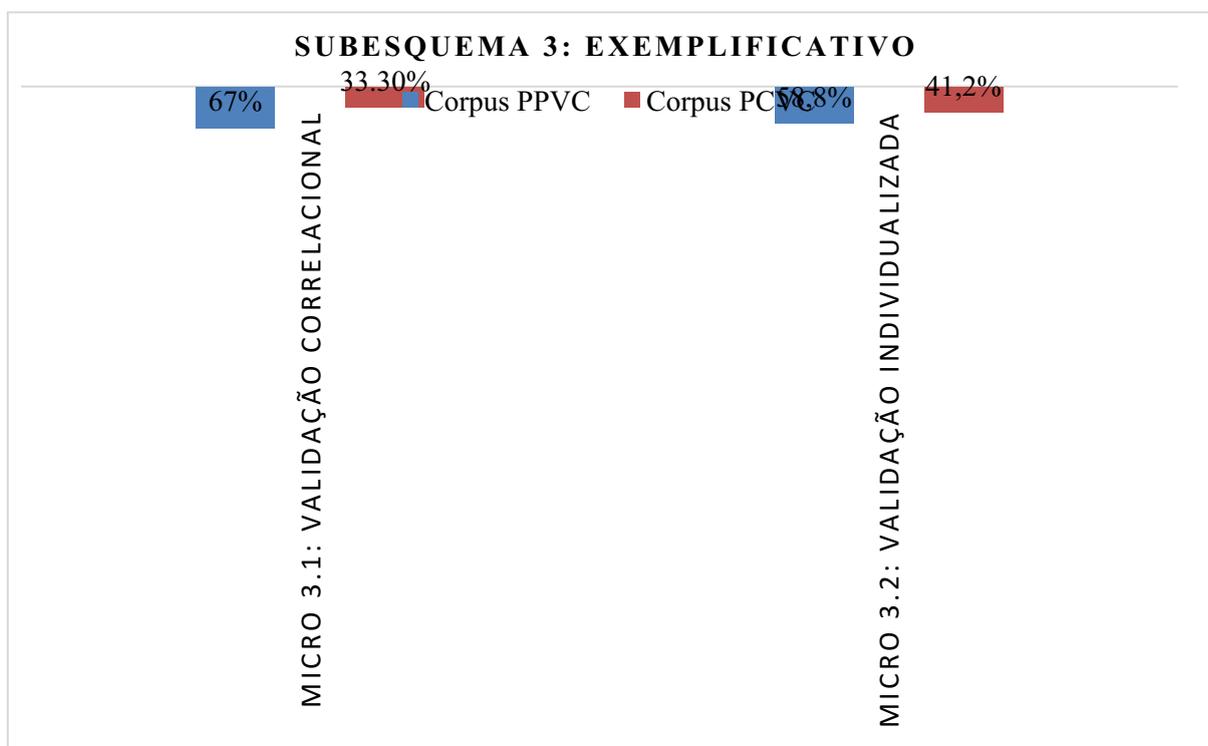
Tabela 5 – Frequência *token* do *que nem* no subesquema exemplificativo

SUBESQUEMA 3: EXEMPLIFICATIVO	<i>Corpus PPVC</i>	<i>Corpus PCVC</i>	TOTAL
MICRO 3.1: modal correlacional	6/67%	3/33%	9
MICRO 3.2: validação individualizada	10/58,8%	7/41,2	17

Fonte: Autoria própria.

Com base na Tabela 5, percebemos que houve uma maior produtividade no *Corpus PPVC*, representando 6 (seis) ocorrências da microconstrução 3.1 e 10 (dez) com a microconstrução 3.2. Já no *Corpus PCVC*, constatamos que a microconstrução 3.1 apareceu 3 (três) vezes e a microconstrução 3.2, por sua vez, foi vista 7 (sete) vezes. A seguir, vemos, no Gráfico 5 em forma de percentuais, os resultados obtidos no pareamento Exemplificativo:

Gráfico 5 – Percentuais do *que nem* no Subesquema Exemplificativo



Fonte: Autoria própria.

Para o subesquema 3, deduzimos que o *que nem*, em sua feição Exemplificativa, teria pouca discrepância entre os dados. Justificamos tal hipótese justamente por esse tipo de

construção representar, holisticamente, uma relação de Todo-Parte, assim como assinalado por Dias (2006). Para tal estrutura, o falante parte de uma ideia mais geral (segmento A) e direciona sua argumentação para uma ideia mais específica (segmento B) com propósito exemplificativo. Dessa forma, independentemente da Correlação (Micro 3.1) ou da Individualização (Micro 3.2), o informante fará uma relação de Parte-Todo, assim como o exemplar *por exemplo* mostrado no estudo de Dias (2006).

Em uma leitura por microconstrução, como ilustrado no Gráfico 5, é possível averiguarmos que há, em certa medida, uma harmonia entre os dados, uma vez que as microconstruções 3.1 e 3.2 aparecem no *Corpus* PPVC como mais expressivas em relação ao PCVC e sem muita discrepância (67% para 3.1 e 58,8% para 3.2). No que diz respeito ao *Corpus* do PCVC, houve, também, uma certa simetria, pois a microconstrução 3.1 revelou um total de 33% dos dados, enquanto a microconstrução 3.2 apresentou 41,2%. Fundamentados nesses dados, podemos afirmar que nossa hipótese foi ratificada, pois tanto em sua feição Correlacional quanto em aspecto de Validação Individualizada, o *que nem* aparece, em nossos dados, de forma proporcional, sendo usado de maneira mais significativa pelo grupo que possui mais escolaridade (*Corpus* PPVC) em detrimento ao grupo que possui menos escolaridade (*Corpus* PCVC).

Retomando os excertos (17) e (18), inferimos que o primeiro evento é mais geral, enquanto o segundo é mais específico:

EVENTO A: “[...] agora eu vejo professô ensina aí...

EVENTO B: *que nem* quando eu estudava mesmo... na minha sala tinha sessenta [...]”

EVENTO A: “[...] Mudou, tá muito quente. Muito quente mermo. Num sei como nesses lugares vizinhos... [...]”

EVENTO B: *que nem* Jequiê tá aumentano viu [...]”

Como vemos, a unidade base (evento A) e a unidade apositiva (evento B) representam a noção Todo-Parte, assim como advogado por Dias (2006). Nesse caso, a unidade apositiva é encabeçada pelo conector *que nem*. No excerto (17), percebemos que o informante manifesta uma ideia geral sobre a escola (evento A) e, além disso, com o objetivo de fornecer informações empíricas a respeito desse acontecimento, época em que o informante ainda estudava, o entrevistado traz a sua experiência subjetiva acerca do fato (evento B), a fim de ratificar a sua argumentação. No segundo trecho, por sua vez, o falante traz informações acerca da mudança gradual da temperatura de algumas cidades e, assim como no primeiro excerto, o informante sinaliza, na entrevista, a sua experiência vivenciada sobre a cidade de Jequiê e afirma que o

clima de lá está mudado, uma vez que a temperatura está ainda mais elevada (quente) do que costuma ser. Nesses dois casos, é possível notarmos a relação de Todo-Parte, em virtude do entrevistado direcionar o seu ponto de vista de uma ideia mais ampla (evento A) para um exemplo mais específico (evento B).

Vale ressaltar que, nesta Dissertação, propomos que a relação de Todo-Parte pode ser vista por meio de um *continuum*, no qual a Parte pode deslizar de funções menos específicas em direção a uma especificidade superior, aliado, sobretudo, a uma maior (inter)subjetividade. Assim, em termos de função, a microconstrução 3.2 possui uma ancoragem mais (inter)subjetiva que a Micro 3.1, pois há uma focalização maior acerca do acontecimento. Isso se fundamenta em razão da configuração da microconstrução 3.2 ser menos esquemática e de ser caracterizada por uma individualização (representado pela Parte) maior. Ademais, a ratificação da argumentação, na microconstrução 3.2, é feita, formalmente, por meio de um SN específico (*que nem* Jequié) e não de uma oração (eu vejo professô ensiná aí *que nem* quando eu estudava mesmo). Esse tipo de estrutura gera, conseqüentemente, uma complexidade estrutural e cognitiva menor, refletindo, assim, numa função mais específica, menos composicional e menos esquemática.

No Quadro 12, a seguir, temos a representação a microconstrução 3.1 e 3.2, respectivamente:

Quadro 12 – *Continuum* proposto de construções encabeçadas pelo *que nem* no subesquema exemplificativo

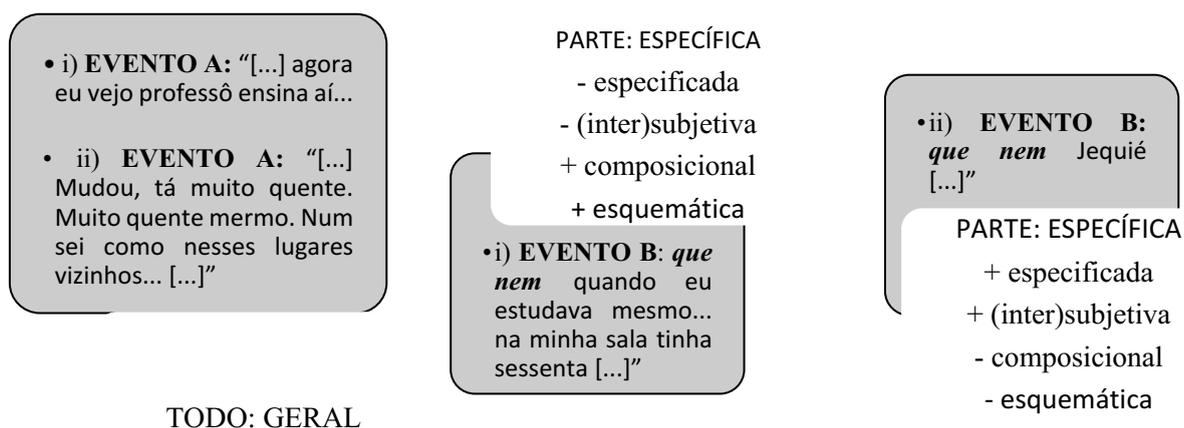
TODO (EVENTO A) →	PARTE (EVENTO B)	CARACTERÍSTICAS
“[...] agora eu vejo professô ensina aí...”	<i>que nem</i> quando eu estudava mesmo... na minha sala tinha sessenta [...]”	- especificada - (inter)subjetiva + composicional + esquemática
“[...] Mudou, tá muito quente. Muito quente mesmo. Num sei como nesses lugares vizinhos	<i>que nem</i> Jequié [...]”	+ especificada + (inter)subjetiva - composicional - esquemática

Fonte: Autoria própria.

O Quadro 12 representa o *continuum* de especificidade, aliada à (inter)subjetividade, composicionalidade e esquematicidade das construções exemplificativas geridas pelo *que nem*. Como dissemos previamente, temos na relação da Parte construções mais especificadas geridas pelo *que nem* que é representada pela ancoragem menos (inter)subjetiva, com maior

composicionalidade e esquematicidade, caminhando em direção a uma especificidade maior, com ancoragem mais (inter)subjativa, menos composicional e menos esquemática. O dinamismo dessa estrutura pode ser visualizado na Figura 12, a seguir:

Figura 12 – Construções encabeçadas pelo *que nem* no Subesquema Exemplificativo



Fonte: Autoria própria.

Na subseção seguinte, vemos os dados gerais acerca da construcionalização do *que nem*.

5.2.2 Dados gerais da construcionalização do *que nem*

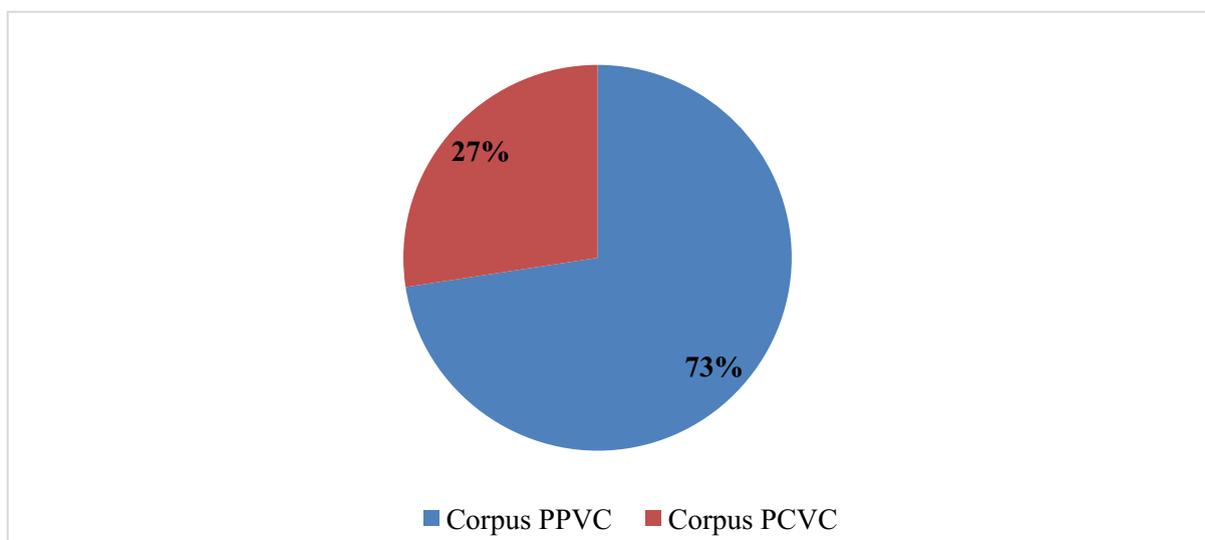
A partir do que foi exposto na subseção *A formação do [que nem]_{connect} e a expansão da classe hospedeira: um caso de construcionalização*, notamos que houve um maior favorecimento do *que nem* no subesquema exemplificativo (40% dos dados), seguido do subesquema conformativo (32% dos dados) e, por fim, do subesquema comparativo (28%). Embora tenhamos trabalhado com poucos dados (65 ocorrências), é possível afirmarmos que houve um maior favorecimento do *que nem* exemplificativo justamente pelas neoanálises sofridas pelo referido objeto o que, conseqüentemente, fez com que houvesse o processo de expansão da classe hospedeira, com *types* mais abstratos e (inter)subjativos.

Além disso, por ter seu uso registrado desde o século XX e elencado como conjunção comparativa por estudiosos, a exemplo de Jucá Filho em 1933, podemos afirmar que o *que nem*, no pareamento Comparativo, não se mostra tão inovador. Isso, portanto, justifica a menor

utilização dessa construção com forma-função Comparativa em situações menos monitoradas, como em entrevistas.

Ademais, realizando uma análise pela quantidade de *tokens* por *corpus*, vemos que, em falantes com baixa escolaridade, o uso do *que nem* é maior, em detrimento aos informantes cultos. Esses dados podem ser mais bem visualizados no Gráfico 5:

Gráfico 6 – Produtividade do *que nem* por *corpus*



Fonte: Autoria própria.

No que diz respeito às ocorrências dos *corpora*, partimos da hipótese de que o uso do *que nem* independia do grau de escolaridade. Em outras palavras, os informantes menos escolarizados (representados pelo *Corpus* PPVC) e mais escolarizados (representados pelo *Corpus* PCVC) faziam uso do *que nem*, pois tal construção é vista de forma muito produtiva em dados orais e em redes sociais, a exemplo do *microblogging* Twitter, assim como já sinalizamos (VIEIRA; SOUSA, 2015). Isso demonstra que a construção em questão não é estigmatizada e, assim, não sofre restrição de uso. À vista disso e mediante o Gráfico 5, verificamos que, na fala dos informantes mais escolarizados (*Corpus* PCVC), a ocorrência do *que nem* foi menor (27%), ao passo que na fala dos informantes menos escolarizados a frequência foi maior (73%).

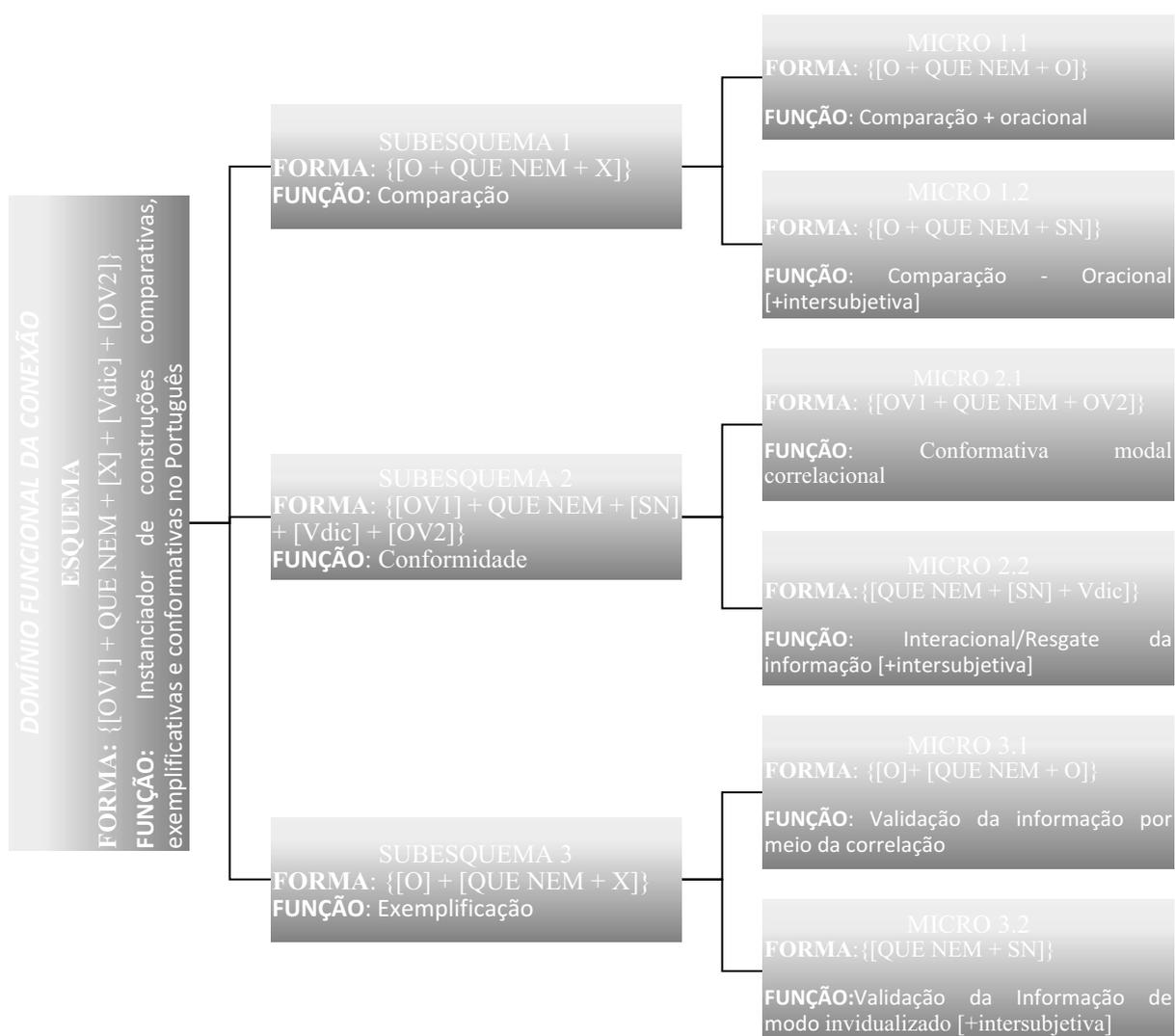
Tais dados, ainda que limitados, evidenciam que o *que nem* tem maior uso e aceitabilidade nos falantes menos escolarizados como assinalamos anteriormente nesta subseção. Essa evidência se justifica uma vez que o *que nem* está catalogado em compêndios históricos desde meados do século XX. Além disso, os falantes cultos, por terem frequentado mais tempo o âmbito escolar, foram, conseqüentemente, expostos a um leque maior de gêneros discursivos, a exemplo da redação discursiva-argumentativa, em que é necessária dentre os

fatores, a utilização de conectivos para marcar a comparação. Sob essa ótica, advogamos que os falantes cultos, devido ao fator escolaridade, possuem mais exemplares disponíveis para a realização de construções comparativas, conformativas e exemplificativas.

5.2.2.1 Finalizando...

Diante do exposto, faz-se pertinente trazermos os questionamentos feitos no início desta seção: i) *Pelo âmbito sincrônico, como se constitui a rede construcional do que nem?* ii) *Quais subesquemas são instanciados pelo que nem em sua rede construcional, ou seja, qual configuração formal-funcional do que nem no processo de expansão host class no domínio funcional da conexão?* Tomando como base esses questionamentos, podemos ratificar que o *que nem* em contexto isolado, sanciona 3 (três) subesquemas. O primeiro diz respeito ao pareamento comparativo que gera duas microconstruções (Micro 1.1 +oracional e Micro 1.2 -oracional). O subesquema 2, que tem como característica a forma-função Conformativa, instancia duas microconstruções (Micro 2.1 conformidade modal correlacional e a Micro 2.2 Interacional/Resgate de informação. O subesquema 3, por sua vez, com caráter exemplificativo, sanciona, assim como os outros pareamentos, 2 (duas) microconstruções (3.1 Validação da Informação por meio da correlação e 3.2 Validação da informação de modo individualizado), este, por sua vez, com pareamentos mais (inter)subjetivos e abstratos. Portanto, com o objetivo de demonstrar como os padrões construcionais se organizam na rede cognitiva do falante, propomos a seguinte rede taxinômica do *que nem*, em perspectiva sincrônica, no domínio funcional da conexão:

Figura 13 – Proposta de rede construcional do *que nem* em perspectiva sincrônica



Fonte: Autoria própria.

A partir da Figura 13 e nos debruçando na perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013), podemos afirmar, tomando como amostra os dados da comunidade de fala de Vitória da Conquista, que houve:

- i) Redução da composicionadade com formação do *chunking que + nem*;
- ii) Processo de expansão semântico-pragmático, via mecanismo de neanálise, com desenvolvimento de funções mais abstratas, pragmáticas e interpessoais;
- iii) Um *continuum* de crescente de (inter)subjetividade: pareamentos de forma-função que passam de sentidos [+subjetivos] que passam a identificar, cada vez mais, as crenças e atitudes do falante acerca do que diz, chegando, portanto, a sentidos [+intersubjetivos] (TRAUGOTT; DASHER, 2005);

iv) Aumento da produtividade, evidenciando, assim, a expansão da classe hospedeira.

Após essa análise, averiguamos, na próxima subseção, como o *que nem* migra de domínio funcional e passa a integrar a rede dos MDs no Português Brasileiro.

5.3 O CONVÍVIO COM OUTRO DOMÍNIO FUNCIONAL: DE CONECTIVO À MARCADOR DISCURSIVO

Nesta subseção, trazemos um olhar acerca da mudança de domínio funcional do *que nem*, que migra da rede dos conectivos, como discutido na subseção anterior, para o domínio funcional da marcação discursiva.

5.3.1 Casos especiais do *que nem*

Julgamos relevante, em nossa investigação, trazermos os casos especiais em que o *que nem* se apresenta distinto de conectivo, pois, em alguns construtos, notamos que tal objeto não assumia a forma-função de conexão. Isso se justifica uma vez que, nos dados de fala orais, notamos um maior grau de abstração dessa construção, além de apresentar, holisticamente, um pareamento distinto de conectivo. Vejamos os exemplos (19) e (20) a seguir:

(19) **INF:** *Pois é. E a ingreja tem ensinado muito a... as pessoa e as pessoa tem respeito pelas ôta e eu ach' éh... eu num to criticando religião nenhuma, né, ma eu acho assim que a ingreja católica você é livre pra fazer qualquer coisa, né, e já a ingreja evangélica não cê tem um limite, né, cê tem um limite você tem aquele limite cê num pode fazê as coisa errada...*

DOC: *É*

INF: *...e a pessoa... **que nem** eu ach' errado assim que as pessoa tá no {ININT} os jove' então num é... tem muita gente ali que participa fiel memo, né... (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI)*

(20) **INF:** *[...] quarenta ano se passaram num é quarenta dia nem quarenta hora e eu lembro, agora como é que um... um homem de quinze, catoze, dezesseis sai aí matano eh... **que nem**... vamo supô uma família lá construino um sonho aí vai um... um homem desse, bota uma arma pa rôba o que ele tem a pessoa faz qualquer [gesto. ele] já atira sem dó nem piedade né [...] (Corpus PCVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI)*

Mediante os excertos (19) e (20), averiguamos que os falantes utilizam o *que nem* para reorganizar as informações discursivas. A partir disso, é possível afirmarmos que a construção em estudo desliza do domínio funcional da conexão e migra para o domínio funcional da marcação discursiva. Ademais, observamos, a partir dos excertos, que a microconstrução *que nem* está marcada por reticências, evidenciando, do ponto de vista formal, a pausa e entonação.

Destacamos, aqui, que, nos exemplos (19) e (20), é possível percebermos que o *que nem* mantém traços da sua feição conectiva, uma vez que, ao lermos tais exemplos, ainda notamos as

características de comparação, exemplificação e/ou conformidade, fato que relacionamos à constituição recente do pareamento no domínio funcional da marcação discursiva. Sob esse viés, defendemos que tal ambiguidade se justifica pelo princípio da persistência como advogado por Hopper (1991). De acordo com o referido autor, esse princípio, sob a perspectiva clássica da gramaticalização, diz respeito à permanência de alguns traços semânticos da construção fonte, isto é, algumas formas gramaticais tendem a manter alguns efeitos de sentido da construção de origem. Segundo Hopper (1991), a persistência acontece em estágios não muito avançados de gramaticalização. Numa perspectiva construcional, é possível observarmos que esse critério é justificado uma vez que trabalhamos com a noção de rede, logo, é bem provável que na fase de mudança construcional uma construção mantenha relação, por meio de *links* simbólicos, com outras construções no processo de deslizamento do domínio funcional.

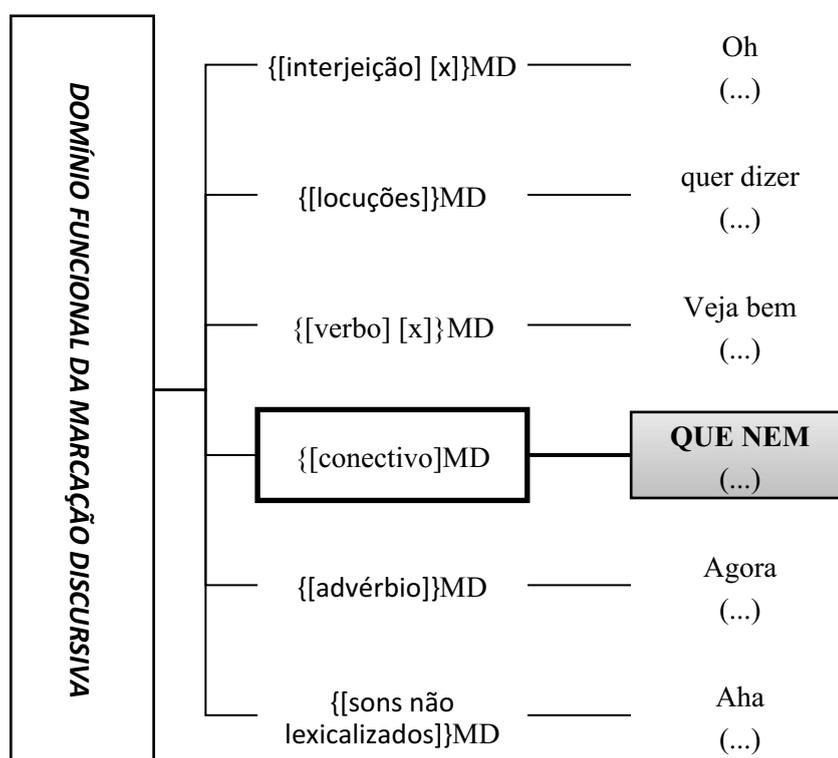
Como sinalizado na seção *Revisitando o que nem: uma incursão histórica, gramatical e linguística*, a análise do *que nem*, como parte integrante dos MDs, já foi apontada pelos estudos de Dias (2011) e Bertozzo (2014) pela vertente clássica da gramaticalização. No entanto, nesta Dissertação, enquadrámos nosso objeto em uma perspectiva funcionalista, especialmente na sua interface com os estudos cognitivistas nos embasando, principalmente, na perspectiva construcional como analisado na subseção seguinte.

5.3.2 O *que nem* se relacionando com a rede construcional dos Marcadores Discursivos

Julgamos relevante trazer o olhar de Sambrana (2017) quando a pesquisadora analisa os MDs no Português Brasileiro se debruçando, também, sob o ponto de vista construcional. A referida autora, ao analisar os padrões construcionais dos MDs perceptivos-visuais, mostra, em uma visão taxinômica, que os falantes utilizam o esquema $V_{pv}(X)^{md}$ como estratégia de regulação da interação entre os interlocutores. Para tanto, a pesquisadora usa, como base da marcação discursiva, os verbos perceptivos-visuais *olhar* e *ver* e mostra as hierarquias construcionais dessa construção no Português.

A autora propõe, ainda, baseada nos estudos de Risso, Silva e Urbano (2002), Oliveira (2015), entre outros, uma rede construcional dos MDs que, segundo a pesquisadora, compartilham características funcionais com outras construções. Assim, ancorados na proposta de Sambrana (2017), inserimos o *que nem* na seguinte hierarquia construcional:

Figura 14– Rede construcional dos Marcadores Discursivos



Fonte: Autoria própria adaptado de Sambrana (2017, p. 10)

No nível do subesquema, temos 6 (seis) tipos de base para os marcadores, com destaque para os que são formados por conectivos {{conectivo}}^{MD}. Esse subesquema, em particular, sanciona a microconstrução *que nem* que aparece nos seguintes construtos:

(21) *INF*: *é... num sei... **que nem**... é... ach'que quem tem boca fala o que quer né?"* (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI)

(22) *DOC*: *Me conta uma história que aconteceu com você?*

INF: *É... **que nem**... é... é... teve um dia que eu tava lá ni Brumado, né?! [...]*. (Corpus PPVC. Período Contemporâneo. Séc. XXI).

Nos exemplos (21) e (22), notamos que a microconstrução *que nem* aparece como marcador com marcas de hesitação – uma das características dos MDs. Além disso, do ponto de vista funcional, o MD se manifesta como um elemento que organiza as ideias do informante mostrando a não monitoração de sua fala.

Baseados nos pressupostos cognitivo-funcionais, notamos que essa mudança de domínio tem relação com os processos cognitivos de domínio gerais, como apontados por Bybee (2010), pois é possível perceber a:

- i) **Categorização** do *que nem*, uma vez que o falante reconhece essa construção como conectivo ou MD;
- ii) **Chunking**, como já sinalizado, visto que as partes *que* e *nem* se aglutinam formando uma unidade mais complexa, menos composicional e menos esquemática;
- iii) **Memória enriquecida**: o *que nem* foi estocado como um exemplar conectivo devido ao uso e, ao migrar de domínio funcional, essa configuração permanece no grupo de marcadores que tem como base os conectivos (Figura 13);
- iv) **Analogia**, pelo fato de outros conectivos exemplares poderem assumir o lugar de MDs, o usuário da língua, cognitivamente, faz uma analogização e o *que nem* integra o leque de possibilidades para o falante;
- v) **Associação transmodal**, pois, assim como os outros processos cognitivos, o falante associa o modo que a construção foi usada na conexão e traz, na marcação discursiva, a mesma forma {[QUE NEM]} em um domínio funcional distinto.

A analogia recebe um destaque maior na análise empreendida, tendo em vista que o mecanismo analógico corresponde ao uso de novos padrões com exemplares previamente estocados na memória do usuário da língua. Essas novas formas-funções são usadas com novas construções por influência de exemplares já utilizados pelo falante e, assim, é possível que novos elementos possam mudar de categoria e de domínio funcional devido à analogia.

Ainda sobre o assunto, Martins Dall’Orto (2018, p. 38) afirma que a analogia

[...] refere-se ao mecanismo que leva à combinação entre aspectos da forma e da função de uma construção-alvo e aspectos da forma e da função de uma construção-fonte. O mecanismo da analogização envolve, portanto, a reconfiguração das dimensões internas da construção, tendo como base uma construção já existente, com a qual seja possível fazer a correspondência. (MARTINS DALL’ORTO, 2018, p. 38).

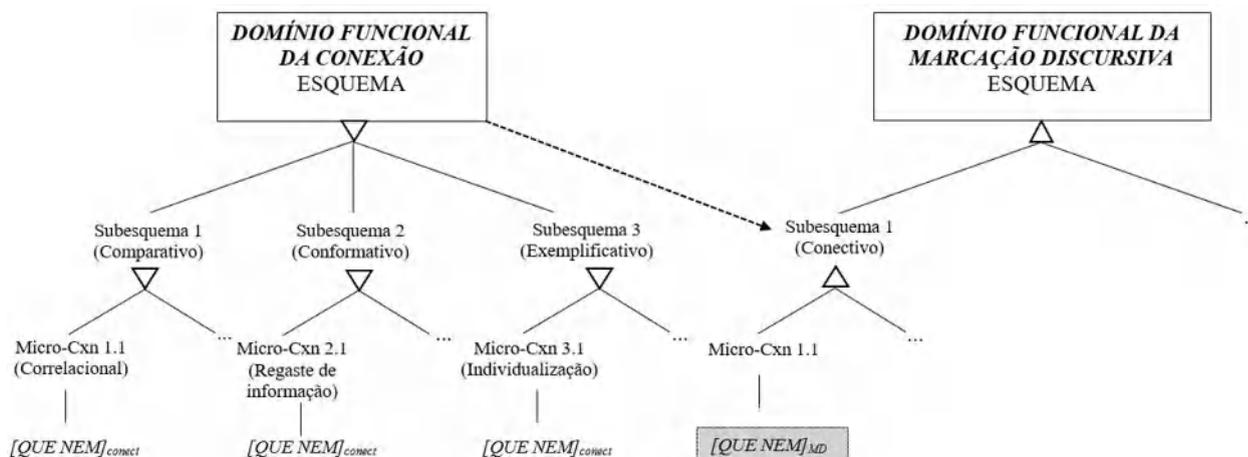
Dessa forma, a autora demonstra que a análise sincrônica dos dados é capaz de refletir a atração morfossintática e semântico-pragmática e a extensibilidade de padrões a partir de modelos já existentes.

Nesta subseção, não trazemos dados quantitativos a respeito do *que nem* no domínio funcional da marcação discursiva, visto que os dados foram escassos nos *Corpora* PPVC e PCVC. No entanto, julgamos necessário lançar um olhar construcional do referido objeto que mostrou mudança formal-funcional, além de migrar de domínio funcional.

5.3.3 Finalizando...

Nessa subseção, vimos, de forma sucinta, a emergência do domínio funcional do *que nem* que desliza de conectivo para a marcação discursiva. Resgatando o último questionamento feito no início desta seção, a saber: *Qual é a configuração formal-funcional da migração do que nem do domínio funcional da conexão para a marcação discursiva?* Notamos que, além do deslizamento para a rede dos MDs, o *que nem*, ademais, apresenta-se com um nível baixo de composicionalidade e esquematicidade, vez que o referido objeto, como MD, aparece como um *chunk* em dados orais, denotando que houve, por parte dos falantes, uma neoanálise aliada ao *continuum* crescente de (inter)subjetividade, no qual os sentidos migram de mais [+subjativos] para [(inter)subjativos]. Na Figura 16, é possível visualizarmos, em síntese, o deslocamento do domínio funcional do *que nem* de conectivo para MD por meio de processos cognitivos gerais, principalmente da analogia.

Figura 15 – Representação da emergência de domínio funcional do *que nem*



Fonte: Autoria própria.

Na Figura 15, é possível visualizarmos, em síntese, o deslocamento do domínio funcional do *que nem* de conectivo para MD por meio de processos cognitivos gerais, a exemplo do mecanismo analógico, como advogado por Bybee (2010) e Martins Dall’Orto (2018). A seta pontilhada demonstra que tal construção se deslocou para a rede dos MDs, ocupando, mais precisamente, a categoria dos marcadores formados a partir de conectivos.

Os processos cognitivos são, como dissemos, pontos cruciais para o redirecionamento de uma dada construção, pois se há a possibilidade de o falante utilizar outros conectivos formados por MDs, é viável que, analogicamente, o usuário da língua empregue o *que nem* construcionalizado para tal fim. Isso posto, na próxima subseção, analisaremos nosso objeto debruçando-nos no modelo simbólico construcional de Croft (2001).

5.4 O ELO ENTRE A FORMA E A FUNÇÃO: O PAREAMENTO DO *QUE NEM* A PARTIR DO MODELO RADICAL DE CROFT (2001)

Nesta subseção, exploramos o *que nem* baseados na concepção de construção a partir de Croft (2001). Como sinalizamos na seção *A língua como um sistema adaptativo complexo: a relação entre língua, uso e cognição*, o pesquisador que se debruça em uma perspectiva construcional deve ser capaz de analisar tanto os aspectos formais de uma dada construção (sintaxe, morfologia e fonologia) quanto de função (semântica, pragmática e aspectos discursivos-funcionais). Nesse sentido, trazemos, a seguir, por meio do Quadro 13 e 14, o *que nem* já em contexto isolado, tanto no domínio funcional da conexão, como no domínio da marcação discursiva, a partir do modelo de estrutura simbólica construcional proposto por Croft (2001):

Quadro 13 – O pareamento de forma e função do *que nem* no domínio da conexão a partir de Croft (2001)

FORMA	ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	SENTIDO/FUNÇÃO
<p>Sintaticamente: formado por dois elementos. O primeiro uma conjunção (que), seguido por um elemento exemplar para a negação (nem); Atua como conectivo.</p>	<p><i>QUE NEM</i></p>	<p>Semanticamente: Abstratização das subpartes da construção. O <i>que</i> não atua mais como elemento introdutor de estruturas consecutivas e o <i>nem</i> perde a propriedade de negação. Dessa forma, o sentido da construção se realiza a partir da soma de toda construção, levando em consideração o entorno conversacional, funcionando como um conector comparativo, conformativo e/ou exemplificativos</p>
<p>Morfológicamente: Elemento invariável; Passa a integrar a classe dos conectores.</p>		<p>Pragmaticamente: Desliza de propriedades mais subjetivas e passa a identificar, cada vez mais, as atitudes e crenças dos falantes, com níveis mais altos de (inter)subjetividade, principalmente em sua feição Exemplificativa.</p>
<p>Fonologicamente: Atua como único grupo de força, como uma só palavra devido ao <i>chunking</i>, com representação fonética [ki.'nej]; O uso frequente da construção aglutinada (que + nem) afeta as representações fonológicas; Apresenta estrutura prosódica de palavra fonológica.</p>		<p>Discursivamente: Articula sequências de base expositiva e argumentativa, principalmente em dados de fala orais, nos quais estão em jogo opiniões e argumentos mais pessoais.</p>

Fonte: Autoria própria.

Ancorados na perspectiva construcionista radical de Croft (2001), é possível analisarmos que, no eixo da forma, o *que nem* atua, sintaticamente, no domínio funcional da conexão (VIEIRA; SOUSA, 2019a) e posiciona-se, como é comum aos conectivos, entre as orações e sintagmas, unindo-as. Na marcação discursiva, há uma liberdade sintática dessa construção que pode aparecer, na interação, quando houver a necessidade de reformulação do discurso do falante, pausa etc. Morfológicamente, é um elemento invariável, sem possibilidade de flexão. Fonologicamente, o *que* e o *nem* formam um bloco sonoro devido ao *chunking*. Com

isso, elimina-se a existência de dois acentos tônicos, passando a existir apenas um que recai na segunda subparte da construção [kɪ.'nej].

No eixo do significado/função, notamos que, semanticamente, houve uma abstração das subpartes e o *que nem* é visto como único bloco de sentido. Pragmaticamente, no domínio da conexão, o objeto desliza de propriedades mais subjetivas e passa a identificar, cada vez mais, as atitudes e crenças dos falantes, com níveis mais altos de (inter)subjetividade. Discursivamente, foi notada uma maior produtividade da construção em sequências dialogais, tomando como base os *corpora* PPVC e PCVC, principalmente com os pareamentos conformativo e exemplificativo.

A seguir, apresentamos o *que nem* em sua feição de MD.

Quadro 14 – O pareamento de forma e função do *que nem* no domínio da marcação discursiva a partir de Croft (2001)

(continua)		
FORMA	ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	SENTIDO/FUNÇÃO
<p>Sintaticamente: formado por dois elementos. O primeiro uma conjunção (<i>que</i>), seguido por um elemento exemplar para a negação (<i>nem</i>); Maior liberdade sintática, atuando, dessa forma, como MD.</p>	<p>QUE NEM</p>	<p>Semanticamente: Abstratização das subpartes da construção. O <i>que</i> não atua mais como elemento introdutor de estruturas consecutivas e o <i>nem</i> perde a propriedade de negação. Dessa forma, o sentido da construção se realiza a partir da soma de toda construção, levando em consideração o entorno conversacional, funcionando como um MD com a função de manutenção do turno conversacional.</p>

FORMA	ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	SENTIDO/FUNÇÃO
<p>Morfologicamente: Elemento invariável; Passa a integrar o conjunto dos MDs.</p> <p>Fonologicamente: Atua como único grupo de força, como uma só palavra devido ao <i>chunking</i>, com representação fonética [ki.'nej]; Manifesta-se a partir da hesitação do falante; O uso frequente da construção aglutinada (que + nem) afeta as representações fonológicas. Apresenta estrutura prosódica de palavra fonológica.</p>		<p>Pragmaticamente: Desliza de propriedades mais subjetivas e passa a identificar, cada vez mais, as atitudes e crenças dos falantes, com níveis mais altos de (inter)subjetividade. No domínio funcional da marcação discursiva, notamos que a construção atua como elemento que marca a hesitação e reformulação do falante em contextos dialogais.</p> <p>Discursivamente: Articula sequências de base expositiva e argumentativa, principalmente em dados de fala orais, nos quais estão em jogo opiniões e argumentos mais pessoais.</p>

Fonte: Autoria própria.

É possível analisarmos que a construção *que nem*, no domínio da marcação discursiva, sintaticamente, atua com uma liberdade sintática, que pode aparecer, na interação, quando houver a necessidade de reformulação do discurso do falante, pausa etc. Morfologicamente, é um elemento invariável, sem possibilidade de flexão. Fonologicamente, o *que* e o *nem* formam um bloco sonoro devido ao *chunking*. Com isso, elimina-se a existência de dois acentos tônicos, passando a existir apenas um que recai na segunda subparte da construção [ki.'nej], além dessa construção apresentar a estrutura prosódica de palavra fonológica.

No eixo do significado/função, notamos que, semanticamente, houve uma abstração das subpartes e o *que nem* é visto como único bloco de sentido. Pragmaticamente, no domínio da conexão, o objeto desliza de propriedades mais subjetivas e passa a identificar, cada vez mais, as atitudes e crenças dos falantes, com níveis mais altos de intersubjetividade. Além disso, notamos que o *que nem* demonstra hesitação e reformulação no discurso do informante, servindo para a manutenção do turno conversacional (VIEIRA; SOUSA, 2019b).

Discursivamente, notamos uma maior produtividade da construção em sequências dialogais, a partir dos dados de fala do *Corpora* PPVC e PCVC.

De forma geral, no que diz respeito aos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, advogados por Traugott e Trousdale (2013), notamos que:

- i) Se analisarmos o *que nem* como uma construção isolada, perceberemos que há um baixo grau de **esquematicidade**, pois devido ao encadeamento não é possível que haja preenchimento de *slots* entre as partículas *que* e *nem*. No entanto, holisticamente, ela é parcialmente esquemática, tendo, como esquema mais abstrato, a seguinte configuração: {[O_{v1}] + QUE NEM + [X] + [V_{dic}]}, que gera funções Comparativas, Conformativas e Exemplificativas;
- ii) Houve **produtividade**, tanto no nível do subesquema e da microconstrução, com a expansão da classe hospedeira, quanto de *token* (frequência de uso);
- iii) Como já explanado nesta Dissertação, há um baixo nível de **composicionalidade** se analisarmos a construção isolada. Já holisticamente, o *que nem* se torna mais ou menos composicional, pois, no esquema mais virtual e abstrato, é possível analisarmos algumas partes da construção, tendo o *chunk* {QUE NEM} como parte fixa, ou seja, substantiva, nas construções encabeçadas pelo elemento em questão.

Diante disso, reiteramos a importância dos estudos pautados na defesa de que a gramática é governada por processos cognitivos gerais e, ademais, de construções interconectadas em redes. Dessa forma, por meio deste trabalho, ora Dissertação, mostramos como os estudos funcionais, a partir de um olhar holístico, investigam tanto os aspectos formais (morfologia, sintaxe e fonologia) quanto os funcionais (semântica, pragmática e aspectos discursivos-funcionais) a partir de uma teoria centrada no uso.

Por fim, a seguir, nas Considerações Preliminares, além de retomarmos as hipóteses desta Dissertação, apontamos os (novos) direcionamentos possíveis de serem tomados para que o conhecimento acerca da língua(gem) seja o ponto de partida para investigação linguística, principalmente na relação entre o Funcionalismo e da Gramática de Construções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta Dissertação, descrevemos uma análise do processo de constituição do *que nem* na Língua Portuguesa e sua expansão de formas-funções a partir de uma perspectiva centrada no uso. A ocorrência desse objeto no Português Brasileiro, em particular, incitou-nos a investigar como as partículas *que* e *nem* foram perdendo sua composicionalidade no decorrer dos séculos e gerando um novo nó na rede dos conectivos.

Partimos da hipótese de que o *que nem* surge a partir de uma estrutura de causa e consequência (*tão alto que nem* passou na porta), com alto nível de composicionalidade, esquematicidade. Somada a tal hipótese, nossa investigação foi norteada por mais 4 (quatro) questionamentos:

- i) Pelo âmbito diacrônico, como o pareamento forma-função do *que nem* se desenvolveu na Língua Portuguesa?
- ii) Pelo âmbito sincrônico, como se constitui a rede construcional do *que nem*?
- iii) Quais subesquemas são instanciados pelo *que nem* em sua rede construcional, ou seja, qual configuração formal-funcional do *que nem* no processo de expansão *host class*?
- iv) Por aventarmos que o *que nem* é resultado de mudanças construcionais e construcionalização, quais são os fatores de ordem cognitiva e contextual envolvidos nesses processos?

Para responder a primeira pergunta e ratificar o que conjecturamos a respeito da estrutura de causa e consequência, embasamos nossa análise a partir dos tipos de contexto, como proposto por Diewald (2006). Mostramos, de forma breve e diacronicamente, que o *que nem* passou pelo contexto *típico* (*faz viver tal vida, que nem d'el nem d'outrem nom ha[m] guarida*), *atípico* (*Ca salvar-se pod'ela bem que nem um torto nom vos fez*), *crítico* (e o seu açafraim he melhor *que nem* hu~u~ outro) e *isolado* (tem força *que nem* um touro), chegando à configuração formal-funcional comparativa.

Mediante a análise dos contextos de mudança, que se caracterizam, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como mudanças construcionais, pudemos validar, de forma concisa, a nossa hipótese que admitimos inicialmente sobre o desenvolvimento dessa construção na Língua Portuguesa. Nessa direção, a possibilidade do *que nem* ter surgido desse tipo de estrutura mostrou fortemente justificável em nossas análises, principalmente por mostrar, contextualmente, 74,3% das ocorrências no *corpus* analisado.

No que diz respeito ao segundo e ao terceiro questionamentos, foi possível verificarmos que o *que nem* possui 3 (três) pareamentos distintos no domínio funcional da conexão, vez que,

além de sua feição comparativa, o referido objeto atua como forma-função de conformidade e exemplificação. Ademais, foi possível analisarmos que o *que nem* migra de domínio funcional e passa a integrar, também, a rede construcional dos MDs, na rota [QUE NEM]_{connect} -> [QUE NEM]_{md}, com a função de manutenção do turno conversacional.

Respondendo a última hipótese, ratificamos que houve uma redução da composicionalidade do *que nem*, aumento da esquematicidade e produtividade e, além disso, tais mudanças e sanções foram realizadas pelos falantes devido à expansão semântico-pragmática via mecanismo analógico e de neoanálise, aliada a um *continuum* crescente de (inter)subjetividade. Sob essa ótica, torna-se possível afirmarmos que, no processo construcionalização do *que nem*, os sentidos partiram de [+subjativos] para [+intersubjetivos] e identificaram, cada vez mais, as crenças e atitudes dos falantes acerca do que dizem, com desenvolvimento de pareamentos mais abstratos, pragmáticos e interpessoais. Os processos cognitivos de domínios gerais (BYBEE, 2010) e de (inter)subjetivação (TRAUGOTT; DASHER, 2005) foram, assim, imprescindíveis para esse fenômeno de mudança linguística.

Em linhas gerais, e partindo do entendimento de que o pesquisador deve evidenciar os aspectos formais e funcionais de uma dada construção, conforme advogado por Croft (2001), constatamos que o *que nem* atua em dois domínios funcionais distintos: o da conexão e o da marcação discursiva. Nesse sentido, verificamos os fatores formais (sintáticos, morfológicos e fonológicos) e funcionais (pragmáticos, semânticos e discursivos-funcionais) do objeto em questão, além de averiguarmos os fatores propostos por Traugott e Trousdale (2013) que dizem respeito à esquematicidade, produtividade e composicionalidade que se tornam caras a esse tipo de investigação.

Tendo como pressuposto básico de análise o princípio de que a língua consiste em um sistema interconectado, compreendemos algumas possibilidades de pesquisas que venham a continuar o estudo que realizamos nesta Dissertação. Uma dessas possibilidades diz respeito a analisar, de forma mais acurada, o percurso diacrônico que o objeto em questão percorreu, analisando em mais *corpora* históricos. Além disso, cabe, em outra ocasião, analisar o comportamento do nosso objeto em dados sincrônicos escritos.

Cabe, também, averiguar a relação do *que nem* com outras microconstruções que estão no bojo da comparação, conformidade e da exemplificação e, ainda, no que tange ao *que nem* como MD, é necessário verificar quantitativamente o referido objeto, vez que as frequências de uso se tornam imprescindíveis para uma pesquisa que se debruça em dados empíricos.

Ao final deste trabalho, que se manifesta como Dissertação, confirmamos a tese de que o Português Brasileiro possui uma nova construção que compõe um novo nó na rede

construcional dos conectivos e da marcação discursiva: a construção *que nem*. Diante disso, reiteramos a importância dos estudos pautados na defesa de que a gramática é governada por processos cognitivos gerais e, ademais, de construções interconectadas por meio de redes vista a partir de uma perspectiva holística.

Por fim, com base nesta Dissertação, propusemos mostrar como, atualmente, a *relação* do Funcionalismo e da Gramática de Construções, conhecido no Brasil como LFCU, contribui para este fenômeno instigante e constitutivo do próprio sistema linguístico: o da variação e a mudança linguística.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: Edunicamp, 2002. v. 8.
- BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009 [1975].
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.
- BERGO, V. **Erros e dúvidas de linguagem**. São Paulo: Livraria Editora Freitas Bastos, 1959 [1941].
- BERTOZZO, A. F. **De conector a marcador discursivo: como, que nem e tipo em Chapecó - SC**. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). UFFS: Chapecó, Santa Catarina, 2015.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B., JANDA, R. (org.). **A handbook of historical linguistics**. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHOMSKY, N. **Cartesian Linguistics**. New York: Harper & Row, 1968.
- CHOMSKY, N. Review of Skinner's Verbal Behavior. **Language**. 1959, p. 26–58.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 1, 2016. p. 83-101.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DECAT, M. B. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **Scripta** (Linguística e Filologia), Belo Horizonte: PUC Minas, v.2, n. 4, p. 23-38, 1º sem. 1999.

DECAT, M. B. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2011.

DELANCEY, S. Grammaticalization and linguistic theory. In: GARCIA, J. G.; ROOD, D. S. (Ed.). **Proceeding of the 1993 Mid-America linguistics conference and Conference on siouan/caddoan languages**. Boulder: University of Colorado, 1993. p. 1-22.

DIAS, J R. **Que nem**: um estudo do processo de gramaticalização. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Araraquara: UNESP, 2011.

DIAS, N. B. Cláusulas apositivas em português: estatuto sintático-discursivo. **Estudos Linguísticos XXXV**, p. 1534-1543, 2006.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, Cidade, SV 1-9, 2006.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FILLMORE, C. J. et al. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, Sep. 1988.

FILLMORE, C. J; KAY, P.; O'Connor, C. Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, p. 501-538, [S.l.], 1988.

FRIED, M. Construction Grammar. In: ALEXIADOU, A.; KISS T. (Eds.). **Handbook of syntax**. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2015. p. 974-1003.

FUMAUX, N. C.; ALONSO, K; CEZARIO, M.M. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. Espírito Santo: **Revista Percursos Linguísticos**, v. 7, n. 14, p. 139-158, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. **Variação e mudança linguística em perspectiva construcional**. Natal: EDUFERN, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **DELTA** [online], v. 15, n. 1, p. 00-00, 1999. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000100004>.

GEERAERTS, D. "Cognitive Linguistics". In: VERSCHUEREN, J. *et al.* (eds.). **Handbook of Pragmatics**, Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). **New Reflections on Grammaticalization**, xiv, 437 p. 83-101, 2002.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 276p.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: Oppositive or orthogonal? *In*: BISANG, W. *et al.* (ed.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOPPER, P. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, 1987. p. 139-157.

HOPPER, P. On some principles of grammaticazation. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **A approaches to grammaticalization**. Amsterdan: Benjamins, p. 17-37, 1991. v. 1.

ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: classes de palavras e processos de construção. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008. v. 2.

JUCÁ FILHO, C. **O fator psicológico na evolução sintática**. Rio de Janeiro: FGV, 1933.

KURY, A. da G. **Novas lições de análise sintática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KURYLOWICZ, J. **The evolution of grammatical categories**. Munich, 1975 [1965].

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira 1 Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP. Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, Oxford, v. 18, n 2, p. 141-165, 1997.

LIMA-HERNANDES, M. C. **Indivíduo, sociedade e língua**: cara, tipo assim, fala sério! São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

LIMA-HERNANDES, M. C. O processamento das funções de base comparativa: proposta de análise funcional. *In*: SEMINÁRIOS DE LINGUÍSTICA FUNCIONAL, 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2006.

LÔBO, C. M. G. N. **A microconstrução “pois não” no português brasileiro**: construcionalização e expansão. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, 2017.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. São Paulo: Globo, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARTELOTTA, M. E. T.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (org). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A; *et al.* (orgs). **Linguística Funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.

MARTINS DALL'ORTO, L. F. **Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa**: uma proposta de rede construcional a partir da linguística funcional centrada no uso. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, 2018.

MARTINS, M. F.; CUNHA LACERDA, P. F. A. Padrões construcionais de marcadores discursivos em contexto de contraexpectativa. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 127-145, 2014.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA, R. V. **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1912. p. 130-148.

NEVES, M. E. M. **Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011 [2000].

NEVES, M. H. M.; HATTNER, M. M. D. As construções comparativas. In: ABAURRE, M. M.; RODRIGUES, A. C. S. **Gramática do Português Falado**. Novos estudos descritivos. Campinas: Editora Unicamp, 2002. v. 8.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definições e fatores de análise. OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). **Linguística centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 22-35.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004 [1996].

RISSO, M. S; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. V. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2002, p. 21-57. v. VI

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2003.

RODRIGUES, V. V. As construções comparativas em língua portuguesa. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 1, p. 1-6, 26 fev. 2016.

RODRIGUES, V. V. Comparativas de igualdade canônicas e não-canônicas em português. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 129-140, 2014.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. C. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 37, p. 83-102, 2019.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v. 60, p. 233-259, 2016.

ROST, C. A. **Olha e veja**: multifuncionalidade e variação. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC: Florianópolis, Santa Catarina, 2002.

ROUSSEAU, J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução Lourdes Santos Machado. Introdução e notas Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999 [1759].

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SALLES, M. **Um estudo sintático-semântico da comparação em português**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1979.

SAMBRANA, V. R. M. **Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver**: uma abordagem construcional. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem, subárea - Linguística) – Rio de Janeiro, Niterói, 2017.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].

SANTOS, L. O.; SOUSA, V. V. A repetição na oralidade como um processo metonímico: um estudo cognitivo-funcional (Repetition in orality as a metonymic process: a cognitive-functional study). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 61-84, 2019. DOI: 10.22481/el.v17i3.5830. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5830>. Acesso em: 20 dez. 2019.

SÉ, J. C. S.; PEZATTI, E. G. Funções interacionais na sala de aula: da subordinação adverbial à subordinação discursiva. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Anáfora e correferência: temas, teorias e métodos**, n. 49, p. 275-292, 2014.

SILVA, A. G. **Orações modais**: uma proposta de análise. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2007.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts; 1957.

SOUSA, V. V. **Os (des)caminhos do você**: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você, 2008. Tese (Doutorado) – UFPB, João Pessoa, 2008.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Volume Especial, p. 139-151, dez. de 2016.

TOMASELLO, M. (ed). **The new psychology of language cognitive and functional approaches to language structures**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

TOMASELLO, M. (Ed.) **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

THOMPSON, H. V. G.; TOTA, F. O.; RODRIGUES, V. V.; A trajetória de gramaticalização de QUE NEM. *In*: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE, 24., Natal, 2012. **Anais [...]**. Natal, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A arquitetura construcional do que nem na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 37, p. 246-271, 2019.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A emergência de domínio funcional e a abordagem construcional da gramática: o caso do que nem no Português Brasileiro. **Revista Odisseia**, v. 4, n. Esp., p. 41 - 61, 22 nov. 2019.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. Que nem no Twitter: o processo de gramaticalização do que nem nas mídias sociais. *In*: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 9., 2015, Vitória da Conquista. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2015.

VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A confluência entre o Funcionalismo e a Gramática de Construções: um estudo sobre as construções comparativas no Português Brasileiro (The confluence between Functionalism and Construction Grammar: a study on comparative constructions in Brazilian Portuguese). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 5-24, 2020. ISSN: 1982-0534. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v18i1.6048>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6048>.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. *In*: LEHMANN, W. P. *et al.* (eds.). **Directions for Historical Linguistic**. Austin/Texas, 1968. p. 95-19.